

FICA 
2026

**27º FESTIVAL
INTERNACIONAL
DE CINEMA E
VIDEO AMBIENTAL**

Água e Clima

no Brasil das nascentes

Catálogo



Catálogo

FICA 2026

Cooperação:



Imprensa Oficial:



Parceria Estratégica:



Correalização:



Realização:





Fica 2026: um despertar para o debate ambiental

Receber mais uma edição do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Fica) na histórica cidade de Goiás é motivo de grande satisfação para nós. Ao longo de quase três décadas de existência, o festival tem desempenhado um importante papel de ampliar o debate ambiental, por meio do diálogo, educação e produção audiovisual.

Nesta 27ª edição, o tema “Água e Clima no Brasil das Nascentes” nos convida a olhar para um patrimônio natural essencial à vida e ao desenvolvimento sustentável. Em um cenário de transformações climáticas cada vez mais evidentes, discutir a proteção das nascentes, dos rios e dos biomas brasileiros significa pensar também no futuro das próximas gerações. Além de um recurso natural, a água representa qualidade de vida, segurança alimentar, desenvolvimento econômico e preservação ambiental. Por isso, promover essa reflexão deve ser uma responsabilidade compartilhada por todos.

Nesta edição, o Fica reúne 38 produções audiovisuais de sete países, entre longas, curtas e médias metragens, reunindo documentários, ficções, animações e obras experimentais. Das 31 produções brasileiras, Goiás lidera a participação entre os estados, com 19 obras selecionadas nas mostras competitivas, evidenciando a força e o crescimento do audiovisual produzido em nosso estado.

Além das mostras de cinema, a programação contempla oficinas gratuitas, debates, ações educativas e atividades voltadas à conscientização ambiental.

Neste ano, o festival também traz novidades como o Cine Bike, uma experiência de cinema ao ar livre movida pela participação do público, que pedala bicicletas para gerar a energia utilizada nas exposições; além do fortalecimento do Fica Gastronômico e da ampliação das formas de reconhecimento aos profissionais e produções participantes.

Com investimento de mais de R\$ 6,1 milhões na realização desta edição, o Governo de Goiás reafirma seu compromisso com a cultura, a preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável. Mais do que um festival, o Fica reafirma o poder da cultura como ferramenta de conscientização, transformação social e valorização do patrimônio ambiental.

Sejam todos muito bem-vindos à cidade de Goiás e ao Fica 2026.



Daniel Vilela

Governador do Estado de Goiás

Fica 2026: Vozes do Cinema e do Meio Ambiente

É com grande alegria que recebemos mais uma edição do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Fica), um dos mais importantes festivais de cinema ambiental da América Latina e um patrimônio cultural do povo goiano. Em 2026, a histórica cidade de Goiás volta a se transformar em espaço de arte, pensamento e conexão com o futuro, reunindo realizadores, pesquisadores, estudantes, artistas e o público em uma programação plural, gratuita e profundamente conectada aos desafios do nosso tempo.

Com o tema **Água e Clima no Brasil das Nascentes**, esta 27ª edição nos convida a refletir sobre a urgência da preservação ambiental e sobre a responsabilidade coletiva de proteger nossos recursos naturais. Em um momento em que o mundo debate os impactos das mudanças climáticas e a necessidade de desenvolvimento sustentável, o Fica reforça o papel da cultura e do audiovisual como instrumentos de conscientização, mobilização e transformação social.

O festival chega fortalecido pelo crescimento expressivo de suas mostras e pela diversidade de produções inscritas, evidenciando a potência do cinema como linguagem capaz de ampliar vozes, promover pertencimento e valorizar identidades. Neste ano, tivemos a ampliação da participação de obras indígenas, de povos tradicionais e de produções vilaboenses, reafirmando o compromisso do Fica com a inclusão, a representatividade e o reconhecimento das múltiplas narrativas que compõem a riqueza cultural do Brasil.

O Fica transcende as telas e se consolida como um espaço de diálogo, aprendizado e construção coletiva. O evento impulsiona o audiovisual, amplia oportunidades para profissionais da área e estimula a circulação da produção cultural em diferentes regiões de Goiás. Ao mesmo tempo, reafirma a importância das políticas públicas culturais e do investimento contínuo na cultura como pilares essenciais para o desenvolvimento humano, social e sustentável.

O Governo de Goiás, por meio da Secretaria de Estado da Cultura, tem orgulho de realizar um festival que une cultura, ciência, educação e meio ambiente em uma experiência coletiva de reflexão e celebração. O Fica é um símbolo da força transformadora da arte e da capacidade do audiovisual de aproximar pessoas, despertar consciências e inspirar novos olhares sobre o presente e o futuro do planeta.

Sejam todos bem-vindos ao Fica 2026. Que este festival fortaleça encontros, sensibilize consciências e nos inspire a construir, juntos, caminhos mais sustentáveis, humanos e solidários.

Yara Nunes

Secretária de Estado da Cultura



Fica 2026: cinema e ciência no fluxo das águas

“Debaixo das janelas tenho um rio correndo desde quando?... Lavando pedras, levando areias. Desde quando?... Aninha nascia, crescia, sonhava.” Entre os poemas da ilustre Cora Coralina, o “Rio Vermelho”, parece perfeito para falar sobre a 27ª edição do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Fica 2026). A poeta faz uma bonita homenagem ao rio que marcou sua infância e o seu retorno à cidade de Goiás, nossa histórica capital.

Neste ano, sob o tema “Água e Clima no Brasil das Nascentes”, o festival nos leva a refletir sobre o fato de nosso país ser a maior reserva de água doce do planeta e sobre a necessidade de protegermos esse patrimônio tão valioso para o equilíbrio climático. Como esta é uma instituição dedicada à formação humana e à produção de conhecimento, nós da Universidade Federal de Goiás (UFG) compreendemos que as mudanças climáticas são desafios contemporâneos centrais para os quais a Instituição deve estar permanentemente atenta.

A realização do Fica 2026, assim como do Canto da Primavera e da Mostra de Teatro Nacional de Porangatu (TeNpo), é fruto de um convênio estratégico entre o Governo do Estado de Goiás e a UFG, por meio da Fundação Rádio e Televisão Educativa e Cultural (Fundação RTVE). Esta parceria traduz o desejo de transformar esses eventos em uma política pública continuada, unindo a expertise técnico-científica e pedagógica da Universidade à gestão cultural para garantir o pleno desenvolvimento dessas iniciativas e o seu impacto social.

O papel da UFG para a sociedade vai bem além das salas de aula. No Fica, a extensão universitária atua como agente de transformação social, não só no apoio à organização do festival de cinema e dos shows musicais, mas também das atividades formativas e oficinas. É um espaço plural onde filmes de diversos países e grandes atrações artísticas se encontram para sensibilizar e inspirar novas narrativas e novas práticas ambientais.

Neste cenário onde “a água se faz território, clima, existência”, como diz a poética descrição do cartaz do festival, celebramos a riqueza de Goiás e do Brasil. Que a inspiração de Cora nos guie nesta travessia. A UFG orgulha-se de ser correalizadora deste evento, reafirmando sua visão de ser referência no desenvolvimento social e sustentável.

Nossas boas-vindas ao Fica 2026. Que as águas destas nascentes possam inspirar as nossas ideias, fortalecendo o nosso futuro.

**Sandramara Matias
Chaves**

Reitora da UFG



Fica 2026 no Brasil das nascentes e do cinema

A histórica Cidade de Goiás, reconhecida pela Unesco como patrimônio da humanidade, volta a ser o cenário de um dos diálogos mais urgentes e necessários do nosso tempo. Em sua 27ª edição, a ser realizada de 16 a 21 de junho, o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Fica 2026) reafirma seu compromisso histórico de unir a sétima arte à conservação do meio ambiente, transformando as ruas de pedra da antiga Vila Boa em parte do cenário para o fórum global de cultura e ciência.

Neste ano, o festival traz como tema “Água e Clima no Brasil das Nascentes”. Trata-se de um convite à reflexão sobre a preservação dos nossos recursos hídricos e sua relação direta com o equilíbrio climático global, em um momento em que as discussões internacionais são impulsionadas pela proximidade da Conferência do Clima da ONU (COP 31), que ocorrerá em novembro em Antalya, na Turquia, em um contexto de sucessivos anos de calor extremo. Como o Cerrado é o nosso “berço das águas”, discutir a proteção das nossas nascentes é, fundamentalmente, discutir o futuro da vida e a mitigação das mudanças climáticas.

Para a Universidade Federal de Goiás (UFG), que desde 2023 atua como correalizadora do evento por meio da Fundação RTVE, o Fica representa uma relevante ação de extensão. É o momento em que o conhecimento acadêmico transborda as fronteiras da universidade para se encontrar com a sociedade, promovendo a educação ambiental e

fortalecendo a cadeia produtiva do audiovisual em nosso estado.

A programação deste ano reflete a diversidade e o vigor da produção contemporânea. Serão exibidos 38 filmes de sete países em nossas mostras competitivas Washington Novaes, Cinema Indígena e Povos Tradicionais, Cinema Goiano e Becos da Minha Terra, com destaque para a força do audiovisual goiano, que lidera a participação nacional. Além das telas, o Fica 2026 oferece um rico espaço de formação com oficinas que vão do uso de drones no monitoramento do Cerrado ao cinema com celular no contexto indígena, além de grandes apresentações artísticas e culturais.

Convidamos a todas as pessoas para mergulharem nesta jornada de arte e debate ambiental. Que o Fica 2026 seja como uma travessia por águas calmas que permita a sensibilização necessária a um futuro mais justo e ecologicamente equilibrado.

Sejam bem-vindas e bem-vindos. Que tenhamos um excelente evento!



Luana Ribeiro

Pró-reitora de Extensão e Cultura da UFG



Tapioca
do
Cerrado

DIVAZES
i

The background is a watercolor-style illustration with horizontal, wavy bands of color. From top to bottom, the colors are: a light blue sky, a pale green band, a dark blue band with white highlights, a white band with light blue highlights, a brown band, a medium blue band, and a dark blue band with white highlights. The word 'sumário' is written vertically in white, bold, sans-serif font across the center of the image.

sumário



APRESENTAÇÃO	12
HOMENAGENS	14
FILMES PARA ADIAR O FIM DO MUNDO	20
MOSTRA INTERNACIONAL WASHINGTON NOVAES	28
MOSTRA DE CINEMA INDÍGENA E POVOS TRADICIONAIS	82
MOSTRA DO CINEMA GOIANO	100
MOSTRA BECOS DA MINHA TERRA	124
MOSTRA O BRILHO QUE FICOU	138
FICA ANIMADO	146
BIKECINE	160
SESSÃO DE CINEMA INDIANO	166
MOSTRA FIOCRUZ	168
SESSÃO METAVERSIDADE	186
SESSÃO ARAGUAIA VIVO	188
SESSÃO MUSEU DOS POVOS INDÍGENAS	192
MOSTRA ECOA	194
SESSÃO FICA NAS ESCOLAS DO CAMPO	200
EKOBÉ - 3ª Temporada	201
MOSTRA VISÕES DE FUTURO	206
VIII FIDEVIDULA - Festival de Videoclipes	210
FÓRUM HORIZONTES	212
TENDA MULTIÉTNICA	228
5º Encontro das Escolas de Cinema e Audiovisual do Brasil Central	230
FICHA TÉCNICA	232



Um Festival no Centro do Mundo

Muda o cinema, mudam as questões ambientais. E o Fica, que se pretende território de encontro entre os dois, tem o desafio permanente de se manter à altura de um tempo acelerado.

Na alta velocidade das transformações contemporâneas, o que discutimos no ano passado sobre o impacto da inteligência artificial na produção audiovisual já perdeu a validade. O cinema brasileiro mostrou mais uma vez sua força com uma presença marcante no circuito internacional de festivais e no Oscar, mas segue enfrentando o mesmo velho gargalo na distribuição e no acesso às janelas de exibição. A COP 30, em Belém, explicitou os impasses da questão energética e climática, mas apontou também para um mapa de saída da era dos combustíveis fósseis. E chegou, por fim, a alvissareira notícia da criação do Instituto Nacional do Cerrado por um consórcio de 26 instituições de ensino e pesquisa — preenchendo uma lacuna histórica: dos grandes biomas brasileiros, só o Cerrado e o Pampa ainda não contavam com institutos de pesquisa que os representem vinculados ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Como manter o cinema como agente relevante no debate ambiental em uma sociedade da atenção cada vez mais fragmentada? Como trazer racionalidade a uma discussão que se tornou uma das pautas mais ideologizadas do mundo contemporâneo, escapando do negacionismo sem recair numa visão antiquada da ciência como autoridade suprema e incontestável? Como seguir pressionando pela reversão do olhar que trata o Cerrado como bioma menor, quando se sabe que o futuro dessa região e da Amazônia estão inevitavelmente entrelaçados, e que acelerar o fim dos combustíveis fósseis depende também de proteger as nascentes que abastecem o país?

Essas são algumas das questões difíceis sobre as quais o Fica se debruça nesta edição.

O tema **Água e Clima no Brasil das Nascentes** orienta grande parte dos debates em um ano em que um El Niño excepcionalmente intenso — possivelmente o mais severo já registrado — promete testar os limites do clima brasileiro e evidenciar, uma vez mais, a centralidade do Cerrado como berço das grandes bacias hidrográficas do país. A programação convoca muitas vozes femininas para esse debate: estão entre as protagonistas de filmes como *A Curva do Rio*, *A Fabulosa Má-*

quina do Tempo e Mundurukuyu — a floresta das mulheres peixe, que integram a sessão Filmes para Adiar o Fim do Mundo.

Essa diversidade de vozes se amplia com a Mostra de Cinema Indígena e Povos Tradicionais, agora aberta a filmes internacionais. E, no ano em que se completam 40 anos de Chernobyl — com os 40 anos do acidente com o Césio-137 em Goiânia já à vista —, o festival reabre o debate sobre os riscos da energia nuclear com um painel e uma retrospectiva de filmes.

Se o ritmo das mudanças é difícil de acompanhar e os desafios parecem grandes demais, o Fica aposta no que sempre apostou: que o cinema ainda é capaz de tornar visível o que a urgência cotidiana obscurece, e que o debate democrático, quando feito com rigor e escuta, ainda é a melhor ferramenta que temos.

Pedro Novaes, Diretor de Programação
Fabiana Assis, Consultora de Cinema
Laerte Guimarães Ferreira Júnior,
Consultor de Meio Ambiente

FICA 2026

27º FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA E VÍDEO AMBIENTAL

Água e Clima
no Brasil das nascentes

16 a 21 de junho
Cidade de Goiás - Goiás - Brasil

fica.go.gov.br

Cooperação:

Imprensa Oficial: tbc, TV GOIÁS

Parceria Estratégica: FOCRUZ

Convite: RTVE, UFG

Realização: GOIÁS

Artista homenageado

Dalton Paula

Nascido em 1982, em Brasília, Dalton Paula vive e trabalha em Goiânia. Entre a pintura, instalação, foto e vídeo performance, sua prática multidisciplinar não escolhe uma só linguagem, mas as convoca todas a serviço de uma mesma urgência. O corpo negro ocupa o centro de sua obra, o examinando desde a história colonial até o tempo presente. Sua arte se envolve com temas de cura simbólica, entrelaçando intrinsecamente dimensões históricas, sociais, econômicas e psíquicas.

Em 2021, Dalton fundou o Sertão Negro ao lado da pesquisadora e professora de cinema, Ceiza Ferreira. A escola, mantida pelo artista e localizada no Setor Shangrilá, na região Norte de Goiânia, é inspirada no conhecimento e no modo de vida dos quilombos e terreiros, entrelaçando arte, práticas comunitárias e princípios bioarquitetônicos. Dalton descreve o Sertão Negro como um conceito, uma ideia e um espaço de vida onde as artes, as comunidades e a natureza estão interligadas. O espaço oferece aulas de cerâmica, capoeira, agroecologia, gravura e programas de residência nacionais e internacionais.

O trabalho desenvolvido no Sertão Negro deu a Dalton o reconhecimento como uma das 100 figuras mais influentes do mundo da arte no ranking anual da *ArtReview*, em 2024. No mesmo ano, foi convidado a fazer parte da *Stranieri Ovunque - Foreigners Everywhere*, 60ª Exposição internacional de arte da Bienal de Veneza e ganhou o Chanel Next Prize, sequenciado pelo Soros Arts Fellowship Awards, concedido pela Open Society Foundation, em 2023. Em 2022, apresentou *Retratos Brasilei-*

ros no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - MASP e *Rota do Algodão* na Pinacoteca de São Paulo.

Suas obras integram acervos de instituições como o MoMA, o MASP e a Pinacoteca de São Paulo, consolidando sua relevância na arte contemporânea global. Em 2026, Dalton levou a mostra *Dupla Cura* para abrir a programação de 20 anos do Instituto Inhotim, apresentando sua trajetória que o torna uma figura já histórica.

A imagem escolhida para representar o Fica 2026 sintetiza algumas das questões mais urgentes do nosso tempo: memória, cuidado, diversidade cultural e a construção de futuros possíveis. Em **“São Cosme, São Damião e Santa Luzia”**, Dalton Paula revisita a iconografia religiosa brasileira para criar uma narrativa que ultrapassa a dimensão da fé e alcança o campo da reparação simbólica e da imaginação histórica.

Ao longo de sua trajetória, o artista tem se dedicado a recontar histórias que foram silenciadas ou marginalizadas pelas narrativas oficiais. Em suas obras, personagens negros ocupam o centro da cena, não como figuras secundárias da história, mas como protagonistas de experiências espirituais, afetivas e coletivas. A pintura escolhida para o festival insere-se nesse movimento. Os santos aparecem representados como crianças negras, portadoras de dignidade, sabedoria e cuidado, deslocando o olhar tradicional e ampliando os horizontes da representação.

A presença de Santa Luzia, associada à visão e à iluminação, acrescenta à composição uma dimensão simbólica ligada ao conhecimento e à capacidade de enxergar além das aparências. Ao fundo, a ave de asas abertas sugere proteção, liberdade e transcendência, enquanto o intenso azul que envolve as figuras cria um espaço suspenso entre o terreno e o sagrado.

A obra também dialoga com uma dimensão recorrente da produção de Dalton Paula: a cura. Em entrevistas, o artista associa sua aproximação com São Cosme e São Damião às memórias de infância e à experiência do cuidado coletivo. Em sua produção mais recente, a ideia de cura extrapola o campo individual para alcançar a memória social, os territórios culturais e as histórias que ainda precisam ser contadas. A cura, nesse contexto, não é apenas um gesto íntimo, mas uma prática compartilhada de reconstrução do mundo.

Ao escolher esta imagem para sua identidade visual, o Fica reafirma seu compromisso com a diversidade cultural, a valorização dos saberes tradicionais e a preservação das múltiplas formas de vida que compõem nosso patrimônio material e imaterial. Assim como os filmes que integram sua programação, a obra de Dalton Paula nos convida a olhar para o passado sem nostalgia, reconhecendo nele as ferramentas necessárias para imaginar futuros mais justos, plurais e sustentáveis.



São Cosme, São Damião e Santa Luzia (2026), de Dalton Paula.

Óleo sobre tela. Foto de Paulo Rezende.

Filipe Bragança

Filipe Bragança é ator, cantor e dublador, com trajetória no teatro, cinema, TV e streaming. Ganhou destaque nacional em novelas como “Elas Por Elas”, “Órfãos Da Terra” e “Chiquititas”, e atualmente atua como seu primeiro protagonista em novela: “Coração Acelerado” (2026, Globo). No audiovisual, esteve em produções como “Dom”, “Justiça 2”, “Betinho”, “Só Se For Por Amor”, e “Últimas Férias”. No cinema, interpretou Sidney Magal no longa “Meu Sangue Ferve Por Você” e protagoniza “100 Dias”, inspirado na trajetória de Amyr Klink. Nos palcos, foi premiado por sua atuação como Marius em “Les Misérables”, conquistando os prêmios Bibi Ferreira e BroadwayWorld Brasil de Ator Revelação.



Coelho Nunes (in memoriam)

Paulo Coelho Nunes é natural de Ceres, Goiás. Formado em Publicidade e Propaganda pela Universidade Cambury-GO e Cinema e Audiovisual pela UEG. Pós-graduado em cinema e dedicava-se ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual pela UFG com pesquisa em animação. A animação era sua grande paixão, dedicou anos de sua vida a pesquisar o tema e foi o idealizador do DIA, Dia Internacional em Animação, que acontece em Goiânia em sua 17ª edição. Paulo faleceu no dia 02 de março de 2026, em Goiânia, após sentir um mal súbito.



Troféu

O Troféu Fica foi concebido em 2025 como uma expressão material dos valores que orientam o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental: a excelência artística, o compromisso socioambiental e a valorização dos saberes criativos. Desde sua criação, a peça passou a integrar a identidade visual e simbólica do festival, sendo mantida em sua concepção original nas edições seguintes.

Inspirado no logotipo do Fica, que remete à figura do pequizeiro, árvore emblemática do Cerrado brasileiro, o troféu apresenta uma composição geométrica que sugere crescimento, enraizamento e permanência. Suas formas abstratas evocam a força da natureza e a capacidade de regeneração presente tanto nos ecossistemas quanto nas expressões culturais.

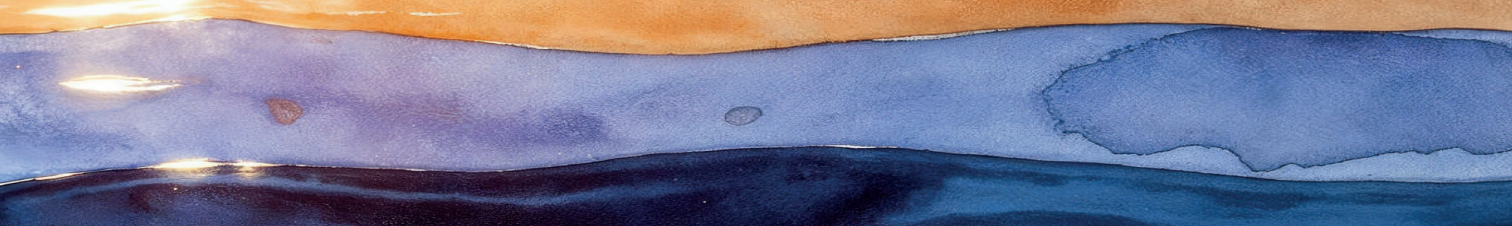
A concepção é assinada pelo artista, designer e professor **Marck Al**, que idealizou a peça a partir da utilização exclusiva de madeiras de reaproveitamento, reforçando a ideia de que materiais carregados de história podem adquirir novos significados por meio da arte e do design.

A execução ficou a cargo de **Nando de Sousa**, artesão, marceneiro e designer, que selecionou cuidadosamente madeiras provenientes de demolições e antigas estruturas construtivas. Entre as

espécies utilizadas estão a peroba-rosa, o angelim-pedra e a imbuia, madeiras que expressam a diversidade e a riqueza dos biomas brasileiros.

Mais do que uma premiação, o troféu constitui um símbolo permanente do Fica. Cada peça preserva a singularidade da matéria-prima e do trabalho artesanal, transformando vestígios do passado em um reconhecimento que celebra o cinema, a cultura e a responsabilidade ambiental. Mantido em sua forma original desde sua criação, o troféu reafirma, a cada edição, os valores que fazem do Fica um espaço de encontro entre arte, reflexão e sustentabilidade.





Criadores



Concepção - Marck AI

Marcilon Almeida de Melo (Marck AI) é artista, designer, professor e consultor. Formado em design gráfico pela Faculdade de Artes Visuais da UFG, mestre em Cultura Visual, com foco em interfaces gráficas (FAV/UFG), e doutor em Arte e Tecnologia pela UnB. Como designer, foi fundador do pioneiro estúdio de design multidisciplinar “Nitrocorpz”, onde desenvolveu projetos para clientes nacionais e internacionais, incluindo Google, MTV, Nike, Globo, Audi, entre outros. Interesses principais são: design, comunicação, branding, tipografia, tecnologia, cognição, arte e cidades inteligentes.



Execução - Nando de Sousa

Nando de Sousa é artesão, marceneiro e designer. Natural de Silvânia, cidade do interior de Goiás, criou em 2020 o Estúdio Tots, seu ateliê de marcenaria, onde dedica-se à criação e produção de mobiliário e objetos em madeira. Seu trabalho artesanal, essencialmente intuitivo e manual, se destaca pela forma criativa de desenvolver seus projetos utilizando uma grande variedade de espécies de madeiras brasileiras, empregando técnicas tradicionais da marcenaria e tendo como prioridade de processos de produção sustentáveis.



SESSÕES FILMES
PARA ADIAR O
FIM DO MUNDO:

Em 2022, durante o 23º FICA, algo aconteceu que só pode ser descrito como um momento de graça. Na plateia de *Adeus, Capitão* — o comovedor filme de Vincent Carelli sobre o Capitão Krohokrenhum, histórico líder do povo Gavião — estava Ailton Krenak, homenageado daquele ano. Os membros do júri da Mostra Washington Novaes naquele ano foram tomados por uma certeza: aquilo precisava ter nome. Inspirados no título de um dos livros de Krenak, cunharam a homenagem **Filmes para Adiar o Fim do Mundo** e a entregaram a Carelli.

Desde então, o FICA adotou esse título para suas sessões de filmes convidados — e dificilmente poderíamos ter encontrado uma definição mais precisa para o que fazemos. Um festival de cinema ambiental é, no fundo, um festival de filmes que resistem ao fim. Filmes que documentam o que ainda resta, que escutam o que está prestes a silenciar, que nos devolvem a pergunta sobre o tipo de mundo que queremos continuar habitando.

Nesta edição, três sessões carregam essa designação. Cada uma, à sua maneira, recusa qualquer forma de rendição.

O filme de abertura, *A Curva do Rio*, de Kassio Pires, começa com uma pergunta simples: por que Anair tem medo das profundezas do Rio Paranaíba? A partir dela, o curta goiano expande seu horizonte para falar de pertencimento, de identidade interiorana, do que se perde e do que persiste quando um jovem parte e um dia retorna. O Cerrado não é mero pano de fundo, e sim personagem. Anair, avó do diretor, também não é apenas uma figura afetiva,

mas a encarnação de um tipo de presença no mundo que o cinema brasileiro historicamente ignorou.

A Fabulosa Máquina do Tempo, de Eliza Kapai, nos leva ao sertão do Piauí para acompanhar meninas que brincam entre o passado de suas mães e os seus próprios sonhos de futuro, uma travessia da infância à adolescência num lugar onde o peso das convenções ainda é imenso. É um filme sobre o que as mulheres carregam e sobre o que as meninas imaginam. Sobre o intervalo entre o que foi e o que ainda pode ser.

Em *Maira Porongyta* — o aviso do céu, da diretora Kujãesage Kaiabi, a crise climática é abordada pelo olhar indígena, com a cosmologia do povo Kaiabi trazendo um alerta urgente sobre a devastação da Terra e transmitindo uma mensagem dos deuses sobre o futuro da humanidade.

Por fim, a sessão de encerramento pertence a *Mundurukuyü — A Floresta das Mulheres Peixe*, dirigido por Aldira Akay, Beka Munduruku e Rylcélia Akay. Na aldeia Sawre Muybu, às margens do Tapajós, a mitologia Munduruku revela uma cosmologia em que humanos, plantas e animais não são categorias separadas, mas desdobramentos de uma mesma origem. Encerrar o festival com esse filme é uma escolha deliberada: depois de dias debatendo crise climática, inteligência artificial, identidade e memória, o FICA se despede com uma imagem do mundo em que essas fronteiras nunca existiram.

Adiar o fim do mundo não é uma metáfora otimista. É um ato de resistência cotidiana que esses filmes praticam.

FILMES PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

FILME DE ABERTURA

A Curva do Rio

O Rio Paranaíba tenta entender, em meio à imagens de um cotidiano utópico, porque Anair tem tanto medo de suas profundezas. A Curva do Rio explora a construção da identidade do interior do Brasil e sua pluralidade — o que Kassio costuma chamar de neocaipirismo — e, como consequência, o Cerrado. O projeto nasceu com a proposta de ser um documentário, mas ao longo do tempo se tornou cada vez mais híbrido e mais próximo da ficção, segundo o roteirista e diretor.

Ficção | Goiás, Brasil | 18 min | 2025

Direção e roteiro: Kassio Pires

Fotografia: Thaís Robaina

Montagem: Fabian Remy

Som: Belém de Oliveira

Produção: Wadih Elkadi



SESSÕES ESPECIAIS

A Fabulosa Máquina do Tempo

Numa pequena cidade do sertão do Piauí, as meninas brincam entre o passado miserável de suas mães e seus sonhos fantásticos de futuro. Ali, onde o homem ainda é o gigante da mulher, elas se aventuram na travessia da infância para o adolescer.

Documentário | Rio de Janeiro, Brasil
| 72 min | 2026

Direção: Eliza Capai

Roteiro: Eliza Capai e Daniel Grinspum

Fotografia: Carol Quintanilha

Montagem: Daniel Grinspum e Eliza Capai

Som: Daniel Turini, Marília Mencucini, Julia

Teles e Luisa Lemgruber

Produção: Mariana Genescá



FILMES PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

SESSÕES ESPECIAIS

Maira Porongyta - O aviso do céu

Itaarió, criador do mundo, é o mais poderoso entre os Mait, os deuses do povo Kaiabi. Ele convoca os outros Mait para uma reunião no céu, onde transmite um aviso inquietante.

Direção: Kujãesage Kaiabi

Roteiro: Tuiaraiup Kaiabi, Aruti Kaiabi

Fotografia: Ukaraiup Kaiabi, Tairi'i Kaiabi, Paulo Castiglioni

Montagem: Kujãesage Kaiabi, Ukaraiup Kaiabi, Rywa Kaiabi, Julia Bernstein, Tatiana Gouveia

Som: Damião Lopes

Produção: Julia Bernstein, Tiago Carvalho



SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Mundurukuyu - a floresta das mulheres peixe

Nas margens do Tapajós, no Pará, a floresta das mulheres peixe espelha a mitologia Munduruku, onde humanos, na origem do mundo, se transformaram em florestas, plantas e animais. No dia-a-dia da aldeia Sawre Muybu, os espíritos da floresta não são apenas forças espirituais ancestrais, mas parte da família.

**Documentário | Rio de Janeiro, Brasil
| 72 min | 2025**

Direção: Aldira Akay, Beka Munduruku, Ricélia Akay
Roteiro: Aldira Akay, Beka Munduruku, Ricélia Akay, Estevão Ciavatta Pantoja
Fotografia: Carlos Araió Nascimento
Montagem: Luana Bazhuni
Som: João Jabace e Luis Rodrigues
Produção: Estevão Ciavatta Pantoja





**MOSTRAS
COMPETITIVAS**





MOSTRA INTERNACIONAL
WASHINGTON
NOVAES

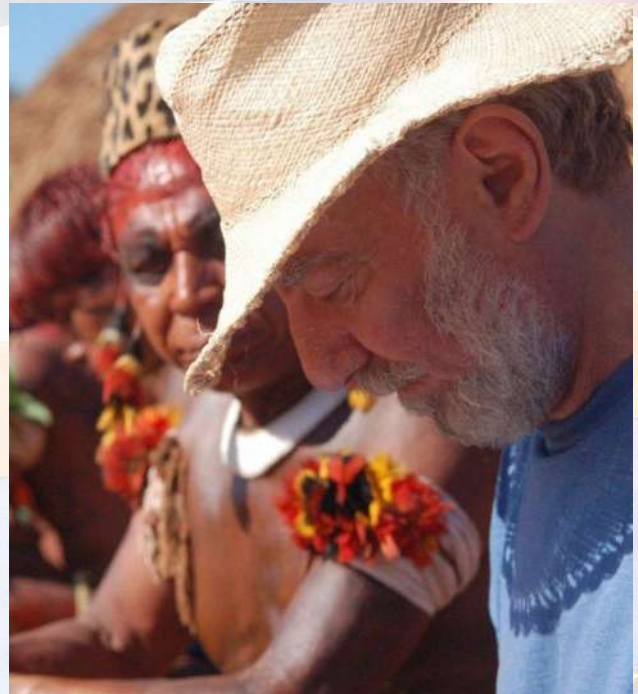
Washington Luiz Rodrigues Novaes nasceu em 3 de junho de 1934 na cidade de Vargem Grande do Sul (SP). Filho de uma costureira e de um professor primário e político, formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo, mas logo encontrou no jornalismo sua vocação. Passou pelas redações de alguns dos principais veículos de comunicação brasileiros, como a Folha da Manhã, o jornal A Última Hora e a Revista Visão. Na televisão, foi um dos responsáveis pela fase áurea do Globo Repórter, onde atuou como Chefe de Reportagem entre 1977 e 1981.

Foi também no Globo Repórter que, pela primeira vez, teve contato com os povos indígenas brasileiros, que se tornariam uma de suas paixões e grandes causas. Depois de passar pelo Jornal Nacional, mudou-se para Goiânia, em 1982, para dirigir o jornal Diário da Manhã. Um de seus trabalhos mais conhecidos foi a série “Xingu”, realizada em duas épocas — 1984 e 2006 —, a primeira exibida pela extinta TV Manchete, a segunda pela TV Cultura, ambas com grande repercussão. Ainda na TV Cultura realizou vários documentários de temática ambiental, como “O Desafio do Lixo” e “Cerrado: Urgente”.

Como articulista de jornais como Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Popular, Washington foi o grande pioneiro da pauta ambiental no jornalismo brasileiro, trazendo o tema para o centro do debate em uma época em que ainda não recebia a devida atenção. Seu conhecimento e visão, levaram-no também a trabalhar como Secretário

de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia do Distrito Federal, entre 1991 e 1993, e como consultor do PNUD e do Ministério do Meio Ambiente. Entre outros, recebeu o Prêmio Rei de Espanha de Jornalismo e o Prêmio Esso Especial de Ecologia e Meio Ambiente.

Washington participou em 1999 da criação do Fica e trabalhou durante vários anos como coordenador e consultor de meio ambiente do festival. Falecido em 2020, aos 86 anos, dá nome hoje à principal mostra do festival.





COMISSÃO
DE SELEÇÃO

COMISSÃO DE SELEÇÃO

Ariel Henrique

Com 18 anos de experiência no Audiovisual, Ariel Henrique é Mixador e Supervisor de Som com dezenas de longas-metragens, documentários e séries em sua filmografia. É professor na Academia Internacional de Cinema, consultor técnico de áudio para o Instituto Fraunhofer no Brasil e, em 2024, fundou a MÔNADA Post, um estúdio de Pós-produção de Som para conteúdos audiovisuais, sediado em São Paulo. Em 2025, ganhou o Prêmio de Melhor Som no Festival do Rio pelo filme “Love Kills”, trabalho em que assina Desenho de Som e Mixagem. No mesmo ano, recebeu o direito do uso da sigla “ABC” em reconhecimento à sua trajetória no Audiovisual. Desde então, é creditado como “Ariel Henrique, ABC” nos projetos em que participa. Alguns trabalhos de destaque incluem o longa “Chuva É Cantoria Na Aldeia dos Mortos” – ganhador do prêmio do Júri na Mostra Un Certain Regard do Festival de Cannes 2018, a cinebiografia “Nosso Sonho”, a comédia “Evidências do Amor” e a série “Encantado’s” (Globoplay).



Carlos Cipriano

Carlos Cipriano Gomes Junior é goianiense, produtor, professor e realizador audiovisual desde 2001. Formado em Rádio e TV pela UFG (2001), especialista em Cinema pela Skópos Escola de Cinema (2004), mestre em Realização Audiovisual (2022) e Cinema Alternativo pela EICTV - Cuba (2025) e em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio pela UEG (2025). Professor de produção e realização audiovisual há mais de 20 anos em faculdades e universidades de Goiás, leciona desde 2014 nos cursos Técnico Integrado em Produção de Áudio e Vídeo e Bacharelado em Cinema e Audiovisual do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFG) – Câmpus Cidade de Goiás. Atuou em diferentes funções técnicas em equipes de curtas, longas e séries, foi curador de mostras e festivais, coordenador de projetos voltados à exibição cinematográfica, presidiu a Associação Brasileira de Documentaristas e Curtametragistas – Seção Goiás (ABD-GO) e o Conselho Estadual de Cultura de Goiás. Realizador do premiado curta “para Carlos” (2024), selecionado em mais de 60 festivais na América, Europa, Ásia, África e Oceania.



Ceição Ferreira

Ceição Ferreira é doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), professora efetiva e pesquisadora do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Desenvolve atividades de ensino, pesquisa, curadoria e extensão nas áreas de comunicação, artes, cultura, raça, gênero e sexualidade no cinema e no audiovisual. Co-fundadora do Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes, em Goiânia/GO; idealizadora e diretora do Cineclubes Maria Grampinho, cuja proposta curatorial destaca os cinemas negros. Em 2025 co-organizou o livro “Cinema Negro no Feminino: Afeto e Pertencimento Além das Telas”, publicado pela Nau Editora; e coordenou as exposições “O Sertão é nosso centro” e “Poéticas de Subversão: Mulheres artistas em Goiás” (Centro Cultural Octo Marques, Goiânia/GO). Em 2024, foi co-organizadora da coletânea Águas Correntes: Mulheres no Audiovisual do Centro-Oeste (Editora da UEG) e integrou a comissão de seleção da 6ª edição do Laboratório Negras Narrativas, da Associação de Profissionais do Audiovisual Negro (APAN).



Deivid Mendonça

Deivid Mendonça é roteirista, produtor e realizador goiano. Pós-graduado em roteiro e escrita criativa pelo Instituto Vera Cruz, é bacharel em audiovisual pela UFRJ, com experiências múltiplas no desenvolvimento, pesquisa, produção, curadoria e pesquisa. Atua no setor cultural há mais de dez anos, tendo escrito filmes como Ana e as Montanhas (Tiradentes 2024) e projetos selecionados para laboratórios nacionais e internacionais como Guiões, SANFIC e RotaLab. Diretor no documentário Contraturno (Kinoforum) e produtor executivo de projetos como Vento Seco (Berlinale 2020). Tem atuação ainda como professor audiovisual e parecerista cultural para distintas instituições.



Eliézer Cardoso de Oliveira

É graduado e mestre em História pela UFG/GO, doutor em Sociologia pela UnB e realizou estágio pós-doutoral em Ciências da Religião (PUC/GO) e em História (UFG/GO). Atua como professor do curso de graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás, em Anápolis. É membro do Instituto Histórico Geográfico de Goiás (IHGG), do Instituto Bernardo Élis para os povos do Cerrado (ICEBE) e integrante do Conselho Estadual de Cultura de Goiás. É líder do Grupo de Pesquisa do CNPq Expressões Culturais no Cerrado, editor fundador da Revista Nós: linguagens, cultura e estética. Atualmente desenvolve a pesquisa sobre a representação das águas no cerrado goiano. É autor e organizador de vários livros e artigos com temas relacionados às expressões culturais, patrimônio e estética visual, destacando a coautoria na trilogia sobre a História de Goiás e o livro A Estética da Catástrofe. É coordenador do Laboratório Universitário de Produção e Pesquisas Audiovisuais (LUPPA), responsável por produzir vários documentários e dissertações e teses sobre a produção audiovisual no cerrado brasileiro.



Murilo Gabriel Bueno

Professor, pesquisador e realizador audiovisual, doutor em Performances Culturais pela UFG, com tese sobre a construção do espaço e da atmosfera de medo nos jogos de videogame de terror e horror a partir da estética e da fenomenologia. Mestre em Comunicação pela UFG, com pesquisa sobre os arquétipos femininos na filmografia da cineasta Tata Amaral. Realizou intercâmbio acadêmico na França, com participação na produção de vídeos para a webtv da Université Catholique de l'Ouest. Especialista em Cinema e Educação pelo IFITEG e graduado em Publicidade e Propaganda. Dirigiu o curta-metragem “A Doença de Fabrício”, contemplado por edital da Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia. É servidor técnico de audiovisual no Instituto Federal de Goiás (IFG), coordenador de cursos no programa Escult (MinC/IFG) e professor permanente do Mestrado Profissional em Artes — ProfArtes/IFG. Atualmente é professor efetivo de Publicidade e Propaganda na PUC-GO, onde leciona Fotografia, Audiovisual e Teorias da Imagem. Atua nas interfaces entre cinema, videogame, gamificação e fotografia.



Shalimar Lima

Shalimar Lima é arquiteta e urbanista formada pela Universidade Federal do Amazonas, gestora de projetos socioambientais e produtora cultural, com atuação situada nas disputas concretas por território, clima e direito à vida na Amazônia. Cofundadora e diretora da OCA Amazônia, desenvolve e implementa projetos em parceria com comunidades indígenas, tradicionais e periféricas, a partir de metodologias participativas que reposicionam o fazer técnico como prática comprometida com autonomia, governança comunitária e justiça climática, atuando em mais de 30 territórios amazônicos e articulando organizações de base, instituições públicas e OSCs na formulação e execução de soluções territorializadas. É idealizadora e curadora da Ecoa – Mostra Socioambiental de Cinema de Manaus, iniciativa que fortalece a circulação de obras alinhadas às urgências socioambientais e ao protagonismo amazônico, entre circuitos e territórios populares. Integra equipes de produção e direção de arte e co-dirigiu o curta experimental *Intercessões* (2024), selecionado para festivais no Brasil, Europa e América Latina, além de ter participado do programa *Filhas da Floresta*, formação em audiovisual realizado pelo Instituto Rouanet em parceria com o Instituto Arumã, e do *Generation Earthshot*, programa internacional vinculado ao *The Earthshot Prize*.





Tuanny Medeiros

Tuanny Medeiros é roteirista e sócia-fundadora da produtora Reduto Filmes. Atua com curadoria e desenvolvimento de projetos de ficção e documentário. Foi bolsista Fulbright Brasil New Voices e co-roteirista do curta de ficção “Manhã de Domingo” (2022), premiado com o Urso de Prata na Berlinale. Foi roteirista na série “Sobrepostas” (2024) para o Canal Brasil e atuou como assistente de roteiro em projetos para Amazon, Netflix e Canal BIS. Estreou na direção com o curta documental “Luis do Charme” (2026).





MOSTRA INTERNACIONAL WASHINGTON NOVAES

Cinema ambiental, denúncia e novas formas de narrar o mundo

Existe algo particularmente inquietante no cinema ambiental quando ele deixa de buscar apenas a imagem da denúncia e passa também a interrogar as próprias formas de ler e imaginar o mundo. Ao longo deste processo curatorial, a comissão de seleção do 27º Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA) buscou filmes interessados em investigar não só as consequências da crise climática, das disputas territoriais e das contradições socioeconômicas do presente, mas também os modos de representar sensivelmente esse mundo em esgotamento.

Um traço imediato desta seleção é sua heterogeneidade formal. Entre documentários de observação rigorosa, experimentações, filmes de ficção, animação e obras de linguagem híbrida, a curadoria reúne trabalhos que dialogam com as artes visuais, a performance e a ficção científica, compondo filmes que pensam exploração, deslocamentos, identidade e memória de maneiras genuínas e inventivas, explorando diferentes gramáticas visuais e sonoras sem abandonar a urgência da dimensão política. Em um contexto marcado pela banalização das imagens de crise e pela saturação dos discursos sobre o colapso, as obras selecionadas mostram-se

empenhadas em restituir peso e complexidade aos sujeitos e acontecimentos retratados pelo cinema.

Entre os filmes analisados, buscou-se construir uma seleção capaz de preservar o caráter internacional da mostra e fortalecer a representatividade goiana. Nesse equilíbrio entre diferentes escalas, linguagens e contextos de produção, foram selecionados quatorze filmes, distribuídos entre: três curtas nacionais goianos; dois curtas nacionais de outros estados; três curtas internacionais; três longas nacionais e três longas internacionais.

O tema deste 27º Fica, **Água e Clima no Brasil das Nascentes** também atravessa tais produções de modo orgânico, sem se tornar uma moldura rígida. Eles problematizam a escassez da água ou mostram seus elementos poéticos, o que se mostra oportuno, já que preservar as nascentes de água potável é um dos principais desafios do mundo contemporâneo, principalmente para o bioma do cerrado, reconhecidamente como o celeiro das águas. O tema torna-se ainda mais significativo em um festival realizado em uma cidade que nasceu e cresceu em simbiose com o Rio Vermelho, relação que atravessa a memória da antiga Vila Boa.

Deste modo, as obras reunidas nesta edição evidenciam que a crise climática incide de maneira desigual sobre diferentes comunidades e modos de vida, tornando incontornável a disputa por quem detém o poder de narrar. Entre produções brasileiras e internacionais, a seleção aproxima experiências e cria tensões entre Norte e Sul Global. Nas produções nacionais e goianas, destacam-se obras voltadas a contextos historicamente invisibilizados, como periferias urbanas, zonas rurais e comunidades tradicionais.

Também ganha força a presença de mulheres realizadoras, já que nove filmes da seleção têm direção feminina ou de realização compartilhada com mulheres, dado que não é periférico, mas estrutural: são essas vozes que têm narrado com mais precisão a relação entre território, corpo e pertencimento. Muitos desses filmes recusam leituras generalizantes da crise socioambiental e evidenciam seus atravessamentos por território, identidade, classe e colonialidade, sem abrir mão de imaginar possibilidades de resistência e continuidade.

A Mostra Washington Novaes 2026 é, em última instância, uma afirmação de que o cinema pode ser ritual, manifesto, luto, cerimônia e resistência. Que os territórios mais urgentes do planeta são também aqueles onde se fazem os filmes mais necessários. E que um festival de cinema ambiental cumpre seu papel quando não apenas denuncia a crise, mas a faz sentir, ver e, quem sabe, enfrentar.

Ariel Henrique
Carlos Cipriano
Ceição Ferreira
Deivid Rodrigues
Eliézer Oliveira
Murilo Gabriel Bueno
Shalimar Luísa
Tuanny Medeiros
(Comissão de seleção)

MOSTRA INTERNACIONAL WASHINGTON NOVAES



JÚRI DE
PREMIAÇÃO

JÚRI DE PREMIAÇÃO

Antônio Pitanga

Nascido em 1939, na cidade de Salvador, teve uma infância comum a todos os meninos pobres deste país. Contudo, soube mudar a trajetória traçada para o garoto carente daquela época, quando os preconceitos sociais e raciais eram bastante fortes – como, de resto, o são até os dias de hoje. Estudante de colégio interno exerceu diversas profissões: alfaiate, sapateiro, gráfico e carteiro, até chegar ao mundo das artes, pelo Movimento “Cinema Novo”. A partir daí, seu caminho estaria definitivamente vinculado aos movimentos culturais do país. Com sua vida inteira dedicada à cultura – trabalhou na Europa, África, Teerã e América Latina – e sempre preocupado com os graves problemas sociais do Brasil, seu envolvimento com a política seria inevitável. E foi justamente o seu compromisso com a cultura, a educação, a luta do povo negro e o combate a todas as formas de discriminação – dentre as quais o racismo – que exerceu dois mandatos como Vereador da cidade do Rio de Janeiro. Foi ainda Secretário de Estado de Ação Social, Esporte e Lazer do Rio de Janeiro e Diretor-Presidente da Nova Obra Social do Estado do Rio de Janeiro – entidade não-governamental que atua na área social, junto aos órgãos oficiais do Governo do Estado.





Benedito Ferreira

Benedito Ferreira é artista visual, realizador audiovisual e pesquisador. Doutor em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Sua prática investiga a imagem como escrita, explorando a poética dos arquivos, seus modos de montagem e o apagamento das fronteiras entre documento e ficção. Transita entre audiovisual, objetos, instalação, direção de arte, cenografia e fotografia, sem hierarquizar meios. Nos últimos anos, apresentou trabalhos e colaborou com instituições em países como Colômbia, Uruguai, Argentina, México, Portugal, França, Armênia, Polônia e Coreia do Sul. Roteirizou e dirigiu as longas-metragens *A Última Imagem* (2021) e *Granada* (2023). Em 2021, recebeu o Prêmio Rumos Itaú Cultural, com o qual realizou a série de vídeos *O Vizinho Silencioso*, desenvolvida a partir do encontro com vítimas do césio-137 em Goiânia. Em 2025, publicou o livro *Agora e Pouco Antes: Direção de Arte e Cinema Brasileiro*, dedicado à historiografia da direção de arte e resultado de mais de dez anos de pesquisa. Concede e coordena o *Vigília – Ateliê Dentro da Imagem*, voltado ao acompanhamento de processos artísticos de jovens artistas em Goiás, e integra a direção artística e curadoria da *FAROLETE – Mostra de Artes do Vídeo*, dedicada à difusão e reflexão sobre práticas contemporâneas do vídeo e suas interseções com as artes visuais..



Caetano Scannavino

Caetano Scannavino Filho, empreendedor social com quase 40 anos de atuação na Amazônia, é coordenador geral da ONG Projeto Saúde & Alegria - PSA (www.saudeealegria.org.br). Nascido em São Paulo/SP, se profissionalizou nas áreas de vídeo e fotografia, tendo se mudado para Amazônia em 1988 para apoiar o início das ações do PSA, ajudando na época a estruturar o setor de Comunicação Social, se tornando depois coordenador da Organização. A partir dos resultados alcançados, prêmios e conhecimentos obtidos pelo trabalho do PSA, vem sendo demandado de forma crescente para disseminar suas experiências, assessorar processos de transferência de tecnologias socioambientais junto à outras Instituições, bem como integrar novas frentes, redes e articulações afins em prol de um futuro mais harmônico, incluyente e sustentável.





Carol Benjamin

Carol Benjamin é cineasta. Criadora, roteirista e diretora de montagem da série de ficção Original Globoplay A Vida Pela Frente (10EPs, 30', 2023), finalista no Prêmio Grande Otelo do Cinema Brasileiro (Melhor Série de Ficção) e no Prêmio ABRA de Melhor Roteiro de Série de Ficção (2024). Seu longa de estreia como diretora, Fico Te Devendo Uma Carta Sobre O Brasil (88', 2019), foi premiado no mais importante festival de documentários do mundo, o IDFA (2019), no É Tudo Verdade (2020) e finalista do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro (2021), entre outras premiações. É diretora-geral e montadora do longa de ficção Insubmissas (72', 2024), que estreou no Festival do Rio e rodou amplo circuito de festivais. Em 2025 lançou o curta-metragem Sobre Ruínas (19'), exibido no É Tudo Verdade e no Festival do Rio, e premiado no Festival de Vitória e Bonito Cine Sur. É roteirista e produtora do longa-metragem Divinas Divas (110', 2017), de Leandra Leal, documentário de maior público no Brasil no ano de seu lançamento, atualmente disponível na Netflix. Por este trabalho, Carol ganhou o II Prêmio ABRA de Melhor Roteiro de Documentário e o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro 2018 (Melhor Documentário), além de diversos prêmios em festivais como o prestigioso South by Southwest (SXSW, EUA).



Juliana Paniagua

Gestora cultural e professora com mais de 14 anos de experiência na concepção, produção e gestão de projetos culturais e criativos. É cofundadora e codiretora do Festival de Cinema Verde de Barichara (Festiver), o primeiro e maior festival de cinema ambiental da Colômbia, de acesso gratuito, que realizará sua 16ª edição em 2026. Seu trabalho tem se concentrado na criação de experiências culturais, na circulação audiovisual e na formação de públicos, com foco em sustentabilidade e construção da paz. Atuou em programação, gestão de recursos, articulação de parcerias institucionais e desenvolvimento de projetos com impacto cultural e social, além de acompanhar processos em diferentes áreas, da legendagem à hospitalidade. Também participou da produção de eventos culturais e acadêmicos em diversos formatos, fortalecendo a conexão entre conteúdos, públicos e territórios. Atualmente, é professora e acompanha processos de elaboração e execução de projetos audiovisuais, organização de eventos e empreendedorismo cultural, integrando a prática profissional à formação acadêmica.





Lázaro Ribeiro

Lázaro Ribeiro é cineasta, fotógrafo e pesquisador vilaboense. Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás, Pós-graduado em Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania, Mestre em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Foi o Primeiro Secretário de Políticas de Promoção da Igualdade e Equidade Étnico-Racial do município de Goiás, Diretor do Museu da memória de Goyaz. Sua filmografia é composta por mais de 26 curtas-metragens entre ficção e documentário, destacando: Maria Macaca (2015) vencedor de vários prêmios em festivais e mostras nacionais e internacionais, entre eles: Troféu Luiz Gonzaga Soares e Troféu José Petrillo - FICA 2015. Sua produção audiovisual que iniciou no FICA, tem como propósito salvaguardar o patrimônio imaterial da cidade de Goiás que completa 300 anos em 2027, ressaltando: Hugo (2017) – sobre Hugo de Carvalho Ramos, Caminho de pedras (2011) - sobre Cora Coralina, Veneno (2010). Entre troféus e homenagens recebeu do Governo do Estado de Goiás por meio do Conselho Estadual de Cultura “Medalha de Mérito Cultural”, pela importante contribuição à cultura goiana por meio do audiovisual em 2015. Em 2025 recebeu da Polícia Militar do Estado de Goiás a comenda de Ordem do Mérito Tiradentes.



Patricia Yxapy

Professora, realizadora audiovisual, curadora, roteirista do Povo Mbyá-Guarani e mãe do Dionísio Verá Poty. É uma das pioneiras na produção audiovisual de mulheres Guarani no Rio Grande do Sul. Acredita no cinema como ferramenta para as lutas do povo guarani. Em suas filmografias fala da resistência, fronteiras, caminhadas, território, espiritualidade e do modo de vida Mbyá-Guarani enfatizando o protagonismo feminino. Mora na Aldeia Tekoa Koe'ju, em São Miguel das Missões/RS, onde leciona desde 2006. Em 2007, cofundou o Coletivo Mbyá-Guarani de Cinema dirigindo filmes premiados como Bicicletas de Nhanderu (2011), Desterro Guarani (2011), Tava, a casa de pedra (2012), e o curta-metragem Nossos Espíritos Seguem Chegando (2021), com Bruno Huyer e Ariel Kuaray Poty, além do filme TEKÓ HAXY – ser imperfeita (2018), codirigido com Sophia Pinheiro. É uma das conselheiras da Katahirine - Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas e atualmente está cursando graduação em Língua, Arte e Literatura (Intercultural Indígena, UFMG).



MOSTRA INTERNACIONAL WASHINGTON NOVAES



JÚRI
JOVEM

JÚRI JOVEM

Hitallo Torquato

Hitallo Torquato é cineasta em formação pelo curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e ator, com formação técnica em Artes Dramáticas pela Escola do Futuro Basileu França. Atua também como roteirista e diretor de arte. Sua linguagem autoral é marcada por uma pesquisa estética que atravessa o corpo, a memória e o sagrado, construindo narrativas sensíveis e poéticas.

Mesmo em início de trajetória como cineasta, seus filmes Relicário (2024) e Depois do Amém (2025) já circularam por importantes festivais nacionais, tendo sido premiado na Goiânia Mostra Curtas como Melhor Filme na Mostra Origens. Atualmente, é diretor de cena na UEG TV e CRIALAB|UEG.





Larissa Braga

Larissa Braga é goianiense e tem formações técnicas em balé clássico e teatro pela Escola do Futuro em Artes Basileu França. Cursa Direção de Arte Bacharelado na Universidade Federal de Goiás. Participou em montagens teatrais como atriz, diretora de arte, figurinista, assistente de cenografia e assistente de produção. Além disso participou de projetos audiovisuais enquanto atriz e participa do Núcleo Cinelivre como extensionista e monitora.



Céu dos Santos Medrado

Céu dos Santos Medrado é estudante do quinto período de Cinema e Audiovisual pelo IFG, campus Cidade de Goiás.



MOSTRA INTERNACIONAL WASHINGTON NOVAES



JÚRI DA
IMPrensa



JÚRI DA IMPRENSA

Mariliz Pereira Jorge

Colunista da Folha de S.Paulo, colunista e comentarista do Canal Meio. Vencedora do Troféu Mulher Imprensa 2022 – categoria colunista. Fala sobre atualidades, feminismo, igualdade de gênero, maturidade, sexo e comportamento. Atuou na cobertura de saúde e bem-estar na Folha, em revistas da editora Abril e da editora Globo, momento em que se especializou em nutrição, fitness, beleza. Foi titular de um coluna sobre sexo na revista GQ. Encara a vida de maneira descomplicada e sem amarras, compartilha seu estilo de vida e sua visão de mundo por meio de suas redes, com leveza, bom humor e informação. É inspiração para mulheres de sua faixa etária, mas também para um público mais jovem que reconhece nela o modelo de mulher possível. Gosta de nadar no mar, fazer ioga e detesta musculação, mas faz por obrigação. Pulou de paraquedas, mas tem medo de barata. Tem 54 anos, é casada, apaixonada pelos seus dois pets Mia e Ziggy. É uma voz que representa a opção da não-maternidade.





Paula Falcão

Jornalista, formada pela Universidade Federal de Goiás UFG e pós-graduada pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) em Gestão da Comunicação em Mídias Sociais, está à frente da plataforma de conteúdo Aproveite a cidade. É uma TEDx Speaker. Já teve seu trabalho com audiovisual para internet reconhecido pelo Youtube Brasil. Atuou como repórter em veículos como O Popular e CBN Goiânia.



Thiago Medaglia

Thiago Medaglia é fundador e diretor-executivo da Ambiental Media, uma das organizações mais premiadas do ecossistema de mídia independente do Brasil. Jornalista com mais de 20 anos de experiência em ciência e meio ambiente, foi editor da revista National Geographic Brasil, é mestre em História da Ciência pela Universidade de Harvard, foi pesquisador-convidado no programa Knight de Jornalismo Científico do MIT e é pós-graduado em Jornalismo Digital Empreendedor pela City University de Nova York. Idealiza e lidera projetos que integram dados, ciência e investigação de campo, com o objetivo de qualificar o debate público em torno de temas como clima, meio ambiente e povos tradicionais. Autor de cinco livros sobre a temática ambiental, publicou artigos e reportagens em veículos como Folha de São Paulo, Uol, Estadão, Mother Jones, Mongabay, InfoAmazonia, revista ESPN e outros.



MOSTRA INTERNACIONAL WASHINGTON NOVAES



JÚRI
FIOCRUZ

JÚRI FIOCRUZ

Gregório Albuquerque

Professor Pesquisador do Núcleo de Tecnologias Educacionais em Saúde da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Criador e professor da disciplina de Audiovisual no Ensino Médio, da Mostra Audiovisual Estudantil Joaquim Venâncio e do Seminário de Audiovisual e Educação. Tese de doutorado com o título “Pensar pela imagem: educação audiovisual pela perspectiva cultural, política e pedagógica.” Diretor e produtor do documentário premiado Ilva! Sobre a atriz Ilva Niño.





Marcelo Firpo

É coordenador e pesquisador do Núcleo Ecologias e Encontros de Saberes para a Promoção Emancipatória da Saúde (Neepees) da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz). Junto com Marina Fasanello, foi roteirista do filme O Fio da Meada, de Silvio Tendler e tem aprofundado a linguagem imagética e audiovisual na produção de conhecimentos no âmbito do Neepees.



Márcia Correa e Castro

Jornalista, mestre e doutora em comunicação social pela PUC-Rio. Como pesquisadora se dedica à investigação do audiovisual enquanto ferramenta e processo pedagógico. Está no Canal Saúde da Fundação Oswaldo Cruz desde 1996. Nessa emissora de TV vocacionada para o SUS já foi editora, roteirista, repórter e gerente de programação, antes de assumir a coordenação geral em 2012. Fundou, nos anos 1990, a “Bem TV - Educação e Comunicação”, organização da sociedade civil dedicada a usar a comunicação em processos de mobilização política e artística da juventude.





Marina Fasanello

É cofundadora intelectual, pesquisadora e professora colaboradora do Núcleo Ecologias e Encontros de Saberes para a Promoção Emancipatória da Saúde (Neepes) da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz), desenvolvendo as Metodologias Sensíveis Co-labor-ativas. Pesquisadora que vem de uma escola de contadores de histórias, Escola Granada, enxergando o cinema como uma estratégia contemporânea para a retomada do fazer tradicional de transmissão de saberes e conhecimentos através do compartilhamento de narrativas vivas. Entende a comunicação como um processo relacional, um ato de reciprocidade parte de um tornar comum dialógico. Junto com Marcelo Firpo foi roteirista do filme O Fio da Meada, dirigido por Silvio Tendler e atualmente trabalha junto com grupos pertencentes a diferentes sistemas de conhecimento tradicionais indígenas na produção de conhecimentos que envolvem, também, a produção de documentários enquanto constituinte da produção de conhecimentos.



Paulo Castiglioni Lara

Cinegrafista e documentarista, atualmente chefia a VideoSaúde, um setor de comunicação e preservação audiovisual vinculado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) da Fiocruz.



PREMIAÇÃO

I. PRÊMIO CORA CORALINA

R\$ 35 mil e certificado para o melhor longa-metragem;

II. PRÊMIO ACARI PASSOS

R\$ 15 mil e certificado para o melhor curta ou média-metragem;

III. PRÊMIO CARMO BERNARDES

R\$ 10 mil e certificado para a melhor direção;

IV. PRÊMIO JOÃO BENNIO

R\$ 20 mil e certificado para o melhor filme goiano;

V. PRÊMIO JESCO VON PUTTKAMER

R\$ 10 mil e certificado para o melhor filme escolhido pelo Júri Jovem;

VI. PRÊMIO JOSÉ PETRILLO

R\$ 10 mil e certificado para o melhor filme escolhido pelo Júri da Imprensa;

VII. PRÊMIO LUIZ GONZAGA SOARES

R\$ 10 mil e certificado para o melhor filme escolhido pelo Júri Popular;

VIII. PRÊMIO FIOCRUZ

Troféu de Melhor Filme concedido pelo Júri Fiocruz.





Os prêmios da Mostra Competitiva Washington Novaes homenageiam artistas e personalidades de Goiás:

Cora Coralina (1889 - 1985)

Pseudônimo da escritora Ana Lins dos Guimarães Peixoto, figura lendária da cidade de Goiás. Sua carreira com a escrita andou lado a lado com a de doceira, que lhe garantiu o sustento por boa parte da vida. Um dos nomes mais aclamados da literatura brasileira nas últimas décadas, Cora era também Aninha, moradora do casarão da ponte da Lapa. As históricas ruas de pedra celebram a poetisa que se tornou um dos principais símbolos do município. “Goiás, minha cidade... Eu sou aquela amorosa de tuas ruas estreitas, curtas, indecisas, entrando, saindo uma das outras. Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa. Eu sou Aninha”, escreveu Cora.

Acari Passos (1907 - 1993)

Nasceu no Rio de Janeiro e mudou-se com a família para Goiás com apenas 30 dias de nascimento. Em 1939, após se formar na Escola da Marinha Mercante, foi colocado à disposição do Gabinete Militar da Presidência da República para construir, na Ilha do Bananal, um campo de aviação para a visita do presidente Getúlio Vargas à área indígena Carajá. No seu primeiro encontro com indígenas, descobriu sua verdadeira vocação. De 1969 a 1981, Acary foi diretor do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás.

Carmo Bernardes (1915 - 1996)

Escritor e jornalista, natural de Patos de Minas (MG), veio para Goiás em 1920. Carmo Bernardes deixou o legado de uma literatura em que a natureza é a eterna parceira. Artista admirável de ficção e não-ficção, sua sabedoria surgiu do contato com a fauna e a flora do cerrado.

João Bennio

(1927 - 1984)

Natural de Mutum (MG), mudou-se para Goiânia em 1955, onde ainda hoje é cultuado como um dos nomes mais expressivos do cinema em Goiás. Participou do filme *Candinho*, de Abílio Pereira de Almeida, antes de produzir e protagonizar, em 1967, *O Diabo Mora no Sangue*, dirigido por Cecil Thiré, filme que aborda o processo de modernização cultural na região do Rio Araguaia. Em 1968, produziu e interpretou, ao lado de Tônia Carrero, *Tempo de Violência*, dirigido por Hugo Kushnet, além de produzir e dirigir, em 1970, *Simeão*, *o Boêmio* e, em 1973, *O Azarento*, um *Homem de Sorte*.

José Petrillo

(1918 - 2000)

Nascido em Ouro Preto (MG), Petrillo mudou-se para Goiânia em 1963, onde fundou a Truca Cinema, Arte e Propaganda, em sociedade com o cineasta Geraldo Moraes. Produziu *O Dia Marcado*, de Iberê Cavalcanti, *O Leão do Norte*, de Carlos del Pino, e *A Lenda de Ubirajara*, de André Luiz de Oliveira. Dirigiu os documentários *Areia*, *Cajazinho* e *Alfenim*, *A Primitiva Arte de Tecer* e *Cavalcadas de Pirenópolis*, vencedor do Troféu Candango de Melhor Curta-metragem em 35mm no Festival de Cinema de Brasília de 1978.

Jesco Von Puttkamer

(1919 - 1994)

Nascido na Alemanha, Jesco foi um dos precursores do cinema antropológico no Brasil e em Goiás. Engenheiro, fotógrafo e naturalista, sempre admirou as culturas dos povos indígenas, registrando-as durante 42 anos em filme e fotografia. Jesco veio para Goiás em 1948. Juntamente com os irmãos Villas-Bôas, Francisco Meirelles e outros, participou das frentes de atração dos índios na Amazônia e no Centro-Oeste.

Luiz Gonzaga Soares

(1951 - 1999)

Nascido em Goiânia e graduado em Publicidade, mudou-se para São Paulo em 1976, onde trabalhou em agências como DM9 e McCann-Erickson até 1998, quando retornou a Goiânia, depois de acumular prêmios nacionais e citações internacionais. Foi um dos que lutaram, junto com Jaime Sautchuk, Adnair França e Luiz Felipe Gabriel pela criação do Fica. Morreu poucos dias antes da primeira edição do Festival.



A NOITE E OS DIAS DE MIGUEL BURNIER

| *The Night and the Days of Miguel Burnier*

Convivendo com o tédio e a falta de oportunidades, abraçados ao álcool como único companheiro das noites e dos dias, um grupo de amigos tenta sobreviver num pequeno distrito minerário do interior do Brasil.

Ficção | Brasil (MG) | 2024 | 120 min

Documentário | MG, Brasil | 2026 | 82 min

Direção e roteiro: João Dumans

Fotografia: João Dumans

Som: Rafael dos Santos Rocha

Montagem: Affonso Uchôa

Produção: Laura Godoy

Distribuição: Embaúba Filmes



O JARDIM DE MARIA

Maria e sua família replantam uma Terra Indígena, transformando um antigo esgoto em sua aldeia. Enquanto lutam pela demarcação do território, a espiritualidade na natureza e a cultura Guarani fortalecem os guardiões dos últimos resquícios de Mata Atlântica, na periferia da maior cidade da América Latina.

Documentário | SP, Brasil | 2025 | 72 min

Direção e roteiro: Jade Rainho

Fotografia: Leonardo Maestrelli

Som: Matias Bruno

Montagem: Tyrell Spencer, Jade Rainho

Produção: Julia Bock, Simone Elias

Distribuição: Descoloniza Filmes





PAU D'ARCO

| *Paid in Blood*

Depois de sobreviver à chacina em que a polícia matou 10 trabalhadores sem-terra, a principal testemunha do crime e seu advogado lutam por justiça e pelo direito à terra. Ao seguir seus passos por sete anos na Amazônia Paraense, acontecimentos chocantes indicam uma possível tentativa de encobrir o crime.

Documentário | RJ, Brasil | 2025 | 89 min

Direção: Ana Aranha

Roteiro: Adriana Yáñez e Ana Aranha

Fotografia: Caue Angeli e Lunaé Parracho

Som: Rafael Veríssimo e Eduardo Nescau

Montagem: Daniel Grinspum e Tali Yankelevich

Produção: Mariana Genescá e Ana Aranha



THE TOWN THAT DROVE AWAY

Hasankeyf, uma cidade com milênios de história na Turquia, desaparece sob as águas por ordens de Erdoğan, engolida por um projeto grandioso de construção de uma barragem. As promessas de uma vida moderna arrancam das pessoas sua identidade e seus antigos lares, substituindo-os por novos edifícios de concreto. Rengin, uma pastora curda, e Burak, o barbeiro local, veem-se presos em um jogo político no qual a sobrevivência depende da obediência a novas e estranhas regras. Tudo o que conheciam foi destruído para sempre, restando apenas o orgulho familiar e um frágil senso de dignidade.

Documentário | Polônia | 2025 | 70 min

Direção e roteiro: Natalia Pietsch, Grzegorz Piekarski

Fotografia: Natalia Pietsch, Grzegorz Piekarski

Som: Tomasz Duksza

Montagem: Alan Zejer

Produção: LARMO Katarzyna Kostecka

Distribuição: Journeyman Pictures





SHIFTING BASELINES

Onde o Rio Grande encontra o mar, os foguetes da SpaceX são lançados; astrônomos contemplam o céu, vendedores ambulantes oferecem suas mercadorias e ambientalistas documentam os danos. Bem-vindo a Boca Chica, EUA.

Documentário | Canadá | 2025 | 100 min

Documentário | Canadá | 2025 | 100 min

Direção: Julien Elie

Fotografia: Glauco Bermudez, Francois
Messier-Rheault

Som: Sylvain Bellemare

Montagem: Xi Feng

Produção: Green Ground Productions

Distribuição: Filmotor



WHEN FIRE TURNS TO ASH

Documentário ensaístico que explora a história da Terra do Fogo, suas culturas desaparecidas e suas paisagens naturais esvaziadas, propondo uma leitura descolonizada do território. A narração em voz off é composta por relatos de viagem históricos, escritos etnográficos e pesquisas sobre genocídio. O filme busca tornar o invisível tangível, questionando o próprio olhar diante de uma paisagem aparentemente bela e vazia.

Documentário/Experimental | Áustria/Canadá | 2025 | 96 min

Direção e roteiro: Michaela Grill

Fotografia: Michaela Grill

Som: Nick Kuepfer

Montagem: Michaela Grill

Produção: Michaela Grill

Distribuição: sixpackfilm





ROL - O RIO LEVAVA AS MANCHAS DA VIDA

| *ROLL - The River Carried the Stains of Life*

Vídeo experimental que usa recursos da fotografia, poesia, animação gráfica e inteligência artificial para construir imagens que dialogam com o relato de Dona Delice, antiga lavadeira de roupas do Rio Vermelho, em Goiás Velho. Ela narra a dureza desse trabalho realizado dentro e nas margens do rio — os desafios, os perigos e o companheirismo entre as mulheres que tornava possível a dolorosa rotina. As marcas do trabalho permanecem em seu corpo: nas unhas, na pele das mãos, nos ossos e na coluna.

Experimental | GO, Brasil | 2026 | 15 min

Direção e roteiro: Selma Parreira

Fotografia: Fernão de Carvalho

Montagem: Fernão de Carvalho

Produção: Selma Parreira





GOIÂNIA: NOTAS PENDULARES SOBRE A METRÓPOLE

| *Goiânia: Pendular Notes about the Metropolis*

Numa viagem pela Grande Goiânia, percorremos avenidas, ruas, espaços e até mesmo o tempo. Com um olhar sobre os operários que trabalham e trabalham incessantemente para que a metrópole avance, refletimos sobre essa estreita relação cidade-trabalhador. Agora, paramos por alguns instantes para observar o que acontece ao redor e para essa relação tão próxima e tão desgastada.

Documentário | GO, Brasil | 2025 | 16 min

Direção e roteiro: O.Juliano Gomez

Fotografia: O.Juliano Gomez

Som: Mikaela Pasa

Montagem: O.Juliano Gomez e Erik Ely

Produção: Lorrana Flores

Distribuição: Sentido Oeste Filmes





MEÇA TRÊS VEZES ANTES DE CORTA

| *Measure Three Times Before Cutting*

Uma dança com bois e outros seres encantados. Uma conversa com boiadeiros perdidos na mata. Um lugar onde todo sangue é valioso, mas a língua é a carne mais rara de todas. O filme relê a história do Bumba-Meu-Boi por uma perspectiva queer e afroindígena, dialogando com as linguagens do circo e da dança.

Documentário | GO, Brasil | 2024 | 20 min

Direção e roteiro: Zulmí Nascimento

Fotografia: João Rafael Neto e Victor Souza

Som: Vinicius de Souza e Sarará Santos

Montagem: Gabriel Yjalade e Victor Mota

Produção: Duda Touro

Distribuição: Edem Ortegal



A TRAGÉDIA DA LOBO-GUARÁ

| *The Tragedy of the Maned Wolf*

Após perder tudo o que tinha, uma sentimental lobo-guará vaga pelo Brasil em busca de um novo lar.

Animação | RJ, Brasil | 2025 | 18 min

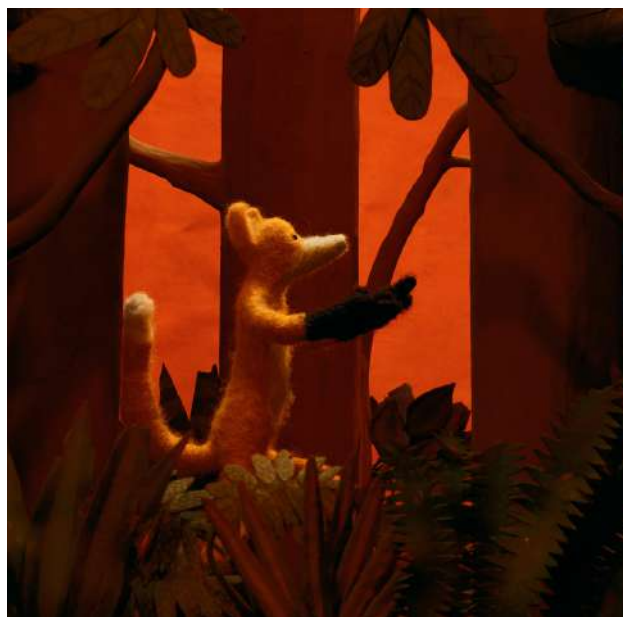
Direção e roteiro: Kimberly Palermo

Fotografia: Lucas do Herval e Otavio Schocair

Som: Thiago Medeiros

Montagem: Kimberly Palermo

Produção: Daniela Zanúncio





A LENDA DOS CAVALEIROS DA ÁGUA

Violeta e sua filha Margarida vivem isoladas em um sítio assolado pela seca e têm suas vidas transformadas com a chegada de três misteriosos cavaleiros caçadores de nuvens.

Ficção | PB, Brasil | 2025 | 23 min

Direção e roteiro: Helen Quintans

Fotografia: Gabriel Justo (Bejota) e Helen Quintans

Som: Guga Lourenço

Montagem: Gabriel Justo

Produção: Flávio Carnielli

Distribuição: Hiperplano Produções





BABLOOI

Segundo as crenças populares da Província de Khuzestan, existe uma criatura nos rios Jarahi e Hendijan que se assemelha em tudo a um ser humano. Os moradores acreditam que ela puxa as pessoas — especialmente crianças — para o fundo das águas, as afoga e suga seu sangue. Hoje, com o surgimento de gigantescas indústrias de petróleo e petroquímica na região, essa criatura mítica assume uma nova forma nos olhos dos locais: a das próprias indústrias, monstruosas e aterrorizantes.

Documentário | Irã | 2025 | 30 min

Direção e roteiro: Mohammad Ehsani

Fotografia: Mohammadreza JahanPanah

Som: Gisoo Azadravesh

Montagem: Babak Behdad

Produção: Mohammad Ehsani





CHAIKA

Valentina, uma cosmonauta russa de 76 anos, recebe uma carta enviada de Cuba com trinta anos de atraso, convidando-a para uma expedição agrícola a Marte. Ela viaja à ilha esperando uma utopia científico-social, mas encontra um território marcado por uma silenciosa crise agrícola e ambiental — uma Cuba ucrônica e nebulosa, onde as promessas do passado persistem como sombras.

Ficção | Colômbia | 2025 | 15 min

Direção e roteiro: Ingrid Paola Bonilla Rodríguez

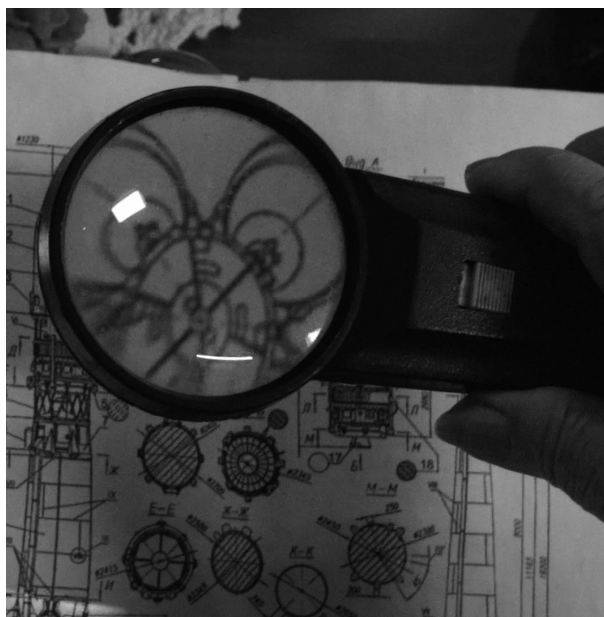
Fotografia: Ingrid Paola Bonilla Rodríguez

Som: Ingrid Bonilla e Simón Jaramillo (pós-produção)

Montagem: Juan David Bohorquez

Produção: Nicolás Manuel Galfrascoli e Ingrid Bonilla

Distribuição: Montañera Films





WILD YEASTS

Em um futuro distante, Bruxelas é o último lugar habitável da Terra, graças à sua chuva regular. A cidade, inundada e invadida por leveduras cervejeiras selvagens, começa a fermentar. Diante da nova ameaça, uma comissão de moradores escolhidos aleatoriamente é convocada para definir uma estratégia de sobrevivência.

Experimental | Bélgica | 2025 | 34 min

Direção: Joachim Soudan, Maud Girault, Jérôme Zahno

Roteiro: Simon Arazi, Jos Beni, Flore Bleiberg e outros

Fotografia: Maud Girault, Jean Minetto, Joachim Soudan, Jérôme Zahno

Som: Hélène Clerc-Denizot, Maxime Thomas, Jean-Noël Boissé

Montagem: Pauline Piris-Nury Produção:

GSARA / Olivier Grinnaert

Distribuição: GSARA asbl





MOSTRA DE CINEMA
**INDÍGENA E POVOS
TRADICIONAIS**

Em 2026, a mostra reafirma seu compromisso com a valorização da diversidade de narrativas tradicionais, reunindo obras nacionais e filmes internacionais que dialogam com as relações entre os povos originários, seus territórios e o meio ambiente.

A seleção apresenta um conjunto plural de filmes que expressam diferentes identidades, culturas, territórios e modos de existência. Produções de diversas partes do mundo aproximam experiências e saberes ancestrais, criando pontes entre comunidades indígenas e tradicionais que compartilham desafios semelhantes diante das transformações sociais e climáticas contemporâneas.

Cada obra foi escolhida por sua potência narrativa e estética, compondo um panorama que evidencia a riqueza cultural e a força das comunidades retratadas. A presença de filmes internacionais amplia o diálogo intercultural e fortalece o encontro entre diferentes formas de resistência, memória e criação audiovisual.

Além das questões ambientais, esta edição destaca o protagonismo dos povos indígenas e tradicionais no cinema contemporâneo, com atenção especial à representatividade das mulheres e à atuação dos coletivos de audiovisual. As obras revelam olhares próprios, comprometidos com a preservação cultural, a transmissão de saberes e a afirmação de identidades.

Em um contexto de intensificação da crise climática, os filmes selecionados abordam os impactos sobre os territórios e as formas de resistência das comunidades, reforçando a urgência de escutar aqueles que historicamente protegem a terra e mantêm viva a relação de equilíbrio entre humanidade e natureza.

O cinema indígena e de comunidades tradicionais contemporâneas segue em expansão, consolidando-se como ferramenta de expressão, denúncia, memória e transformação social. Esta mostra também se propõe a fortalecer redes entre realizadores do Brasil e do mundo, incentivando a troca de experiências, a circulação de obras e o protagonismo indígena e dos povos tradicionais no cenário audiovisual internacional.

Esta edição convida o público a refletir sobre a relação entre cultura, território e futuro, reconhecendo no cinema um espaço de encontro, luta, memória e continuidade.

Takumã Kuikuro

Takumã Kuikuro

Takumã Kuikuro é cineasta indígena do povo Kuikuro, idealizador do 1º Festival de Cinema e Cultura Indígena e fundador do Coletivo Kuikuro de Cinema. É presidente do Instituto da Família do Alto Xingu (IFAX) e atualmente vive na aldeia Ipatse, no Território Indígena do Xingu. Seus filmes foram exibidos e premiados em importantes festivais nacionais, como o Festival de Gramado e o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, e internacionais, como o Terres en Vues – Présence Autochtone, em Montreal, Canadá. Entre suas obras de maior destaque está o longa-metragem documental *As Hiper Mulheres* (2011), codirigido com Leonardo Sette e Carlos Fausto, amplamente reconhecido pela crítica e pelo circuito de festivais.

Em 2017, recebeu a Bolsa Honorária da Universidade Queen Mary, em Londres, Inglaterra. Em 2019, tornou-se o primeiro jurado indígena da história do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. É também idealizador e curador do 1st Brazil Indigenous Film Festival UK. Em 2023, realizou a curadoria da exposição *Xingu Contatos* e da mostra *Demarcação das Telas e Revolução das Imagens: Celebrando a Produção Audiovisual Indígena no Brasil*, ambas promovidas pelo Instituto Moreira Salles (IMS). No mesmo ano, foi vencedor do Gran-



de Prêmio do Cinema Brasileiro, na 22ª edição da premiação. Em 2026, conquistou o 1º lugar do Prêmio MRE de Fotografia, concedido pelo Ministério dos Povos Indígenas.

Davi Marworno

É cineasta indígena do extremo norte do Amapá, na fronteira com a Guiana Francesa. Atua como diretor, roteirista, editor e produtor cultural. Desde 2015, realiza curtas documentários e formações em audiovisual nas aldeias. É um dos realizadores da 1ª Feira de Negócios do Audiovisual do Amapá (2025), dirigiu seu primeiro longa-documentário no mesmo ano e integra a organização do 1º Festival Internacional de Cinema de Fronteira, em Oiapoque (AP).



Fabio Martins

Quilombola formado em Cinema, com especialização em Documentário, Fabio mora na Comunidade Quilombola do Campinho da Independência, Paraty/RJ. Além de cineasta é produtor, músico e ator, com especialização em edição e montagem, o que colaborou na consolidação da sua linguagem cinematográfica. Fabio integrou grupos de cinema independente, produzindo vídeos vinculados a movimentos sociais e videoativismo, temas que continuam estimulando sua carreira. É coordenador nacional de realizadores do audiovisual quilombola, além de produtor e diretor da série “A Grande Travessia”, o primeiro projeto a registrar o retorno de povos da diáspora africana ao continente africano a bordo de um navio. Seu primeiro longa-metragem, Agudás – Passageiros da Memória, foi gravado em diversos países africanos e encontra-se em fase de pós-produção. Paralelamente, desenvolve seu segundo longa, Malungus – A Volta pra Casa, que também será filmado no continente africano. Atualmente, está em fase de pré-produção de sua primeira série documental, Quilombos pelos Biomas do Brasil.



Jéssica Sateré-Mawé

Jéssica, indígena do povo Sateré-Mawé, da T.I. Andirá-Marau (AM). Curadora e Cineasta na Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas – Katahirine, Coordenadora geral da Rede da Juventude Sateré-Mawé – MUESAIKA'HARIA e atuante na comunicação do movimento indígena pela UMIAB e Makira'eta. Bacharela em Turismo pela UEA, utilizo o audiovisual e a comunicação indígena como ferramentas de fortalecimento e memória.



PREMIAÇÃO

MOSTRA DE CINEMA INDÍGENA E
POVOS TRADICIONAIS

MELHOR FILME DE LONGA-METRAGEM.....R\$ 35 mil

MELHOR FILME DE CURTA-METRAGEM.....R\$ 15 mil



FILMES

Longas-metragens

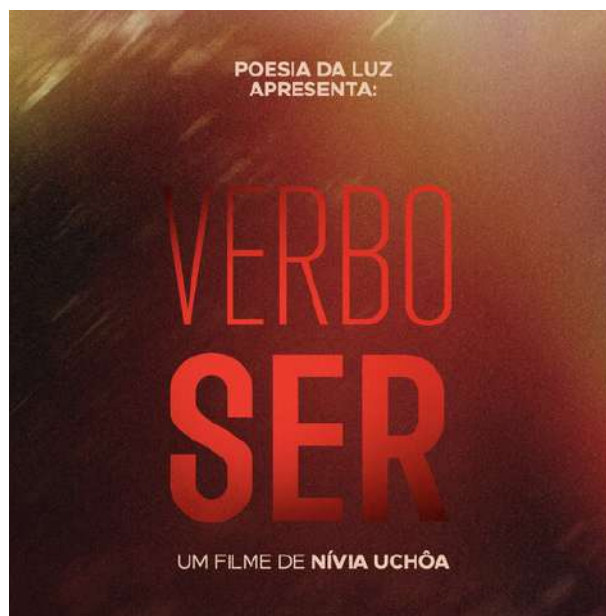
MOSTRA DE CINEMA INDÍGENA E
POVOS TRADICIONAIS

VERBO SER

Acompanhamos ativistas feministas no Cariri cearense, no nordeste do Brasil, que através de relatos pessoais e histórias de resistência, trazem à tona a urgência da luta contra os feminicídios, enquanto refletem sobre o impacto cultural e social do patriarcado nas vidas das mulheres.

Brasil | 2025 | 75 min

Direção: Nívia Uchôa



ARQUIVO VIVO

Em 40 anos atuando junto a comunidades indígenas, o Vídeo nas Aldeias reuniu um acervo histórico para a memória dos povos originários no Brasil. Arquivo Vivo revisita a origem do projeto, com a devolução desses registros às primeiras comunidades visitadas.

Gênero | Estado/País | Ano | 126 min

Direção e roteiro: Ana Carvalho e
Vincent Carelli



WILFRED BUCK

Um membro idoso do povo indígena Cree, do Canadá, é nosso guia espiritual em um filme que, assim como seu carismático protagonista, transita entre o passado e o presente, e entre a Terra e as estrelas, para superar os fantasmas da colonização.

Canadá | Ano | 97 min

Direção: Lisa Jackson



TXIRĨ - GAVIÃO REAL

O Gavião-real (ou Harpya), conhecido pelos Huni Kuĩ como “Tete Pawã”, é uma ave de grande importância cultural e espiritual para esse povo indígena da Amazônia. Neste documentário, o cineasta indígena Siã Huni Kuĩ registram a festa Gavião Real, cerimônia sagrada do povo Huni Kuĩ.

AC | 2026 | 17 min

Direção: Rua Siã Huni Kuĩ

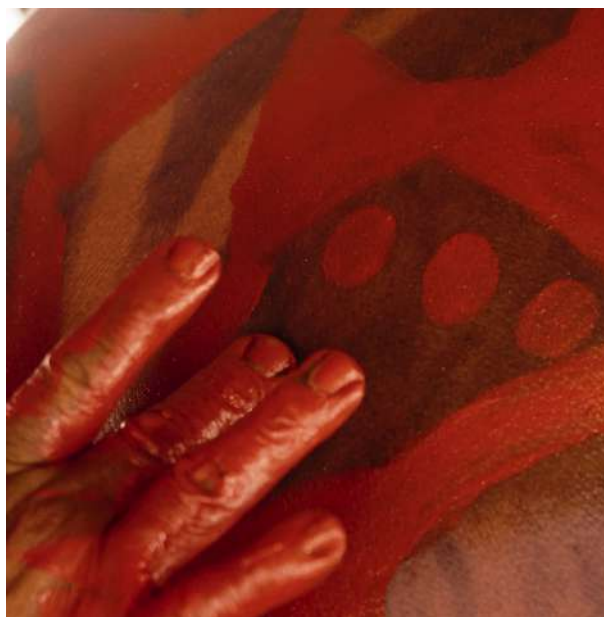


REPLIKKA

REPLIKKA nos convida a refletir sobre a sabedoria ancestral dos povos Indígenas no Brasil e a urgência em respeitar e proteger seus territórios, cultura e memórias. Em REPLIKKA, tecnologia e sabedoria Indígena nos levam a embarcar numa jornada espiritual e meditativa sobre memória, identidade, perda e renascimento. A resiliência do povo Wauja do Xingu, diante da destruição de sua história, é prova de que a força da ancestralidade atemporal jamais pode ser apagada.

MT/PR/SP | 2025 | 16 min

Direção: Piratá Waurá, Heloisa Passos



QUEM QUER?

Dandara (Jéssica Lorena) é uma jovem indígena desaldeada que, por ter nascido e crescido na periferia da cidade, vivencia um dilema entre a afirmação de sua ancestralidade e a sonhada vaga em uma universidade pública.

PA | 2025 | 13 min

Direção: Célia Maracajá



FILMES

Curtas ou médias-metragens

MOSTRA DE CINEMA INDÍGENA E
POVOS TRADICIONAIS

THUTALINÑANSU

O documentário mostra a coragem e o protagonismo das integrantes da associação, que enfrentam desafios como os impactos das mudanças climáticas, reafirmando o papel essencial das mulheres na defesa de seus territórios e tradições.

MT | 2025 | 19 min

Direção: Helena Corezomáé



PERCILIA

Percília é uma mulher de raiz. No coração do território quilombola, sua vida se entrelaça com a terra, com o cuidado e com os saberes que atravessam gerações. Entre o trabalho cotidiano, os gestos de afeto e a força silenciosa que sustenta sua família, ela carrega consigo as tradições vivas de seu povo. Neste curta-metragem, codirigido em encontro com a própria Percília, acompanhamos seus caminhos, suas mãos e suas memórias — revelando uma existência marcada pela resistência, pela delicadeza e pela profunda conexão com o território.

GO | 2026 | 24 min

Direção: Bia Carvalho Alves,
Percília dos Santos Rosa



FILMES

Curtas ou médias-metragens

MOSTRA DE CINEMA INDÍGENA E
POVOS TRADICIONAIS

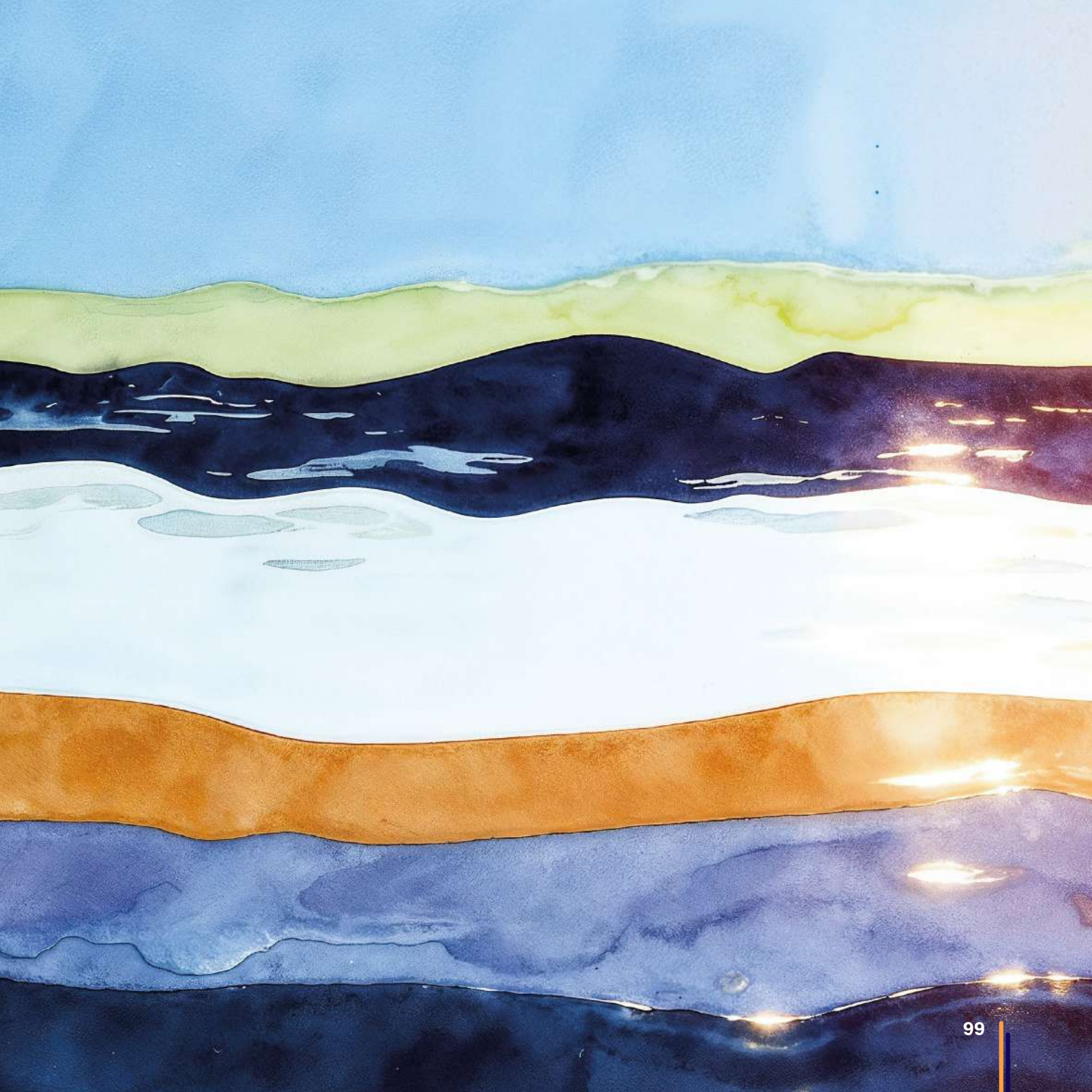
O BRILHO DA HERANÇA

Autodescoberta de um jovem quilombola, tendo a imagem como meio de reflexão e resgate da memória na Comunidade Quilombola da Caçandoca, localizada no município de Ubatuba, SP.

SP | 2024 | 15 min

Direção: Deco Machado







MOSTRA DO CINEMA
GOIANO



A Mostra Competitiva do Cinema Goiano, de temática livre, exhibe e premia filmes produzidos no Estado de Goiás e lançados a partir de janeiro de 2024. A mostra sucedeu a antiga Mostra ABD Cine Goyaz e reitera seu papel enquanto janela ampla e democrática da produção audiovisual no Estado e como uma plataforma de incentivo e valorização de novos talentos do cinema goiano.

A Mostra do Cinema Goiano chega a sua 24ª edição no Fica 2026, com curtas e longas-metragens. Entre os selecionados, estão 3 longas e 6 curtas-metragens produzidos no Estado de Goiás.



André Dib

Jornalista, pesquisador e crítico de cinema, com textos publicados em diversos jornais, revistas e livros, entre eles, “Trajetória da crítica de cinema no Brasil” (2019) e “Cinema Fantástico: 100 filmes essenciais” (2023). Organizador do livro “Antologia da Crítica Pernambucana: discursos sobre cinema na imprensa” (2020). Atua na realização e curadoria de mostras e festivais (entre eles, o Festival de Brasília, o FestAruanda e a Mostra Ambiental de Cinema do Recife), e integra comissões de seleção de projetos em editais em diferentes regiões do país. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba. Professor do Centro Estadual de Arte da Paraíba.



Anthony Rodrigo

Mestre e doutorando em Sociologia pela UFRJ e graduado em Audiovisual pela UFRN, atua há 10 anos no cinema brasileiro. Iniciou como cineclubista e consolidou sua trajetória como produtor executivo, diretor de produção, curador e pesquisador. Fundou e é curador do Cineclubes Mulungu, voltado à difusão de cinema de autoria negra e indígena no Rio Grande do Norte. Ministrou cursos e oficinas sobre representação racial no cinema brasileiro a convite de instituições e projetos culturais como Festival Urbanocine, IFRN e SESC. Desenvolve pesquisa sobre o tema, sendo finalista do prêmio ANPOCS 2022 com a dissertação “Cinemas Negros Brasileiros: projetos políticos e movimentos culturais sob uma perspectiva sociológica”. No audiovisual, atua principalmente como produtor executivo, tendo realizado a função em diversos curtas-metragens. Atualmente integra a equipe de curadoria e desenvolvimento de projetos da Cardume, plataforma de streaming que atua na difusão e formação de público para o cinema independente brasileiro.





Cláudia Melissa

Produtora executiva, professora e autora, atua há mais de duas décadas no audiovisual, com trajetória orientada pela articulação entre produção, comunicação e mercado, com ênfase em estratégias de circulação e posicionamento de obras. Trabalha na realização de longas-metragens, séries para plataformas de streaming, além de festivais e projetos de diferentes portes, com experiência em desenvolvimento de projetos, planejamento, coordenação de equipes e gestão orçamentária, conectando processos criativos às dinâmicas de visibilidade e consumo. É autora do livro “Trailer: Cinema e Publicidade no Mesmo Rolo”, marco na bibliografia de estudos de cinema no Brasil. É mestre em Comunicação e Cinema pela Universidade Federal Fluminense, especialista em Film and Television Business pela Fundação Getúlio Vargas e graduada em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Goiás. Atua também na formação de profissionais do audiovisual, integrando experiência de mercado e reflexão crítica em atividades de ensino e orientação.







JÚRI DE
PREMIAÇÃO

JÚRI DE PREMIAÇÃO

Bruno Jorge

Bruno Jorge estudou Comunicação Social no Brasil, documentário na França e fez mestrado em Cinema na Bélgica. Em 2003, criou a De Bubuia Cine. Na maior parte dos trabalhos, acumula funções de diretor de fotografia, montador, roteirista e produtor. Em 2013, recebeu uma retrospectiva de sua obra na Cinemateca Francesa. Já foi jurado em festivais como IDFA, Festival Internacional de Moscou e Sheffield Doc Fest. Entre os diversos curtas-metragens, há “Contratempo” (melhor filme no Festival do Rio, Lab Competition Clermont-Ferrand), “Justiça ao Insulto” (Cannes, Rotterdam), “Novembro, Dezembro” (IDFA), “Catuçaba”, “Moins que demain” e “Barões” (os três últimos com estreia no Visions du Réel). Dentre os longas documentais, destacam-se “Piripkura” (2017) - codireção e direção de fotografia - prêmio de Direitos Humanos no IDFA e melhor filme no Festival do Rio, “A Invenção do Outro” (2022) - Melhor Filme no Festival de Brasília e Docville, além do mais novo “Ópera Mestiça”, com estreia prevista para 2026.





Emiliano Freitas

Emiliano Freitas é artista visual, realizador audiovisual, curador e professor universitário. Atua como diretor artístico e curador da “FAROLETE – mostra de artes do vídeo”, e como diretor de produção e curador da Mostra Infantil da “Curta Qui – Mostra de Curta-Metragem de Quirinópolis”. Realizou os curtas-metragens Eldorado (2022), Mole (2021) e Só penso em (2028), além de ter assinado a produção do videodança Estiagem (2018). Como intérprete, participou de Leite de Córrego (2024), Remela, um super-herói de meia tigela (2016) e Onde as Lágrimas Nascem (2014). Seus trabalhos foram exibidos em diversos festivais de cinema e vídeo, onde recebeu diversas premiações. É professor no curso de arquitetura e urbanismo na UFG - Campus Goiás.



Tuanny Araujo

Tuanny Araujo é atriz, dramaturga e diretora. Bacharel e Mestra em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília - UnB, trabalha com teatro e cinema. No teatro, é co-fundadora do Grupo Embarça, coletivo de Teatro Negro de Brasília com 13 anos de trajetória. No cinema, atuou em 10 curtas-metragens e 6 longas-metragens, alguns já lançados e outros em fase de finalização. No ano de 2025 foi ganhadora do Prêmio de Melhor Atriz no 58º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.





MELHOR FILME DE LONGA-METRAGEM.....	R\$ 35 mil
MELHOR FILME DE CURTA-METRAGEM.....	R\$ 15 mil
MELHOR DIREÇÃO DE LONGA-METRAGEM.....	R\$ 10 mil
MELHOR DIREÇÃO DE CURTA-METRAGEM.....	R\$ 10 mil
MELHOR DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA.....	R\$ 10 mil
MELHOR ROTEIRO.....	R\$ 10 mil
MELHOR EDIÇÃO.....	R\$ 10 mil
MELHOR ATUAÇÃO.....	R\$ 10 mil
MELHOR SOM.....	R\$ 10 mil
MELHOR TRILHA SONORA.....	R\$ 10 mil
MELHOR DIREÇÃO DE ARTE.....	R\$ 10 mil



Um cinema goiano de diferentes urgências, porém mais maduro

O cinema brasileiro vem passando por profunda e barulhenta transformação. O fortalecimento das políticas públicas, aliado à uma formação técnica mais abrangente e às diferentes políticas afirmativas em editais, resulta não somente uma quantidade maior de filmes concorrendo em festivais de cinema, como também pode surpreender pela qualidade e diversidade entre eles. Esse movimento, que tem assustado alguns críticos, soa como novidade apenas entre os desavisados. E destacar esses avisos é o papel da curadoria de um festival de cinema como o Fica.

Há pelo menos 20 anos, iniciando pelo underground da produção independente e com a chegada do digital até agora em 2026, o cinema de autoria e protagonismo de pessoas negras, indígenas, mulheres, queer, pessoas com deficiência e realizadores/as de territórios como Goiás, fora do eixo da produção nacional, ganhou espaço, até se impor nos festivais. Neste tempo realizadores/as diversos, contemporâneos do seu tempo, mostraram ao público capacidade de construir narrativas, que além de simplesmente existirem, precisavam ser gritadas.

Ao debruçar no trabalho de seleção, percebemos na prática o sentido etimológico do termo curadoria — do latim *curare*, como ato de curar, mas também de perceber, reconhecer e conectar: cuidar. Ao longo do processo, foi muito bom perceber como os filmes desta nova e talentosa geração de

cinastas alcançaram o amadurecimento estético. Para nós, da comissão de seleção, isso reflete uma apropriação mais elaborada do fazer artístico e do tempo necessário para o seu desenvolvimento, execução e escolhas, sem abrir mão de suas urgências.

Cidades, sensorialidades e adversidades

Três obras explicitam o descompasso entre pessoas em situação de vulnerabilidade em um ambiente social urbano, antes de tudo, adverso. No curta *Canto*, uma narrativa bem construída e dirigida apresenta uma mãe em busca de trabalho e de um lugar seguro para cuidar de si e do seu filho. Sem emprego e sem ajuda, ela se depara com a indiferença de uma cidade cinza e fria.

Estes mesmos tons retornam no longa documental *Som e Movimento*, que expande de maneira exemplar as possibilidades de representação e representatividade de pessoas com deficiência no cinema, aqui tratado não apenas como tema, mas como experiência sensível. O filme acompanha um jovem deficiente visual que enfrenta condições de acessibilidade bastante precárias. Ainda que ele conte com o apoio de amigos e também de estranhos, fica evidente que o direito à cidade e à inclusão não depende só de esforços pessoais, e sim de uma construção coletiva.

Em *Dois Passos*, câmera e som também transformam o percurso cotidiano de uma menina de doze anos em um espaço de tensão permanente. Entre brincadeiras e distrações próprias da infância, o filme constrói um contraste inquietante entre a

leveza da protagonista e a hipervigilância imposta ao espectador, revelando a ameaça silenciosa que atravessa a experiência do corpo feminino no espaço urbano.

Arquivos e fabulações críticas

No curta *Um Filme para Rosa*, conhecemos a história de uma mulher que, após um acidente de trabalho, conta com o apoio de sua prima para engergar a vida e suas possibilidades de outra forma. O filme nos mostra como as contradições raciais, de classe e de gênero suprimem as possibilidades de imaginação de futuros alternativos para a maior parte da população brasileira. Uma dessas imaginações alternativas do futuro se materializa neste curta.

Já no curta *Cidão*, a imaginação se volta para o passado. Mais especificamente o passado da diretora Alessandra Gama, que transforma a história do seu pai em uma espécie de poesia especulativa. No filme, através de imagens de arquivo, vemos esse passado sendo remontado imageticamente, dando ao cinema o poder de reavivar as memórias de uma filha com o seu pai.

Também com o uso de imagens de arquivo, o curta *Cratera* se apropria da textura do filme super-8 para articular o sofrimento individual diante do luto a eventos naturais irreversíveis. A narração em primeira pessoa é intensificada por sons de chuva e da escrita manual, formando, no conjunto, uma demonstração da força criativa do formato ensaístico experimental.

No longa *A Vasta Natureza de Minha Mãe*, mãe e filho constroem juntos memórias mediadas pela câmera e traduzidas quase que em poesia concreta. A câmera aqui parece ter um único objetivo: capturar a presença e, talvez, a natureza de Inez, mãe de Aristótelis, através de seus gestos cotidianos. Como o próprio título entrega, natureza que é vasta e, arriscamos dizer, pulsante demais para ser capturada na sua totalidade.

Corpos em movimento

Ao acompanhar os bastidores da Quasar Companhia de Dança, o longa *Atravessa Minha Carne* desloca o registro do processo de criação para um território sensorial e observacional. Entre ensaios, repetições e corpos em constante movimentação, a câmera investiga a relação entre sentidos, imagem e criação coletiva, revelando tanto a beleza quanto o trabalho invisível da dança.

Por fim, entre passos de forró e bebidas geladas, *Tião, Personal Dancer* transforma a pista de dança em território de desejo e performance. Através do corpo, da música e da circulação dos olhares, o filme explora masculinidades construídas na sedução e no afeto, enquanto a dança surge como espaço temporário de prazer, pertencimento e respiro diante das durezas do cotidiano.

Andre Dib
Anthony Rodrigues
Claudia Melissa
(Comissão de Seleção)



ATRAVESSA MINHA CARNE

O filme acompanha o processo criativo da Quasar Cia de Dança em 2013, durante a criação do espetáculo *Por 7 Vezes*. A fabricação dos corpos dos bailarinos de alta performance, sob a direção do coreógrafo Henrique Rodovalho, reencena a relação entre cinema e dança. Como ex-bailarina, a cineasta retorna à sala de ensaio e ao palco — e o que começa como registro de processo torna-se, na montagem, uma investigação sobre o não saber.

Documentário | GO | 2025 | 76 min

Documentário | GO | 2025 | 76 min

Direção e roteiro: Marcela Borela

Fotografia: Vinícius Berger

Som: Belém de Oliveira, Lucas Coelho, Neto Vasconcelos

Edição: Henrique Borela e Rafael Parrode

Produção: Belém de Oliveira, Marcela Borela e Wadih Elkadi



SOM E MOVIMENTO

O filme narra a trajetória de um jovem estudante de Direito que enfrenta os desafios da deficiência visual, mostrando que é possível viver e perceber o mundo por meio de outros sentidos. Entre livros, treinos e sonhos, ele encontra no judô paralímpico mais um caminho para suas realizações.

Documentário | GO | 2026 | 74 min

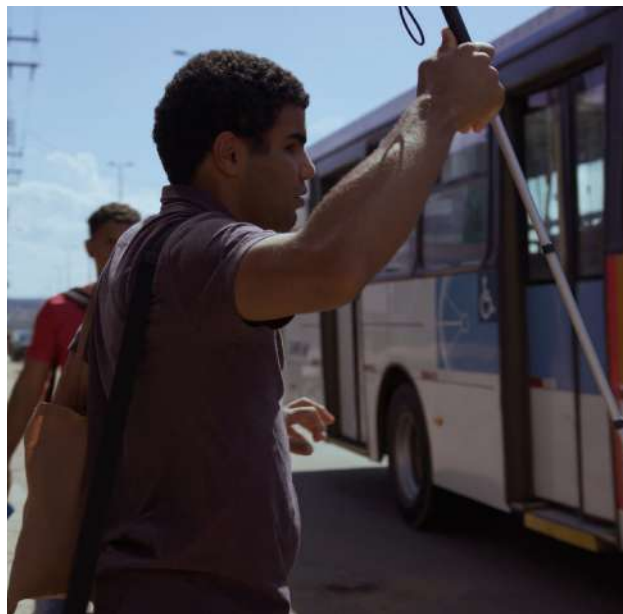
Direção e roteiro: Silvana Beline Tavares

Fotografia: Matheus Amorim

Som: Elder Patrick

Edição: Matheus Amorim

Produção: Silvana Beline





VASTA NATUREZA DE MINHA MÃE

Mãe e filho descobrem juntos como filmar a vida dentro de casa. A trajetória de Inez é percorrida em diferentes tempos, enquanto Aristótelis registra o cotidiano, reinventando e capturando a natureza de sua mãe. A câmera se torna um elo entre tempo e espaço — e a possibilidade de continuar sonhando.

Documentário | GO | 2025 | 80 min

Direção: Aristótelis Cardoso Tothi, Inez dos Santos
Roteiro: Aristótelis Tothi, Iris de Oliveira e Inez dos Santos

Fotografia: Aristótelis Tothi

Som: Aristótelis Tothi

Edição: Iris de Oliveira

Produção: Aristótelis Tothi e Larry Machado



CANTO

Débora tenta conseguir um emprego para pagar os aluguéis atrasados da kitnet onde vive. Enquanto isso, Ryan precisa se esconder.

Ficção | GO | 2025 | 20 min

Direção e roteiro: Danilo Daher Alvarenga

Fotografia: Renato Ogata

Som: Thiago Camargo

Edição: Danilo Daher

Produção: Danilo Daher





CIDÃO

A morte levou seu pai; o cinema lhe deu voz. Entre silêncios e fabulações, uma filha dança com as sombras da memória, transformando a ausência paterna em um poema visual contra o esquecimento.

Documentário | GO | 2026 | 15 min

Direção: Alessandra Gama

Fotografia: Alile Dara Onawale

Som: Cindy Faria

Edição: Victória Nolasco, APAN

Produção: Zariah Films



CRATERA

Quando o telefone tocou às três da manhã daquele domingo, a gente já sabia o motivo. Em 1784, caiu no sertão da Bahia o maior meteorito registrado no Brasil — 5,4 toneladas. 240 anos depois, o impacto ainda se faz sentir.

Documentário | GO | 2024 | 4 min

Direção e roteiro: Rafael de Almeida

Fotografia: Rafael de Almeida

Som: Paulo Balduino e Rafael de Almeida

Edição: Rafael de Almeida

Produção: Mariana Moura e Rafael de Almeida





DOIS PASSOS

Marcela, uma menina de 12 anos, faz um longo caminho de volta da escola para casa. Ela ainda não percebe que, todos os dias, é uma sobrevivente.

Ficção | GO | 2026 | 12 min

Direção e roteiro: Joyci Viegas

Fotografia: Isaac Brum

Som: Neto Vasconcelos

Edição: Isaac Brum

Produção: Isaac Brum



TIÃO PERSONAL DANCER

Sextou em Goiânia e tem forró por toda a cidade. Tião, dançarino profissional, faz seus atendimentos em casas de dança, enquanto Reginaldo e Cida se jogam no salão à espera de algo a mais até o final da noite.

Ficção | GO | 2025 | 23 min

Direção: Aristótelis Tothi

Roteiro: Aristótelis Tothi e Bruno Victor

Fotografia: Larry Machado

Som: Naja Sodré

Edição: Larry Machado

Produção: Aristótelis Tothi, Larry Machado e Cecília Brito





UM FILME PARA ROSA

Rosa é uma trabalhadora do lar que, após sofrer um grave acidente de trabalho, decide mudar o destino e assumir a direção de sua própria vida.

Ficção | GO | 2026 | 20 min

Direção: Patrick Mendes

Roteiro: David Matos e Patrick Mendes

Fotografia: Julyelly Roberta

Som: Chris Paiva e Ravi Dourado

Edição: Patrick Mendes

Produção: Geodesia Filmes e Sildênia Santos



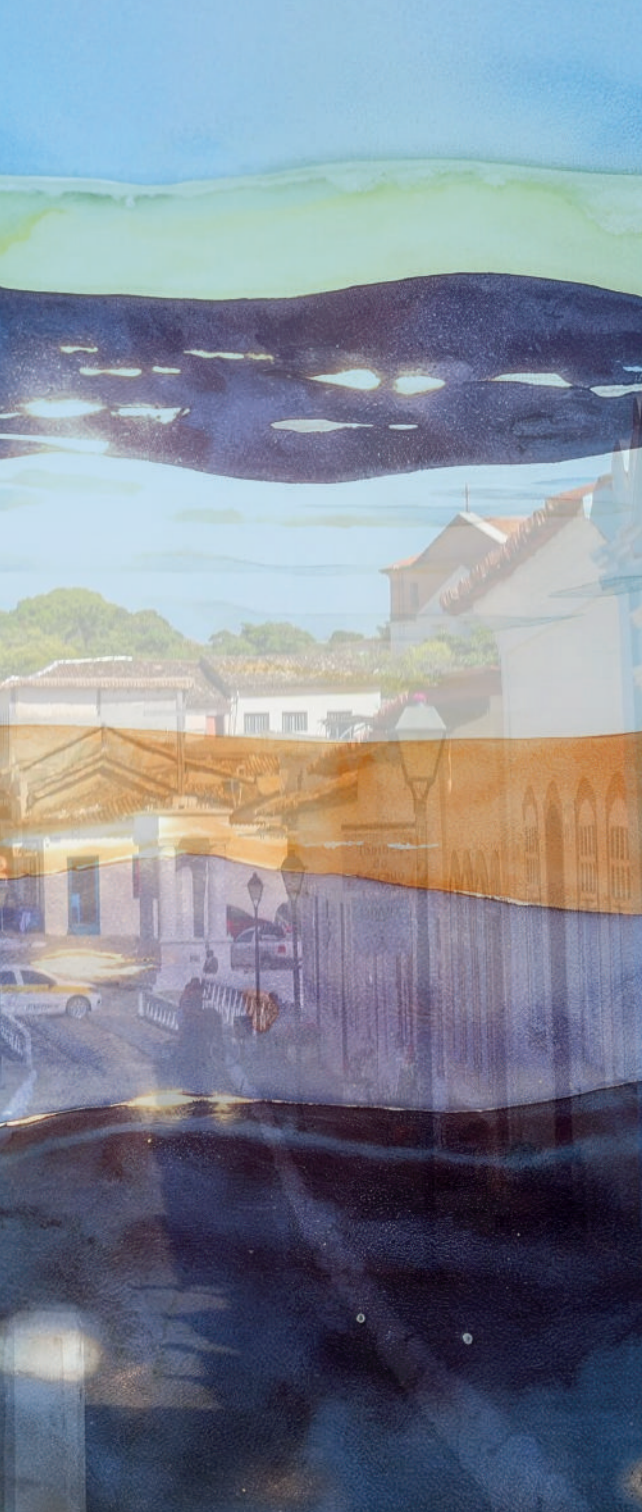


Селит
СЕНСІВІСЬ об

2



**MOSTRA BECOS
DA MINHA TERRA**



A Mostra Becos da Minha Terra de Filmes Vilaboenses é dedicada exclusivamente às produções da cidade de Goiás, município que recebe o Fica desde a sua criação. Criada em 2021, a mostra competitiva chega a sua 6ª edição apresentando o cinema pelo olhar dos realizadores da antiga Vila Boa de Goiás. Os três integrantes da comissão de seleção da Mostra do Cinema Goiano também compõem a comissão de seleção da Mostra Becos da Minha Terra, que conta com 6 curtas-metragens. Além disso, as duas mostras são julgadas por um mesmo júri composto por três membros de destacada atuação audiovisual.

A Mostra Becos da Minha Terra reconhece e dá destaque ao crescimento e diversidade da produção audiovisual vilaboense, que se deve, principalmente, à introdução de um curso técnico e de graduação em cinema acessíveis à comunidade. A mostra recebeu inscrições de 86 curtas-metragens em 2026, número 48,28% maior que o registrado no ano anterior, quando contou com 58 obras. Esse crescimento expressivo destaca a consolidação da mostra dentro da programação do festival, além de evidenciar a potência do Fica na valorização da identidade.

PREMIAÇÃO

MOSTRA DO CINEMA GOIANO



MELHOR FILME.....R\$ 15 mil

MELHOR DIREÇÃO.....R\$ 10 mil

MELHOR EDIÇÃO.....R\$ 10 mil

MELHOR SOM.....R\$ 10 mil

MELHOR ROTEIRO.....R\$ 10 mil



É bonito perceber como plantar boas sementes em solo fértil dá sim, bons frutos. Em 1999, com a primeira edição do FICA, a semente do pioneiro e mais tradicional festival de cinema ambiental do Brasil irrompeu em pleno planalto central. Desde então, já foram 26 edições que, dentre seu vasto legado, talvez um dos mais importantes seja o surgimento do curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual do Instituto Federal na cidade de Goiás, no ano de 2015.

É inegável a relação direta entre a Mostra Becos da Minha Terra e a quantidade de produções que nos foram apresentadas oriundas deste bacharelado. Existir um curso de formação e um festival de cinema na cidade de Goiás é uma contribuição enorme para a cultura e memória dos vilaboenses, pois além de ser cenário de debates e mostras, a região se torna também tema, chão e pertencimento. Um povo que pensa, produz, reflete e se vê refletido na tela.

Enquanto curadoria, pudemos observar na prática como as políticas de formação e produção são capazes de incentivar uma produção vasta, inventiva e necessária. Diante disso, nos empenhamos para que a seleção aqui apresentada seja um panorama que abarca diferentes anseios, linguagens e atravessamentos; do tradicional ao mais experimental possível.

Em Perenes, Memórias, a conexão entre passado e futuro é feita através do fluxo das águas do Córrego Chapéu de Padre. Aqui, vemos uma certa presença do arquivo contra-colonial, isto é, da narrativa histórica contada pela ancestralidade em vida - que vivenciou o auge e a decadência do curso d'água - e pelo olhar poético da diretora Mychelle Souza. Nas palavras de Mychelle e sua avó, Olentina Pereira de Souza, podemos imaginar uma cidade de Goiás do passado, que se mantém viva através do fluxo das águas perenes e de boas memórias.

Em Rio das Pedras Brilhantes, o fluxo das águas, além do próprio cinema, viram dispositivos para a construção de memórias biográficas de Jáder de Castro. Memórias que são contadas para afirmar sua existência no mundo e se relacionar, através do fluxo das águas, com muitas outras existências de pessoas trans, também atravessadas por silenciamentos e pelo enfrentamento de um mundo que as nega direito à vida. Morgana presente.

Ao manipular, respectivamente, arquivos analógicos e digitais, os curtas Super 8 e Todo ser Humano se aproximam ao proporcionar experiências contemporâneas e intensas em torno de um desejo de fabulação, delírio e alterações sensoriais bastante condizentes com o espírito de contestação e desbunde contracultural dos anos 60-70. Neles, corpo, memória e identidade são atravessados por

elementos da natureza, em quadros que remontam à beleza e suspensão temporal das imagens autônomas do primeiro cinema.

Entre silêncios e violências naturalizadas no ambiente doméstico, *Espelho de Vênus* nos apresenta Maria, que vive presa e infeliz num casamento que nunca escolheu. A partir de um espelho herdado da mãe — raro símbolo de afeto e reconhecimento — o filme acompanha um percurso de ruptura em que o objeto deixa de ser contemplação para se tornar instrumento de libertação.

Entre *Raízes e Saberes* acompanha Maria Luiza, mestra de saberes tradicionais que herdou da família a prática do cuidado, compartilhando conhecimentos sobre plantas medicinais em comunidades rurais. Entre rodas de conversa, coleta de ervas e preparação de remédios fitoterápicos, o documentário registra a transmissão de saberes entre mulheres e os laços de afeto construídos em torno do cuidado coletivo. Ao final, a canção entoada em sua homenagem sintetiza a trajetória da personagem: “fica sempre um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas”.

Andre Dib
Anthony Rodrigues
Claudia Melissa
(Comissão de seleção)



ENTRE RAÍZES E SABERES

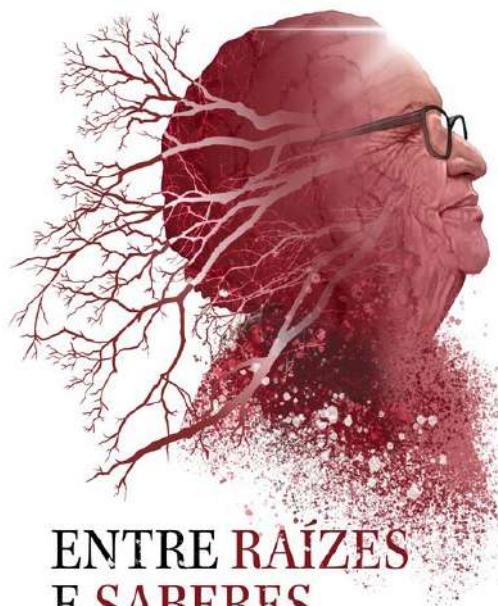
Entre Raízes e Saberes apresenta a história de Maria Luiza, mestre goiana de plantas medicinais que há muitos anos trabalha em prol da sociedade. Em comunidades rurais e urbanas, ela desenvolve grupos onde são ensinadas receitas e partilhados conhecimentos da medicina fitoterápica, valorizando as práticas tradicionais e o protagonismo feminino.

Documentário | GO | 2025 | 20 min

Direção: Vincent Glen Gielen

Som: Gabriel Antônio Pereira Tavares

Edição: Marina Carolina Coelho Gonçalves



ENTRE RAÍZES E SABERES

AS RAÍZES CURAM, O SABER TRANSFORMA.



ESPELHO DE VÊNUS

Maria é uma jovem mulher presa a um casamento abusivo que nunca escolheu. Entre silêncios e violências cotidianas, um objeto herdado de sua mãe desperta nela o impulso necessário para iniciar sua libertação.

Experimental | GO | 2025 | 10 min

Direção e roteiro: Eliana Oliveira

Som: Gabriel Tavares

Edição: Agla Manzan





PERENES, MEMÓRIAS

Entre lembranças e transformações, o filme conecta os relatos de uma avó e suas netas, unindo passado e presente. Ao mesmo tempo, evidencia os impactos ambientais e os sentimentos em torno do Córrego Chapéu de Padre, na cidade de Goiás, a partir das memórias e mudanças das águas que continuam a seguir seu fluxo.

Documentário | GO | 2026 | 8 min

Direção e roteiro: Mychelle Pereira Souza
Som: Allê Silva e Pedro Henrique Ribeiro Tavares
Edição: Pedro Henrique Ribeiro Tavares



RIO DAS PEDRAS BRILHANTES

Às margens de um rio marcado por histórias antigas e silêncios profundos, personagens atravessam memórias, desejos e fantasmas que emergem da própria paisagem. O filme acompanha encontros e deslocamentos que revelam tensões entre tradição e transformação, enquanto o brilho das pedras no fundo do rio evoca aquilo que permanece escondido — e insiste em vir à tona.

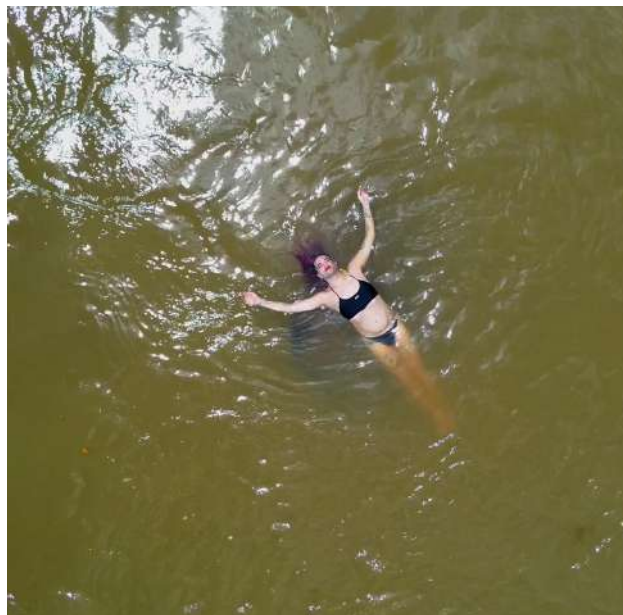
Documentário | GO | 2026 | 11 min

Direção: Michel Queiroz

Roteiro: Jáder de Castro e Michel Queiroz

Som: Michel Queiroz

Edição: Michel Queiroz





SUPER 8

Experimentações e reinvenções em película permeiam o imaginário infantil de Luisa Lamar — corpo cerrado, identidade e território.

Experimental | GO | 2026 | 7 min

Direção: Michel Queiroz

Roteiro: Luisa Lamar, Alice Raphally Luz e Michel Queiroz

Som: Michel Queiroz

Edição: Michel Queiroz



TODO SER HUMANO

Um único personagem, do nascimento à morte, revela os ciclos inevitáveis da existência. Filmado em celular, com imagens saturadas e de baixa qualidade, o filme ecoa metaforicamente o Cerrado — onde a seca, o fogo e a rebrota evidenciam a continuidade entre fim e reinício.

Experimental | GO | 2025 | 9 min

Direção e roteiro: Ismael Lombardi

Som: Ismael Lombardi

Edição: Ismael Lombardi





**MOSTRAS
PARALELAS**





**MOSTRA O
BRILHO QUE FICOU -
FILMES SOBRE O CÉSIO-137**

Em setembro de 1987, Goiânia se tornou o palco do maior acidente radiológico fora de uma usina nuclear em toda a história. O pó azulado que brilhava no escuro encantou quem o tocou antes de começar a matar. O acidente não foi invisível: produziu feridas, demolições, ruas interditadas, casas destruídas, toneladas de resíduos que precisaram ser enterrados para sempre. Apesar de muitos filmes terem sido feitos sobre o tema, nenhuma quantidade de narrativas parece capaz de transformar essas imagens em memória coletiva e de fazer o brilho durar de outro modo. O horror para o qual o Césio aponta parece sempre nos puxar para o esquecimento. Todavia, para que tragédias assim não se repitam, precisamos nos forçar a lembrar. Precisamos transformar o choque e a dor em aprendizado e transformações reais na relação entre conhecimento e política. Por isso, às vésperas do aniversário de 40 anos do acidente, o Fica volta a lembrar o assunto e a discuti-lo com uma retrospectiva de filmes goianos que trataram do Césio.

Os cinco filmes desta mostra respondem a esse choque de formas radicalmente distintas. Ângelo Lima retorna ao centro vivo da tragédia com Lourdes e Leide, escolhendo não a mãe-símbolo mas a mulher real que acorda todos os dias com a perda. Benedito Ferreira constrói em Algo do que fica um documentário de planos longos e silêncios precisos, em que um senhor septuagenário sem voz se torna metáfora de tudo o que a cidade preferiu não elaborar. Michael Valim, em Rua 57, número 60, Centro, transforma um ato político — uma performance no solo ainda lacrado pelo acidente — em videoarte que recusa o uso da imagem de Leide como mártir conveniente. Rafael Castanheira Parode, em O Dente do Dragão, vai além do arquivo

e do documento: a película rasgada, tingida, subvertida é o próprio corpo da contaminação, uma obra que estreou em Berlim e que trata o Césio não como evento passado, mas como semente de uma falência civilizatória ainda em curso. Dispersão, de Claudia Vicentini e Thiago Lemos, fecha a mostra expandindo o olhar para o espalhamento — físico e simbólico — de uma tragédia que nunca se conteve dentro dos seus limites.

Juntos, esses filmes não reconstituem o acidente: tentam dar conta do que ficou. Goiânia é uma cidade que ainda não soube lidar com seus traumas, mas o cinema goiano tem insistido em fazer o que a memória coletiva de certa forma recusa: lembrar e conviver com essa cicatriz.

LOURDES E LEIDE

Leide das Neves morreu no acidente do Célio-137 em 1987. Em 2025, sua mãe, Leide das Neves, vive sua vida, lidando com a solidão e as memórias da filha que perdeu.

Goiás, Brasil | 2026 | 19 min

Direção e roteiro: Ângelo Lima

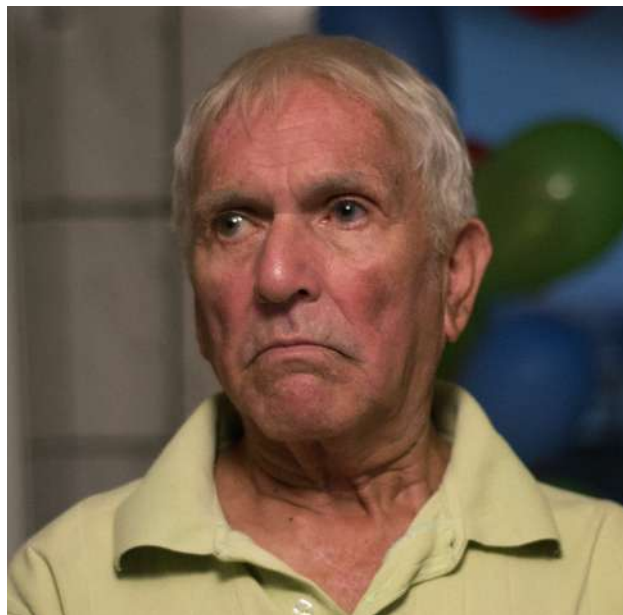


ALGO DO QUE FICA

Avó e neta estão de mudança da casa onde vivem no centro de Goiânia, ao lado do lote do acidente do Césio-137. Em breve a casa será demolida para a construção de um museu. Enquanto isso, uma estranha presença orbita pela casa.

Goiás, Brasil | 2017 | 23 min

Direção: Benedito Ferreira



DISPERSÃO

Video performance que evoca o desastre radiológico com a cápsula de Césio-137, ocorrido na cidade de Goiânia, em 1987, se valendo da caminhada e da linha/traço como gesto artístico que percorre o trajeto da contaminação, explorando a relação entre espaço urbano, memória e esquecimento.

Goiás, Brasil | 2026 | 6 min

Direção: Claudia Vicentini e Thiago Lemos



O DENTE DO DRAGÃO

Após matar o dragão, Cadmo liberou uma maldição espalhada feito pó pela cidade de Goiânia.

Goiás, Brasil | 2022 | 27 min

Direção: Rafael Castanheira Parrode



RUA 57, NÚMERO 60, CENTRO

Em 13 de setembro de 1987 Goiânia foi palco do mais grave acidente radiológico da história, quando catadores de material reciclado encontraram em um hospital em ruínas um aparelho contendo uma cápsula de Césio 137. Desde então as vítimas e seus familiares lutam tanto por direitos sociais, em especial assistência à saúde e pensões, assim como por estudos científicos acerca dos desdobramentos do fato. A dor destas pessoas e o descaso do Estado motivaram os grupos *¿por qué?* e *Vida Seca*, sob a direção de Lina Reston, a apresentar em 2007 uma intervenção-protesto nas manifestações de 20 anos do ocorrido.

Goiás, Brasil | 2011 | 9 min

Direção: Michael Valim







**FICA
ANIMADO**

FICA ANIMADO

**LANTERNA
MÁGICA**
Goiânia Animation Film Festival

A parceria entre o Fica 2026 e o Lanterna Mágica – Festival Internacional de Animação de Goiânia nasce da certeza de que a colaboração entre festivais fortalece o audiovisual brasileiro, amplia a circulação de obras e cria novas oportunidades de encontro entre filmes e públicos. Ao longo de oito edições, o Lanterna Mágica consolidou-se como uma importante plataforma para a animação nacional e internacional, e é com alegria que compartilhamos nesta mostra obras que dialogam profundamente com os temas que movem o Fica.

O Fica Animado reúne animações que nos convidam a refletir sobre nossa relação com a natureza, os territórios e os futuros que desejamos construir. Entre lendas do Cerrado, mudanças climáticas, biodiversidade, poluição, preservação ambiental e personagens em processo de descoberta, os filmes e episódios desta seleção abordam questões urgentes do nosso tempo sem abrir mão do encantamento, da imaginação e da esperança.

As obras percorrem diferentes paisagens e ecossistemas, revelando a riqueza da vida em suas múltiplas formas e a importância do cuidado coletivo, e cada história nos convida à escuta, à empatia e à responsabilidade compartilhada. Mais do que apresentar desafios ambientais, esta mostra aponta para possibilidades. Em cada personagem, encontro e descoberta, percebemos que preservar também é imaginar, aprender e agir em comunidade.

Ao reunir diferentes olhares sobre o meio ambiente, o Fica Animado reafirma o poder da animação como ferramenta de sensibilização, educação e transformação, inspirando novas gerações a reconhecerem o planeta como uma casa comum que precisa ser cuidada, celebrada e protegida.

Camila Nunes
Curadora

Camila Nunes

Camila Nunes é cineasta, produtora e curadora, nascida na Bahia e radicada em Goiânia. Formada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás, é diretora e fundadora do Lanterna Mágica – Festival Internacional de Animação de Goiânia, que desde 2017 se consolida como referência no Centro-Oeste brasileiro, exibindo mais de mil filmes de 45 países e promovendo ações formativas e de mercado para a animação. Atua há mais de uma década na produção audiovisual, com experiência em cinema, séries, eventos e formação, colaborando com projetos para Petrobras Cultural, Globoplay, Multishow e Netflix. Atualmente desenvolve os projetos autorais “Ayla Violeta” e “Pangeia”, além do lab internacional LAMP – Laboratório de Animação do Lanterna Mágica e da IPÊ - Incubadora de Projetos Estudantis. Atualmente está como presidente da ABRANIMA (Associação Brasileira das Empresas Produtoras de Animação).





A ILHA DO LIXO

Janaina joga uma garrafa de plástico pela janela do carro, a partir desse momento, acompanhamos toda a trajetória da garrafa até se acomodar em uma das grandes ilhas de plástico presentes no oceano.

MG | 8 min | 2023

Direção: Elisa Guimarães



A COLMEIA DA AZIZA

Em um dia comum para Aziza e seus amigos, eles notam algo estranho na região. As grandes pegadas deixadas no solo deixam as pequenas abelhas curiosas, até que aparecem os donos dessas pegadas: apicultores ilegais. Por ser uma abelha mandaçaia, Aziza não é levada por eles, mas seus amigos são. Agora, ela terá que reunir forças para ajudar seus amigos.

PE | 14 min | 2024

Direção: Rodrigo França e Victor Flores



A LENDA DA SERRA DAS AREIAS

Vetera é uma menina que adora ouvir as histórias que sua avó conta, sobre os seres mágicos do folclore. Um dia, durante um passeio de bicicleta nas trilhas da Serra das Areias, Vetera se encontra com esses seres e aprende como pode ajudar a preservar o meio ambiente.

GO | 8 min | 2025

Direção: Thais Oliveira e Larissa Melo



ECOS DO AMANHÃ

Em um mundo onde o cotidiano revela silenciosamente os sinais do colapso ambiental, uma pequena abelha percorre três histórias interligadas que expõem os dilemas da nossa era: a alienação urbana, o consumismo desenfreado e a escassez de recursos naturais. Sem diálogos, o curta-metragem *Ecos do Amanhã* nos convida a refletir sobre nossos hábitos e escolhas diante da crise climática. Além do alerta, é um convite à reflexão do presente e do futuro incerto.

PR | 7 min | 2026

Direção: Antonio Eder



TSURU

Tsuru conta a história de um pedaço de papel adormecido que, após ser despertado pelo bater de asas de um Tsuru (origami da ave japonesa), inicia uma jornada poética e desafiadora em busca de transformação.

BA | 6 min | 2024

Direção: Pedro Anias



PROTEUS E A MUDANÇA CLIMÁTICA - O GRANDE PROBLEMA

Gabi, Gê e Titi estão cada vez mais preocupados com as enchentes que atingem o bairro em que vivem. Quando os três amigos conhecem Proteus, uma esperta salamandra, eles descobrem que o problema das enchentes tem uma causa muito específica. Proteus vai abrir os olhos das três crianças para o que significa realmente mudança climática, e ainda vai guiá-los no embate contra Hélio Musgo, que se disfarça de bom moço, mas que age sempre pensando no quanto sua fábrica de carros vai lucrar, sem se importar com a destruição que causa. Será que eles vão conseguir derrotar o grande vilão?

SP | 5 min | 2025

Direção: Aldemir Oliveira



TIC E O TIGRE

HÁ 11 mil anos, um menino e um filhote de tigre-dentes-de-sabre separados acidentalmente dos pais, precisam unir forças para sobreviver e se divertirem no cerrado mineiro, um território de feras colossais e perigos imprevisíveis, enquanto buscam o caminho de volta para suas famílias.

MG | 7 min | 2026

Direção: Rafael Guimarães

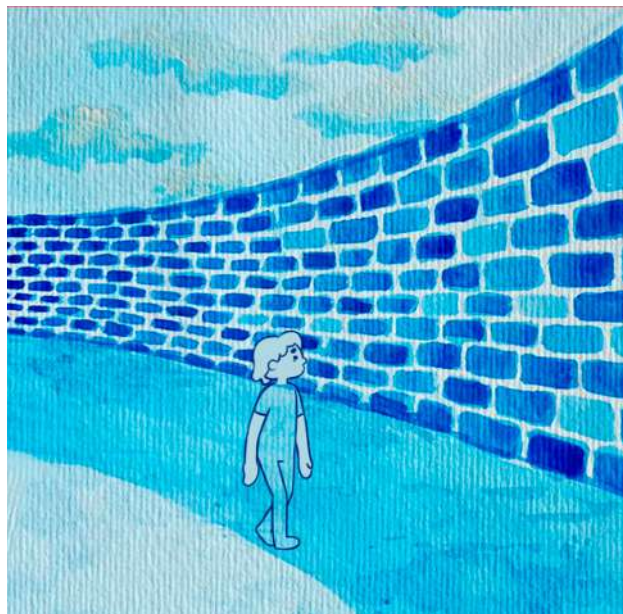


MEDO DE CACHORRO

O que são memórias? São recordações do passado ou uma idéia fragmentada de quem somos? Um jovem reflete sobre sua infância, ponderando não só seu medo de cachorros, mas a natureza do medo em si.

RN | 9 min | 2025

Direção: Italo Tapajós



O MUNDO DE LÍRIO

Depois da Mãe ler um livro sobre a lobeira, Lírio tem que dar boa noite. Mas ele acende a luz e reclama de ter hora para dormir. Está sem sono e ansioso pelo resto da história, quando vai conhecer quem é o animal amigo dessa árvore. Vira a lobeira e descobre seu amigo, o Lobo-guará. Mas aprende que o animal uiva toda a madrugada debaixo da árvore para comer os seus frutos. Desiste da fantasia, porque não tem nada melhor que uma boa noite de sono.

DF | 2026 | 2026

Direção: Amanda Fernandes



BURITI | FLORIFLUTO

Duas plantas com habilidades especiais que viajam pelo cerrado brasileiro, descendo o riacho Xuaxuá. No caminho, eles encontram e ajudam humanos que estão sofrendo por problemas ambientais causados por eles mesmos, como o calor excessivo ou a ausência de animais polinizadores.

MT | 6 min | 2025

Direção: Perseu Azul



A watercolor illustration of a landscape. The top is a light blue sky. Below it is a yellowish-green layer representing hills or a field. The middle section is a dark blue body of water with white and light blue reflections. Below the water is a brown layer representing a shore or sand. The bottom is a dark blue layer. The word 'BIKECINE' is written in white capital letters on the left side, partially overlapping the dark blue bottom layer.

BIKECINE

BIKECINE

Pela primeira vez na programação do Fica, o BikeCine traz uma experiência de cinema ao ar livre movida a energia limpa. Na atividade, o público é convidado a pedalar bicicletas que geram a eletricidade necessária para alimentar o sistema de projeção. A iniciativa transforma o momento de assistir a um filme em uma ação coletiva de conscientização ambiental, unindo cultura, sustentabilidade e engajamento.

A seleção de filmes engloba produções de grande repercussão popular e que dialogam com a temática ambiental, em especial com o tema do Fica 2026, **Água e Clima no Brasil das Nascentes**. Pensando no conceito do BikeCine, o conjunto de filmes também traz momentos de velocidade para dialogar com a dinâmica do público que pedala para gerar a energia em tempo real durante as exibições.

SPEED RACER

Speed Racer (Emile Hirsch) é um jovem extremamente rápido nas pistas de corrida. O único oponente à sua altura é a lembrança de seu falecido irmão, o lendário Rex Racer, o qual idolatrava. Quando Speed dispensa uma lucrativa e tentadora oferta da empresa Royalton Industries isto deixa o dono da companhia, Royalton (Roger Allam), furioso. Logo Speed faz uma importante descoberta: que os resultados de algumas das corridas mais importantes da temporada são pré-determinadas por um grupo de magnatas impiedoso, que manipula os principais corredores para aumentar seus lucros.

EUA | 2008 | 135 min | 10 anos

Direção: Lana Wachowski, Lilly Wachowski



MEU AMIGO TOTORO

Meu Amigo Totoro acompanha Satsuki e Mei, duas irmãs que se mudam com o pai para o interior do Japão, onde vivenciam encontros mágicos com espíritos da floresta — incluindo o carismático Totoro — em meio a um cenário rural do pós-guerra.

Animação | Japão | 1988 | 86 min | Livre

Direção: Hayao Miyazaki

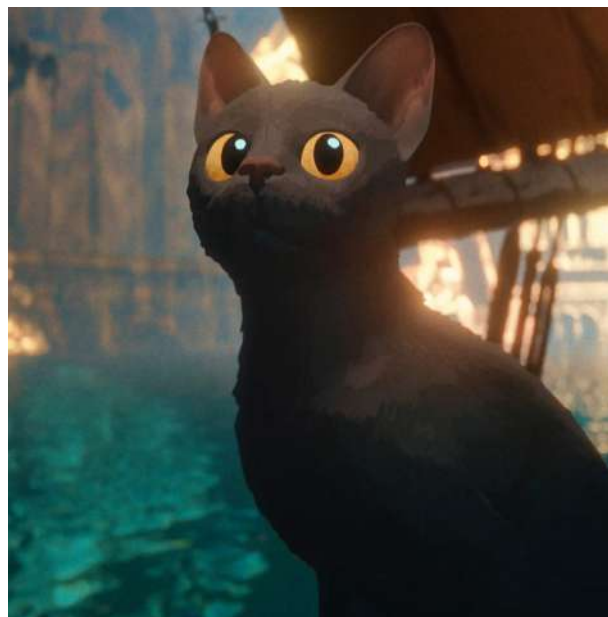


FLOW

O mundo parece ter chegado ao fim, coberto apenas por vestígios da presença humana, mas sem nenhum por perto. O gato é um animal solitário que, um dia, enquanto é perseguido por uma manada de cães, vê seu lar ser devastado por uma grande enchente. Buscando uma forma de sobreviver após a inundação, ele enfrenta diferentes ameaças, até que encontra refúgio em um pequeno barco povoado por diversas espécies.

**Animação | Letônia/Bélgica/França | 2024 |
85 min | Livre**

Direção: Gints Zilbalodis



PONYO: UMA AMIZADE QUE VEIO DO MAR

Ponyo é uma peixinha dourada que conhece o garoto Sosuke. Ele a leva para a sua casa e decide cuidar dela. O amor e a amizade deles são tão grandes, que Ponyo resolve se tornar humana só para ficar mais tempo ao lado de Sosuke..

Animação | Japão | 2008 | 103 min Livre

Direção: Hayao Miyazaki



The background is a watercolor-style landscape. It features a sky in shades of light blue and green, a dark blue mountain range, a white misty or snowy area, a brownish-orange ground, and a dark blue foreground. The colors are blended and layered, creating a soft, ethereal atmosphere. The text is overlaid on the bottom left of this composition.

SESSÃO DE
CINEMA INDIANO

SEU CRIME, SEU SOFRIMENTO

A trama acompanha Nani, um jovem apaixonado por Bindu. Após ser brutalmente assassinado por um industrial obsessivo que também deseja a moça, Nani reencarna como uma mosca e usa sua nova forma para proteger Bindu e se vingar do assassino.

Índia | 2012 | 134 min

Direção: S.S. Rajamouli





MOSTRA FIOCRUZ

Pelo terceiro ano consecutivo, a programação do Fica conta com a Mostra Fiocruz, apresentando filmes focados em saúde e ambiente com curadoria da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

QUILOMBO DA MARAMBAIA: RESISTIR É EXISTIR?

O documentário mergulha no cotidiano de uma comunidade quilombola que mantém viva uma história de luta, permanência e ancestralidade em um território marcado por disputas. Situado em uma área sob domínio da Marinha, o quilombo resiste através da presença: morar é condição para existir. A cada fim de semana, famílias retornam às suas casas para garantir não apenas o direito à terra, mas a continuidade de suas histórias. Entre memórias, saberes e vozes dos griôs, guardiões das narrativas ancestrais, o documentário revela um território onde o passado ainda pulsa: antiga porta de entrada de pessoas escravizadas no Brasil, a ilha carrega marcas profundas de dor e resistência.

Documentário | 2025 | 52 min

Direção e roteiro: Rodrigo Ponichi

QUILOMBO DA MARAMBAIA Resistir é Existir?



Direção: Rodrigo Ponichi | Classificação: 14+
Canal Saúde e Plano Geral Filmes

SANGUE DA TERRA: VAZANTE PRESENTE

A série Sangue da Terra aborda conflitos socioambientais e a luta de pequenas comunidades. Esse episódio mostra a história dos povos das vazantes do Rio São Francisco em Minas Gerais, a luta da comunidade pelo território e por suas formas tradicionais de existência resistindo contra a exploração hegemônica de grandes empresas.

Documentário | 2017 | 52 min

Direção: Tiago Carvalho



FIO DA MEADA: ARTE E ECOLOGIA DE SABERES PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Fio da Meada discute as conexões entre a crise ecológica contemporânea, o modelo econômico, as desigualdades sociais e as diversas formas de injustiça ambiental geradas pela exploração das pessoas e do meio ambiente. A quem pertencem os bens comuns da natureza? Quem são os mais prejudicados quando eles são apropriados por uma pequena parte da sociedade? Como construir uma nova forma de viver que mescle e atualize os saberes ancestrais com as conquistas da Ciência e da Tecnologia?

Documentário | 2019 | 77 min

Direção: Silvio Tandler



SOBRE ÁGUA

Curta documentário, retrato da comunidade de palafitas Caminho da União, sobre o Estuário de Santos, na Baixada Santista. Na região, cerca de 20 mil pessoas vivem em palafitas, no maior complexo de favelas sobre as águas no Brasil. O filme faz uma abordagem de questões sobre o direito à água potável, universalização do saneamento básico, habitação, desigualdade social e preservação do meio ambiente.

Documentário | 2020 | 14 min

Direção: Ed Davies



PÍLULAS AUDIOVISUAIS

Pílulas audiovisuais são vídeos curtos utilizados como ponto de partida para provocar debates entre alunos e professores sobre temas específicos. Cada pílula é construída a partir do relato de um profissional, compartilhando uma situação ou experiência vivida em seu cotidiano de trabalho. Esses vídeos funcionam como disparadores reflexivos, permitindo que os participantes reconheçam e discutam questões reais a partir de uma linguagem acessível e direta. Essas pílulas audiovisuais Pílulas foram produzidas pelos alunos da disciplina de Audiovisual da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz, a partir de estudos de casos regionais.

Ficção | 2025 | 5 min

Direção: Gregorio Albuquerque, Hugo Marins e Francisco Lucas

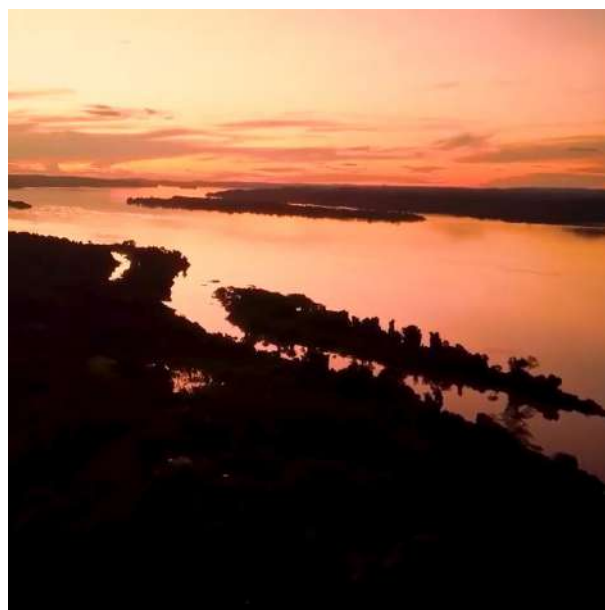


O ALIMENTO MUNDURUKU

Produzido pelo Neepes/Fiocruz em parceria com a Couro de Rato, este documentário analisa os conflitos territoriais no Médio Tapajós sob a pressão do garimpo de ouro e da contaminação por mercúrio. Partindo de uma demanda da aldeia Sawré Muybu, a obra documenta o encontro entre campos como a epidemiologia e o conhecimento tradicional Munduruku, consolidando uma prática de pesquisa não extrativista e colaborativa.

Documentário | 2024 | 25 min

Direção: Luis Carlos de Alencar e Vladimir Seixas

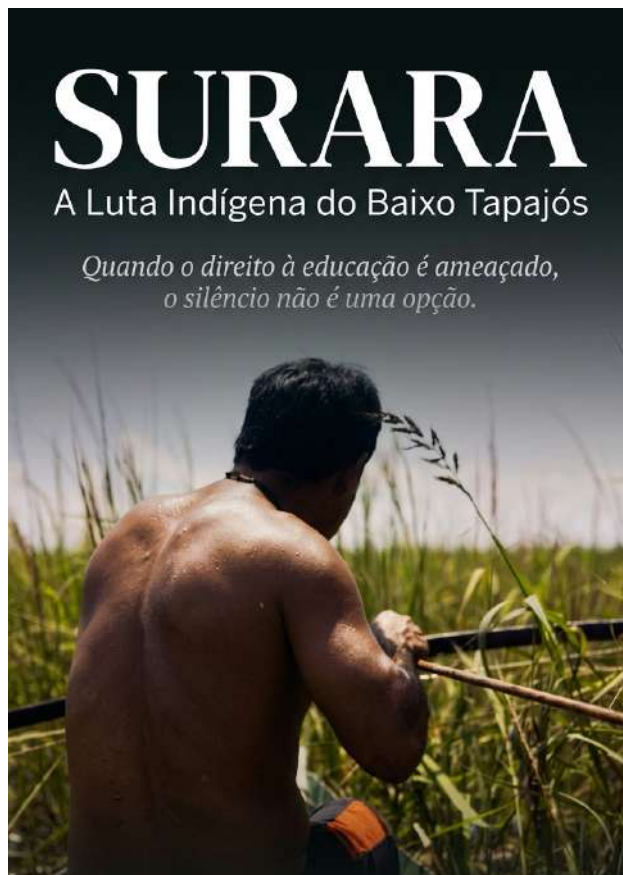


SURARA: A LUTA INDÍGENA NO BAIXO TAPAJÓS

Quando o direito à educação é ameaçado, o silêncio não é uma opção. Surara – A Luta Indígena do Baixo Tapajós acompanha a mobilização de povos indígenas do Baixo Tapajós rumo a Brasília após a decisão que substitui professores presenciais por ensino remoto nas aldeias. Diante da ameaça concreta de interrupção da educação em seus territórios, lideranças, jovens e famílias atravessam o país para reivindicar um direito básico: estudar. O filme acompanha essa travessia física e política, revelando a força coletiva de um povo que resiste para que suas futuras gerações possam continuar aprendendo, vivendo e existindo em seu próprio território.

Documentário | 2025 | 57 min

Direção: Rodrigo Ponichi



PARQUES DO BRASIL: PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CANASTRA

Criado em 1972 para proteger a nascente histórica do rio São Francisco, o Parque Nacional da Serra da Canastra se encontra no divisor de águas de duas bacias hidrográficas e apresenta nos seus 197 mil hectares mais de mil nascentes, córregos de águas cristalinas e a espetacular Casca D'Anta. Lar do ameaçado pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*), o parque abriga uma grande diversidade de espécies de aves e apresenta várias fitofisionomias de Cerrado. O nome Canastra surgiu da impressão visual dos primeiros colonizadores europeus que viam na aparência quase quadrada dos chapadões, o formato de uma canastra, uma espécie de baú utilizado para carregar utensílios.

Documentário | 2021 | 26 min

Direção: Carlos Sanches



SANGUE DA TERRA: OUTRA GUANABARA

A série Sangue da terra aborda conflitos socioambientais para mostrar a luta e modos de vida de pequenas comunidades. Esse episódio mostra o cotidiano e lutas de pescadores, ativistas e cientistas, frente à grave poluição e outros problemas causados pela ação e omissão de grandes empresas de petróleo e navegação, além de órgãos estatais.

Documentário | 2017 | 52 min

Direção: Tiago Carvalho



MEDICAMENTOS PARA TUBERCULOSE: É IMPORTANTE SABER!

A Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz), em parceria com o Serviço de Farmácia do Centro de Referência Professor Hélio Fraga, lança uma série de vídeos educativos com foco na orientação de pacientes, familiares e da sociedade sobre a tuberculose - uma doença que, apesar de ser curável, ainda está entre as infecções mais letais do mundo, especialmente entre as populações mais vulneráveis. A série é composta por cinco vídeos curtos e didáticos, que abordam desde o que é a tuberculose até cuidados essenciais com os medicamentos e orientações sobre o tratamento.

Educativo | 2025 | 12 min

Direção: Tatiane Vargas



ANIMAÇÃO CECÍLIA MINAYO

A animação traz à tona a inspiradora trajetória da pesquisadora Cecília Minayo, referência no campo da saúde e violência. O filme é uma jornada envolvente que convida jovens estudantes a explorar o fascinante universo da ciência de forma interativa e reflexiva. A narrativa se desenvolve por meio de um diálogo dinâmico entre Cecília e quatro estudantes universitários, cada um trazendo suas próprias motivações, dúvidas e aspirações. À medida que a conversa avança, temas cruciais são abordados, como carreira acadêmica, desafios na pesquisa em saúde e violência e a presença feminina na ciência.

Animação | 2025 | 4 min

Direção: Luciana Dias, Vera Marques, Vivian Studart, Danielle Monteiro e Andréa Sobral



SANGUE DA TERRA: APODI - UMA CRÔNICA DA SECA

Esse episódio fala de um projeto de irrigação no lado cearense da Chapada do Apodi, na divisa com o Rio Grande do Norte, que começou em 1989, levando à ocupação da área por grandes empresas de fruticultura, e desarticulou a produção dos pequenos agricultores. Em 2013, um novo empreendimento mobilizou a população.

Documentário | 2017 | 52 min

Direção: Arthur Frazão e Tiago Carvalho



MOSAIC: CIÊNCIA ABERTA PARA A SAÚDE NA AMAZÔNIA E NA ÁFRICA

Reportagem especial apresenta o projeto de pesquisa internacional Mosaic, que busca ajudar populações em áreas de fronteira na Amazônia e na África a enfrentar os impactos das mudanças climáticas e ambientais na saúde. Acompanhando o trabalho dos pesquisadores no Oiapoque, no Amapá, e em Letícia, na Colômbia, o vídeo mostra a produção da ciência aberta, desenvolvida em parceria com comunidades e organizações locais.

Documentário | 2026 | 9 min

Direção: Josué Damacena e Maíra Menezes



O ALIMENTO DA SAÚDE É INDÍGENA E INTERCULTURAL

O curta, em formato de relato audiovisual, expressa um encontro de saberes em direção a uma ciência sensível e colaborativa, uma cocriação entre um grupo acadêmico (Neepees/ENSP/Fiocruz) e coletivos audiovisuais indígenas, Tingui Filmes (AL) e Ororubá Filmes e Olhar da Alma Filmes (PE). A proposta é discutir, compartilhar e sistematizar de forma introdutória experiências de agricultura tradicional indígena e agroecologia.

Documentário | 2025 | 14 min

Direção: Marina Fasanello, Marcelo Tingui, Kleber Xukuru e Marcelo Firpo



PARQUES DO BRASIL: PARQUE NACIONAL DO JAÚ

Um lugar que parecia inatingível há poucas décadas, encontra-se hoje ameaçado. Mas se mantém fundamental para toda a vida na Terra. Nesta expedição, seguimos pelo Rio Negro no Estado do Amazonas e conhecemos o Parque Nacional do Jaú. Criado em 1981, ele possui uma área de 2.272.000 hectares e protege uma das maiores áreas contínuas de florestas úmidas do planeta, além de abrigar a bacia hidrográfica do rio Jaú praticamente inteira.

País | 2021 | 30 min

Direção: Carlos Sanches



GARIMPO, NATUREZA E CONFLITOS AMBIENTAIS NO MÉDIO TAPAJÓS

Produzido pelo Neepes/ENSP/Fiocruz em parceria com a produtora Couro de Rato, este vídeo registra a experiência da pesquisa “Modelo de desenvolvimento, conflitos ambientais e narrativas para o diálogo intercultural e a promoção emancipatória da saúde junto aos povos indígenas”, realizada em 2019 na região do Médio Tapajós com o povo Munduruku. A obra propõe um diálogo intercultural em torno da defesa do território, da vida e da saúde diante das ameaças impostas pelo garimpo e outros projetos predatórios.



Documentário | 2020 | 31 min

Direção: Marcelo Firpo e Luis Carlos de Alencar

CAMINHO DO VENTO

Nos estados de Pernambuco e da Paraíba, agricultores familiares vêem sua luta pela produção de alimentos saudáveis e agroecológicos ameaçada pelo avanço dos grandes projetos de geração de energia eólica na região. A chegada das usinas eólicas trouxe problemas de saúde e conflitos territoriais a essas regiões, exigindo a mobilização das comunidades para enfrentar o problema.

Documentário | 2025 | 25 min

Direção: Tiago Carvalho





SESSÃO METAVERSIDADE

Filme em realidade virtual, uma coprodução Mídia Indígena e UFRJ
(Projeto Metaversidade) com estréia nacional no FICA 2026.



XIZEXAK HAMETÉHAR: UMA JORNADA ENTRE MUNDOS

Um xamã Guajajara conduz o público de cinema imersivo em uma travessia mística entre mundos, na Terra Indígena Araribóia, Maranhão. O filme, fruído em óculos de realidade virtual, revela, com lirismo e força ancestral, a urgência de escutar a floresta Amazônica e proteger o que ainda pulsa. Xizexak Hametéhar nos convida a respirar e ouvir a Amazônia, mesclando sonho e realidade. A memória viva da floresta — um espaço onde espírito, território e resistência se entrelaçam — descortina-se por meio de imagens em 360 graus, com áudio espacializado. Flay Guajajara assume o papel de xamã no filme, interpretando a ancestralidade de seu povo. Flay é também um dos fundadores do coletivo Mídia Indígena, que celebra 10 anos de existência com sua primeira produção em realidade virtual.

2026 | 9 min

Direção: Flay Guajajara, Edivan Guajajara e Eduardo Martino

Roteiro: Flay Guajajara e Katia Augusta



SESSÃO
ARAGUAIA VIVO

MULHERES DA PESCA NO ARAGUAIA

No Rio Araguaia, mulheres pescadoras mantêm viva uma tradição que atravessa gerações. Invisibilizadas por muito tempo em um universo historicamente associado aos homens, elas revelam a força, a sensibilidade e o conhecimento profundo que possuem sobre o rio e demonstram que sabem muito sobre pescaria.

Documentário | 2026 | 16 min

Direção: Thais Oliveira, Mariana Telles,
Andréia Juliana



O MUNDO AQUÁTICO DE MICRA

Em uma aventura científica repleta de descobertas, a pesquisadora Fernanda Carneiro conduz o público para uma viagem ao universo invisível das microalgas. Ao lado de Micra, uma pequena microalga que habita as águas do rio Araguaia, somos apresentados a um mundo microscópico essencial para a vida no planeta.

Animação | 2026 | 7 min

Direção: Fernanda Carneiro, Thais Oliveira



TURISMO DE NATUREZA NO ARAGUAIA

Com foco no turismo de observação de vida selvagem, o filme destaca uma alternativa ainda pouco explorada na região, especialmente durante o período de cheia do rio Araguaia, quando a pesca é interrompida para garantir a reprodução dos peixes. O filme mostra como a preservação ambiental pode impulsionar novas oportunidades de desenvolvimento econômico, cultural e turístico, promovendo uma relação mais harmoniosa entre natureza, ciência e sociedade.

Documentário | 2026 | 25 min

Direção: Mariana Telles, Thaís Oliveira



A watercolor illustration of a landscape. The top part is a light blue sky. Below it is a yellowish-green band representing a hill or a layer of earth. The middle section is a dark blue body of water with white and light blue reflections. Below the water is a white band, possibly representing a beach or a layer of sand. The bottom part is a brown band, likely representing a forest or a layer of earth. The overall style is soft and artistic.

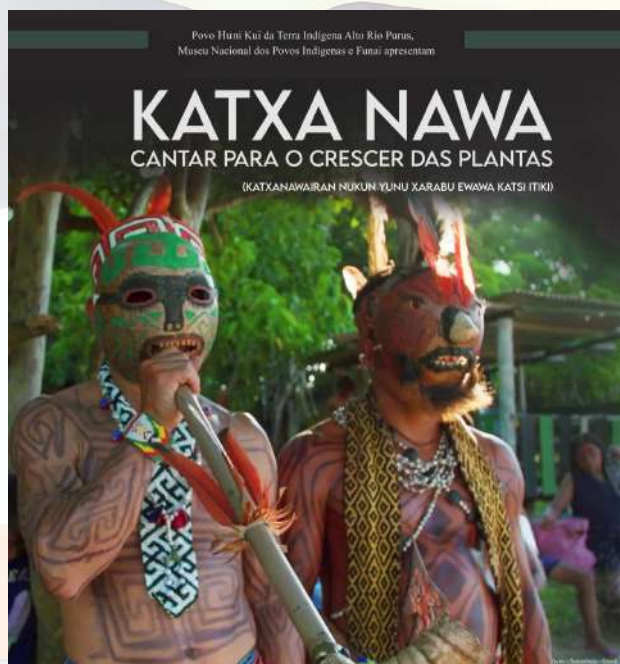
SESSÃO MUSEU DOS POVOS INDÍGENAS

KATXA NAWA - CANTAR PARA O CRESCER DAS PLANTAS

O documentário acompanha a produção e a realização da festa tradicional Katxa nawa do povo indígena Huni Kuĩ localizado no Acre, Amazônia. Preocupado com a diminuição dos tipos e variedades de espécies plantadas nos roçados de sua aldeia, o Agente Agroflorestal Indígena Jorge Naxima convida conhecedores (txanas) das comunidades vizinhas para celebrarem e filmarem juntos o Katxa nawa, ritual para chamar vitalidade e fertilidade para os plantios, para a caça e para o povo Huni Kuĩ.

Acre, Brasil | 2025 | 72 min

Direção: Jorge Naxima Huni Kuĩ, Maria de Fátima Pai Huni Kuĩ, Thayná Ferraz, Alice Riff





MOSTRA ECOA

Encontro de Cinema, Olhares e Ancestralidades.

O MITO DO PÉ DE GARRAFA

O documentário poético apresenta uma viagem sensível pelo universo das lendas populares, dos mistérios da natureza e da imaginação coletiva. Essa produção foi desenvolvida por meio de imagens captadas em ambientes naturais, narração, desenhos, animação e efeitos sonoros. Os estudantes constroem uma atmosfera de mistério e poesia, aproximando o espectador de personagens e narrativas presentes no imaginário goiano, como o Pé de Garrafa que nasceu no Piauí e chegou até o interior de Goiás, onde vive ainda no imaginário de seu povo. A produção valoriza a oralidade, a memória popular e a relação entre arte, cultura e natureza, mostrando como as lendas continuam vivas no olhar, na escuta e na criatividade das novas gerações.

Documentário | 3 min

Produção: Paulo Eduardo Filgueira Silva, Evelyn Vitoria Vieira da Costa e Samuel Luiz Rodrigues da Silva
Orientação: Aurilene Sousa Holanda

ENTRE SABORES E FÉ: A FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA BREJÃO

O documentário tem como objetivo registrar e valorizar a Folia do Divino Espírito Santo na comunidade quilombola Brejão, em Campos Belos, Goiás, destacando-a como expressão de fé, memória e identidade cultural. A produção enfatiza os saberes culinários, especialmente o preparo do bolo de arroz, evidenciando práticas transmitidas entre gerações e o protagonismo feminino na preservação dessas tradições. Por meio de uma abordagem documental observacional e participativa, o vídeo estabelece diálogo com o pensamento de Bariani Ortencio, ao compreender o folclore como um conjunto de saberes vivos presentes no cotidiano das comunidades. Dessa forma, o documentário propõe uma reflexão sobre a importância da preservação das manifestações culturais como forma de resistência, pertencimento e continuidade histórica, reafirmando a Folia do Divino como um dos pilares da identidade cultural e religiosa de Campos Belos.

Documentário | 5min

Produção: Yasmim da Silva Farias, Carlos Antonio Ferreira Mendes Júnior e Victor Hugo Costa Santana
Orientação: Beatriz Garcia da Silva

AS CONGADAS CATALANAS PELAS VOZES DOS MESTRES

Em meio aos sons dos tambores, às cores vibrantes dos cortejos e à força da ancestralidade afro-brasileira, o documentário “As Congadas Catalanais Pelas Vozes dos Mestres” mergulha nas memórias, saberes e tradições que mantêm viva uma das mais importantes manifestações culturais de Catalão. Por meio dos relatos emocionantes de mestres congadeiros, guardiões da fé e da cultura popular, a obra revela os significados espirituais, históricos e identitários das Congadas, atravessando gerações e reafirmando o papel da oralidade na preservação do patrimônio imaterial goiano. Entre cantos, celebrações e histórias de resistência, o documentário apresenta um retrato sensível de uma tradição que transforma devoção em legado coletivo.

Documentário | 4 min 40 seg

Produção: Carlos Francisco Rosa da Silva Neto, Guilherme Henrique Rosa Monteiro e Maria Thereza Gonsalves de Souza Yacoub
Orientação: Alex Suraty Ramos

CORRENTEZA DE MEMÓRIAS

Entre memórias, águas e ancestralidades femininas, Correnteza de Memórias resgata a história silenciosa das mulheres que ajudaram a construir Goiatuba carregando nos ombros — e sobre a cabeça — muito mais do que potes de água: carregavam dignidade, resistência e esperança. Em uma narrativa poética que entrelaça imagens históricas, versos e relatos simbólicos, o documentário percorre as origens da cidade, desde os tempos do antigo Pouso da Bananeira até as marcas deixadas pelas chamadas “mulheres ganhadeiras”, figuras fundamentais na sustentação da vida cotidiana em meio às dificuldades e aos preconceitos sociais.

Documentário | 3 min 43 seg

Produção: Amanda Emanuely Ferreira Silva, Antonella Rosa Rodrigues e Lyvia Aparecida Souza Miranda
Orientação: Luciana dos Reis Oliveira Freitas

ONDE O TAMBOR AINDA FALA

O documentário acompanha a trajetória de um estudante que, ao receber a missão de pesquisar o patrimônio cultural goiano e os saberes ancestrais que constituem a identidade de seu povo, inicia uma jornada de descobertas, escuta e pertencimento. À medida que mergulha nas manifestações da cultura popular, nas memórias coletivas e nas vozes silenciadas pela história, o jovem passa a perceber as ausências e lacunas de representatividade presentes tanto no ambiente escolar quanto nas narrativas culturais que o cercam. Guiado pelo som simbólico do tambor — instrumento de memória, resistência e ancestralidade — o documentário revela reflexões sobre identidade, herança cultural e valorização das raízes afro-brasileiras e populares em Goiás.

Documentário | 4 min 58 seg

Produção: Débora Vitória Ramos de Oliveira, Jamilly Vitória Graciano da Cruz e João Pedro de Jesus
Orientação: Marcelo Fecunde de Faria

QUEIJO CABACINHA: SABERES E SABORES QUE TECEM A IDENTIDADE DE SANTA RITA DO ARAGUAIA

Documentário de caráter observacional que registra, de forma direta e sensível, aspectos da realidade retratada, destacando vivências, ambientes e situações cotidianas. A obra busca provocar reflexão por meio de imagens autênticas e narrativa visual simples, valorizando o contexto social e humano apresentado. O documentário investiga a produção artesanal do queijo cabacinha como manifestação do patrimônio cultural imaterial goiano. A narrativa inicia com imagens do município ao amanhecer, revelando o cotidiano rural e a tradição leiteira.

Documentário | 4 min 7 seg

Produção: Daniel Gonçalves Cunha, Geovana Torres Sarafim e Nicole Fernandes Barros
Orientação: João Paulo de Oliveira

POR UM FIO: MULHERES QUE TECEM HISTÓRIAS E ATRAVESSAM O TEMPO

Em Pontalina - GO, mulheres mantêm viva uma tradição ancestral: o ato de fiar. Entre memórias, cantos e saberes transmitidos de geração em geração, o documentário revela o papel das fiandeiras como guardiãs da cultura local. Ao se aproximarem dessa prática, três estudantes vivenciam o aprendizado e refletem sobre os desafios da continuidade dessa tradição diante do desinteresse das novas gerações. Assim, a obra propõe uma reflexão sobre memória, identidade e resistência cultural.

Documentário | 5 min

Produção: Ana Gabriela Rodrigues Menezes, Camila Medeiros de Sousa Prado e Paula Fernanda Almeida Neves
Orientação: Helrrayne Victor Ferreira Pires

VOZES DO QUILOMBO: O PROTAGONISMO FEMININO NA CULTURA DO MESQUITA

Inspirado no legado de Bariani Ortencio, o documentário apresenta o povoado Mesquita, em Cidade Ocidental (GO), como um pilar fundamental da preservação do patrimônio cultural goiano. A produção mergulha na força das vozes quilombolas e coloca em evidência o protagonismo das mulheres, que atuam como guardiãs da memória e líderes da resistência local. Por meio do olhar e da sabedoria feminina, o filme revela como a comunidade mantém vivas suas tradições através da transmissão de saberes entre gerações, fortalecendo a identidade e celebrando a história viva de um povo que transforma o cotidiano em um ato de resistência cultural.

Documentário | 3 min 54 seg

Produção: Luis Davi Rodrigues Lima, Ana Flávia Silva de Araujo Mesquita e Stefany Santos Rodrigues
Orientação: Cláudia Regiane Pereira dos Reis

CHICA DOIDA: PATRIMÔNIO CULTURAL DE QUIRINÓPOLIS E DE GOIÁS

Muito além de um prato típico, a Chica Doida carrega memórias, afetos e tradições que atravessam gerações no coração do Cerrado goiano. O documentário acompanha a trajetória dessa receita nascida há mais de setenta anos em Quirinópolis, criada de forma improvisada durante uma reunião familiar e transformada, ao longo do tempo, em um dos maiores símbolos da identidade cultural de Goiás. Por meio de relatos, memórias coletivas e registros do preparo da iguaria, a produção revela como a culinária tradicional se torna patrimônio vivo, preservando saberes ancestrais transmitidos pela oralidade, pela convivência familiar e pelas práticas comunitárias.

Documentário | 4 min 55 seg

Produção: Bianca Alcantara Rodrigues, Kellyton Pereira Barbosa e Magno Henrique Bernardes Faria
Orientação: Michele Cristina da Silva

A ANCESTRALIDADE DA CONGADA EM NIQUELÂNDIA

O documentário mergulha nas raízes históricas, espirituais e culturais de uma das mais importantes manifestações da cultura popular goiana. Entre cantos, tambores, danças e rituais de fé, a obra revela como a Congada permanece viva em Niquelândia, sustentada pela memória coletiva e pela resistência das comunidades que mantêm essa tradição ancestral através das gerações. Por meio das vozes de mestres congadeiros, festeiros e guardiões da cultura, o documentário percorre histórias de devoção, identidade e pertencimento, evidenciando a influência afro-brasileira na formação cultural do estado de Goiás.

Documentário | 4 min 48 seg

Produção: Victor Luiz Renovato de Oliveira, Ana Flávia Mateus e Luna Karla Sousa Teixeira
Orientação: Ana Maria Godo

SESSÃO FICA NAS ESCOLAS DO CAMPO

As ações formativas realizadas pelo Bacharelado em Cinema do IFG, Instituto Federal de Goiás, pela Secretaria Municipal de Educação e pelo FICA levaram a produção cinematográfica para dentro das escolas do campo da Cidade de Goiás. Bolsistas e professores do IFG realizaram oficinas e exercícios com equipamentos profissionais, trabalhando os processos de realização de um filme dentro e fora da sala de aula. Foram quase 50 alunos atendidos pelo projeto nas escolas Vale do Amanhecer, no distrito de Calcilândia, Terezinha de Jesus, no distrito de Buenolândia, e Olimpya Angélica de Lima, no Assentamento São Carlos. Os filmes produzidos nestas escolas terão uma sessão especial, com a participação dos alunos, durante a programação oficial do FICA 2026.

EKOBÉ - 3ª TEMPORADA

Ekobé é um projeto audiovisual produzido em parceria por sete canais brasileiros de televisão universitária e que trata das múltiplas dimensões da ocupação humana no meio ambiente, aprofundando o debate acerca dos desafios, implicações e narrativas envolvidas. Seu nome deriva do tupi antigo e significa “a vida que vem da terra”. Ao longo de suas temporadas, a série tem abordado diferentes aspectos da relação entre sociedade e meio ambiente: na primeira, os impactos da ocupação humana sobre os territórios; na segunda, as mudanças climáticas; e, nesta terceira temporada, a questão dos resíduos e do descarte no meio ambiente.

Concebido em 2023, o projeto colaborativo envolve professores, alunos e profissionais dos canais televisivos TV UFG, TV UFMA, TV UFMG, TV UNEB, TV Unifor, UEG TV e UnBTv. O projeto tem a coordenação da professora Ana Paula Ladeira da UEG e do professor Max Eluard, da UniFor.

TV UFG

ALÉM DO DESCARTE: O QUE PASSA PELA ES- TEIRA DE UMA COOPERATIVA DE RECICLAGEM

Em Além do Descarte, acompanhamos um grupo de pessoas que trabalham em uma cooperativa de reciclagem na região noroeste de Goiânia. Entre a triagem dos materiais, exemplos do que pode ou não ser reaproveitado e os desafios enfrentados no cotidiano, o documentário ressalta a importância da reciclagem tanto para o meio ambiente, quanto para o sustento e a transformação de vidas.

Duração: 16 minutos

Direção: Isabella Lima

TV UNEB

ONDE O DESCARTE VIRA SEMENTE

No semiárido baiano, o que seria lixo se torna insumo. O que seria fim se torna começo. A partir do território de Juazeiro, o documentário acompanha experiências reais que conectam universidade pública e comunidade em torno da agroecologia, do reaproveitamento de resíduos orgânicos e da construção de soluções sustentáveis adaptadas ao semiárido. Entre agricultores e pesquisadores, o filme investiga como o descarte de restos de alimentos, esterco animal e matéria orgânica pode ser devolvido ao ciclo da vida.

Duração: 16 minutos

Estado de gravação: Bahia

Cidade: Juazeiro

Direção: Michele Menezes

TV UFMA

MEMÓRIA AZUL

A Terra tornou-se inabitável para grandes populações humanas após décadas de colapso ambiental causado pelo homem. O Projeto "Órbita de Preservação Humana - OPH" se torna um dos principais investimentos governamentais e industriais para a continuidade da humanidade. Para isso, populações são direcionadas a habitar estações espaciais dando oportunidade à Terra para se regenerar e a humanidade permanecer. No curta Memória Azul, acompanhamos um dia de trabalho do Promptista Fernando, responsável por gerar o informativo Memória Azul, programa veiculado na estação, principalmente, para os indivíduos que não conheciam a Terra ou eram muito pequenos quando houve a migração.

Duração: 15 minutos

Local: São Luís

Ano: 2026

TV UFMG

AS TERRAS DO VALE: REJEITOS DA MINERAÇÃO DE LÍTIO NO JEQUITINHONHA

Em 2023, o Parlamento Europeu aprovou uma lei que proíbe a venda de novos carros a gasolina e diesel na União Europeia na próxima década, com o objetivo de acelerar a transição energética e combater as mudanças climáticas. Desde então, explodiu a demanda por lítio, um componente-chave na produção de baterias para veículos elétricos. O Brasil está entre os seis principais países na extração global deste minério, e o Vale do Jequitinhonha é a região com maior concentração de lítio inexplorado do país. Com a especulação financeira deste recurso, Canadá, Austrália e EUA, juntos, anunciaram o investimento de 900 milhões de dólares no que estão chamando agora de Vale do Lítio. Segundo estudos, por volta de 94% do que é minerado na região não é aproveitável e se transforma em rejeito. Em Poço Dantas, uma pequena comunidade rural nesta região, este rejeito fica exposto ao céu aberto em enormes pilhas, ameaçando a segurança e a saúde de seus moradores.

Duração: 22 minutos

Direção: Lucas Tunes

TV UNIFOR

CINCO TONELADAS

Cinco toneladas de resíduos são retiradas diariamente das ruas de Fortaleza. Por trás desse número estão trabalhadores que percorrem avenidas, calçadas e bairros inteiros para garantir o funcionamento da vida urbana. Através do olhar de Alexandre, “5 Toneladas” revela a vida por trás da limpeza urbana e a importância de um trabalho essencial, mas que, por vezes, esquecemos ser realizado por pessoas. Um documentário sobre dignidade, pertencimento e aqueles que ajudam a construir a cidade todos os dias, mesmo quando passam despercebidos.

Duração: 12 minutos e 35 segundos

Direção: Lênin Cabral

UEG TV

O RIO E A CIDADE

O Rio Meia Ponte percorre 415km da região centro-sul de Goiás, atravessando 39 municípios. Sua bacia está localizada na região mais populosa do estado, onde estão concentradas atividades comerciais e agroindustriais. Hoje, o rio é responsável por fornecer metade do abastecimento da região metropolitana de Goiânia, mas suas águas estão poluídas em praticamente toda sua extensão. Neste episódio, vamos falar sobre passado e presente do Rio Meia Ponte, sobre riscos à saúde da população e sobre o desejo de que o rio volte a ser mais que fonte de abastecimento: seja lugar de água limpa, pescaria e lazer.

Duração: 15 minutos

Direção: Ana Paula Ladeira

UNBTV

LIXO PLÁSTICO COMO MATÉRIA PRIMA

Projeto em parceria com a UnB transforma resíduos plásticos em móveis, placas de trânsito e até casas populares.

Duração: 16 minutos

MOSTRA VISÕES DE FUTURO

A Mostra de Cinema Universitário Visões de Futuro chega à sua terceira edição como um dos espaços centrais do 5º Encontro das Escolas de Cinema e Audiovisual do Brasil Central, integrando a programação oficial do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA 2026). Participam da Mostra instituições como a Universidade Estadual de Goiás (UEG), o Instituto Federal de Goiás (IFG - Cidade de Goiás), a Universidade de Brasília (UnB), o Instituto Federal de Brasília (IFB - Recanto das Emas), a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), consolidando o evento como um importante ponto de encontro da produção audiovisual universitária no Centro-Oeste.

COLAR DE PÉROLAS

O curta metragem de ficção narra a rotina de Clarice, uma mulher lésbica que sai da capital, onde mora com sua esposa, Luiza, para ir ao interior cuidar de sua mãe Célia, que está em um estágio avançado do câncer de mama.

Instituição: UFMS
Estado: Mato Grosso do Sul
Direção: Ana Letícia Moura
Ano: 2024

NOSSOS SONHOS PELA JANELA

Em um futuro centro-oeste distópico, cinco crianças embarcam em uma jornada em uma antiga escola abandonada para encontrar um tesouro há muito tempo perdido. No presente, as mesmas crianças aprendem sobre preservação ambiental e refletem sobre seus próprios futuros.

Instituição: UFMT
Estado: Mato Grosso
Direção: Italo Machado Alves da Cruz
Ano: 2025

CELLO

Julia é uma jovem musicista que acredita estar fadada ao fracasso. Sua obsessão pela perfeição a faz questionar sobre sua sanidade, ultrapassando qualquer limite.

Instituição: UFMT
Estado: Mato Grosso
Direção: Pollyana Rodrigues
Ano: 2025

O QUE AS FORMIGAS ME CONTARAM

Entre o micro e o macro, a coreografia é a mesma. O filme traça um paralelo visual entre a organização social das formigas e o cotidiano dos operários da construção civil, revelando a força coletiva e a invisibilidade de quem carrega o peso do mundo nas costas.

Instituição: UEG
Estado: Goiás
Direção: Marcus Vinicius Diniz
Ano: 2026

PARTES DE MIM QUE ESQUECI

Um retrato do que seria uma mulher para além de mãe. Durante a infância, Emília cuidou de crianças e trabalhou para famílias para se manter viva, quando adulta formou sua própria família. Seu carro é a sua fonte principal de renda, quando esse carro quebra a impede de trabalhar e cuidar de suas filhas.

Instituição: UEG
Estado: Goiás
Direção: Martins Samara
Ano: 2025

ATITUDINAL

Um estudante de cinema do interior do Brasil se questiona sobre a acessibilidade e a neurodivergência, ocupando o audiovisual como um espaço de inclusão.

Instituição: IFG
Estado: Goiás
Direção: César Rodríguez Pulido
Ano: 2024

O ÚLTIMO ATO

Em um futuro onde a arte se tornou crime, um grupo de jovens se reúne clandestinamente para realizar aquilo que o regime mais teme: um filme. Entre corredores escuros, perseguições e encontros secretos, eles transformam o cinema em um ato de resistência. Enquanto o perigo se aproxima a cada passo, os estudantes descobrem que criar pode ser a forma mais poderosa de lutar contra o silêncio imposto. “O Último Ato” é uma distopia sobre memória, coragem e a necessidade humana de continuar imaginando liberdade.

Instituição: IFG
Estado: Goiás
Direção: Gummy Veríssimo, Lucena Lucena, Scott Matthias, Pedro Henrique Ribeiro Tavares, Synara Baía, Daniel Bandeira, Léo Aleatoriedades, Yasmin Karoliny de Bastos Fernandes
Ano: 2026

MULHERES NA MONTAGEM

Mulheres na Montagem revisita a história do cinema pela edição, ofício que começou nas mãos de mulheres e, ao longo do tempo, deixou-as na margem. Entre passado e presente, o filme se cruza com depoimentos de montadoras do Distrito Federal, que refletem sobre os desafios da profissão e sobre os caminhos a serem trilhados.

Instituição: UnB
Estado: Brasília
Direção: Júlia Cassiano e André Miranda
Ano: 2025

A SEGUNDA NEURILAN

Neste documentário-ensaio o cineasta decide analisar sua relação com a irmã desde que ela nasceu. No processo ele acaba descobrindo que não é só o nome que os dois compartilham em comum, e que seu laço é maior do que imagina.

Instituição: UnB
Estado: Brasília
Direção: Neurilan Lima
Ano: 2025

ONÃ

O filme segue a jornada de Lara, uma jovem negra criada por sua mãe, no Recanto das Emas/DF, enquanto busca respostas para suas questões existenciais através de sua espiritualidade e ancestralidade.

Instituição: IFB
Estado: Brasília
Direção: Clara Maria, Mavi Afroindie
Ano: 2024

RITOH

No hip hop a arte atravessa a espiritualidade, a ancestralidade e o território. O corre é a procissão, nossa expressão o ritual e no baile acontece a redenção.

Instituição: IFB
Estado: Brasília
Direção: Grijo, Deidade da vila
Ano: 2025



VIII IFIDEVIDULA FESTIVAL DE VIDEOCLIPES

Criado nas disciplinas de linguagem e história do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG), o IFIDEVIDULA chega em 2026 à sua oitava edição. Ele promete ser o mais importante local de encontro entre os produtores audiovisuais (cineastas, videomakers, montadores, editores e profissionais independentes) e os profissionais da produção musical (letristas, músicos, grupos e coletivos musicais e instrumentistas). O Festival propõe ser espaço de exibição e divulgação da nossa produção audiovisual e musical, mostrando que a produção audiovisual de Goiás está firme e forte, criando e revelando novos artistas e potencializando ainda mais nosso mercado audiovisual.

Nessa sua oitava edição, o IFIDEVIDULA promoverá duas mostras competitivas: a MOSTRA UNIVERSITÁRIA e a MOSTRA IFIDEVIDULA LIVRE. A mostra universitária agrupa videoclipes das faculdades de cinema e audiovisual que participam do 5º Encontro das Escolas de Cinema e Audiovisual do Brasil Central, encontro que acontece todo ano durante a realização do FICA - Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental. A outra mostra, IFIDEVIDULA LIVRE, está aberta a qualquer produção de videoclipe, seja ela universitária ou não, profissional ou não, independente ou não.



FÓRUM
HORIZONTES

O Fica sempre foi um lugar de pioneirismos. Primeiro festival de cinema ambiental do Brasil e um dos primeiros do mundo, o evento nunca se contentou com os formatos pré-estabelecidos, as classificações repetidas e as zonas de conforto. Nasceu com o propósito de questionar, usando a força do audiovisual, os modos vigentes de relação entre ser humano e natureza e, por que não, a própria ideia de que existe uma linha clara separando essas duas coisas.

Desde seu início, o Fica se pergunta “o que é um filme ambiental?” sem jamais responder a essa pergunta de forma definitiva. Nesse caminho, houve sempre o debate aberto e democrático como norte e pilar central — dando voz aos que têm dificuldade em se fazer ouvir, mas trazendo para perto também os que têm mais voz e precisam escutar. E sempre repensando seus processos e formatos para nunca deixar de fazer as perguntas que precisam ser feitas: aquelas que ainda não têm respostas, que espalham o vírus da dúvida e desmontam certezas estabelecidas.

Há algum tempo, porém, nos incomoda uma das linhas classificatórias que nos determinam. Apesar de falarmos de cinema ambiental desde sempre, persistia uma separação entre o cinema e o meio ambiente: atividades para a turma do meio ambiente e atividades para a turma do cinema, resistindo à mistura, acomodando-se na separação

fácil. Isso ganhava forma mais evidente na divisão entre “Fórum de Cinema” e “Fórum de Meio Ambiente”: debates sobre o audiovisual pra cá, conversas sobre o ambiental pra lá.

Uma contradição, afinal, para um festival que sempre acreditou que essa fronteira não existe.

Por isso, a partir desta edição, nos colocamos o desafio de derrubar esse muro invisível, mas nem por isso menos real. Conferências, painéis, oficinas, rodas de conversa — todas as atividades de debate e troca têm agora uma casa só: o Fórum Horizontes. Um espaço onde o tema não determina a fronteira. Qualquer assunto é convite para enxergar mais longe.

O Fórum Horizontes tem dois princípios norteadores. Primeiro: as perguntas precisam deslocar os termos convencionais dos debates, qualquer que seja o assunto. Segundo: os formatos precisam deslocar os eixos convencionais da conversa, transformando quem normalmente escuta em quem fala, obrigando quem sempre fala a escutar, reorientando a relação com o público e colocando todos os saberes no mesmo nível.

Porque um horizonte, por definição, nunca está fixo. Ele se move conforme a gente avança.



**REDES DO CERRADO:
MULHERES EM TERRITÓRIO
HOSTIS**

Mulheres em Territórios Hostis

O jornalismo e a ciência têm em comum mais do que a busca pela verdade: têm também uma longa história de portas semicerradas. Redações e laboratórios foram, por décadas, territórios de autoridade masculina — espaços onde mulheres precisaram aprender a ocupar o lugar que lhes foi negado, a falar com uma voz que o ambiente não foi construído para acolher.

Mariliz Pereira Jorge atravessou redações como espaços de disputa — não apenas de pautas, mas de presença, de credibilidade, de direito à palavra. Marina Hirota construiu sua carreira na fronteira entre a ciência do clima e o engajamento público, num campo onde mulheres ainda precisam provar duas vezes o que dizem uma.

No Redes do Cerrado, as duas conversam sobre o que significa persistir em territórios que não foram feitos para você — e sobre o que se perde, o que se transforma e o que se inventa quando, apesar de tudo, você fica.

Marina Hirota

Marina Hirota é cientista do sistema terrestre, está atualmente diretora científica do Instituto Relva e pesquisadora afiliada à Universidade de Princeton (Brazil Lab) e à Universidade Técnica de Munique. Reconhecida globalmente como especialista em pontos de não retorno (tipping points) e resiliência de ecossistemas, dedica-se a estudar mudanças na configuração de ecossistemas tropicais — especialmente na Amazônia e biomas adjacentes — combinando dados empíricos com ferramentas teóricas e computacionais. Com ampla produção científica citada internacionalmente, ela também lidera projetos que integram conservação, políticas públicas e diálogos multiculturais entre a ciência acadêmica e uma diversidade de conhecimentos tradicionais. É graduada e mestre pela UNICAMP, doutora em Meteorologia pelo CPTEC/INPE, e pós-doutoramento pela Universidade de Wageningen (Holanda).



Mariliz Pereira Jorge

Colunista da Folha de S.Paulo, colunista e comentarista do Canal Meio. Vencedora do Troféu Mulher Imprensa 2022 – categoria colunista. Fala sobre atualidades, feminismo, igualdade de gênero, maturidade, sexo e comportamento. Atuou na cobertura de saúde e bem-estar na Folha, em revistas da editora Abril e da editora Globo, momento em que se especializou em nutrição, fitness e beleza. Foi titular de um coluna sobre sexo na revista GQ. Encara a vida de maneira descomplicada e sem amarras, compartilha seu estilo de vida e sua visão de mundo por meio de suas redes, com leveza, bom humor e informação. É inspiração para mulheres de sua faixa etária, mas também para um público mais jovem que reconhece nela o modelo de mulher possível. Gosta de nadar no mar, fazer ioga e detesta musculação, mas faz por obrigação. Pulou de paraquedas, mas tem medo de barata. Tem 54 anos, é casada, apaixonada pelos seus dois pets Mia e Ziggy. É uma voz que representa a opção da não-maternidade.





**REDES DO CERRADO:
O QUE NOS CONSTITUI?**

O que nos constitui?

Márcia Barbosa chegou à física por curiosidade sobre o comportamento anômalo da água — a substância mais banal e mais fundamental da vida. Bela Gil construiu uma obra em torno de outra pergunta aparentemente simples: o que colocamos no prato? Num primeiro olhar, são trajetórias distantes. Num segundo, são a mesma pergunta feita de lugares diferentes.

Neste encontro no Redes do Cerrado, as duas interlocutoras são convidadas a explorar o que une uma física de classe mundial e uma cozinheira-ativista: a recusa em aceitar que o ordinário seja insignificante. A água, o alimento, o corpo, o território — todos esses elementos atravessam tanto o laboratório quanto a cozinha, e ambos os espaços são, à sua maneira, lugares de poder, de exclusão e de resistência.

O diálogo parte de uma provocação: num momento em que o Cerrado perde biodiversidade, o Brasil perde soberania alimentar e as mulheres seguem sub-representadas nos espaços de decisão científica e política, o que significa cuidar? Cuidar da água, da terra, do corpo, das próximas gerações — e fazê-lo sem romantismo, sem ingenuidade, com o rigor de quem entende que o cuidado é também uma forma de disputa.

Bela Gil

Bela Gil é chef de cozinha, formada em Nutrição, apresentadora de TV e escritora. Cofundadora do Instituto de Educação Alimentar Comida e Cultura, Bela já publicou oito livros, está à frente do restaurante Camélia Òdòdó, em São Paulo, e é também criadora da Refazenda, sua marca de produtos saudáveis que celebra uma alimentação mais natural e consciente. Atualmente, integra o elenco do programa Saia Justa, no canal GNT.



Márcia Barbosa

Graduou-se em 1981, fez mestrado em 1984 e doutorado em 1988 na UFRGS. É professora titular do Instituto de Física da UFRGS, pesquisadora 1A do CNPq, membro titular da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Mundial de Ciências (TWAS). Por seu trabalho por mulheres na ciência, ganhou em 2009 a Medalha Nicholson da American Physical Society. Atuando pela pós-graduação, ganhou o Prêmio Anísio Teixeira da CAPES, em 2016, e por seu trabalho em prol da ciência, recebeu em 2018 da presidência da república, a Medalha do Mérito Científico como comendadora. Em 2020, foi considerada pela ONU Mulheres uma das mulheres que mudou o mundo com a ciência, e pela Revista Forbes, uma das 20 mulheres mais poderosas do Brasil. Em 2021, foi agraciada com a medalha Silvio Torres, da FAPERGS. Usa a nanociência e as anomalias da água para produzir mais água potável. De 2023 a 2024, foi Secretária de Políticas e Programas Estratégicos do MCTI. Em 2024, foi agraciada pela L'oreal-Brasil com uma homenagem por sua carreira científica e como defensora da causa das mulheres na ciência.





**PAINÉIS E
ENCONTROS**

17 DE JUNHO

III Fórum Infantil do FICA

Local: Auditório da UEG

Painel Fomento à Produção Audiovisual junto a Populações Socioambientalmente Vulnerabilizadas

Local: Pátio do Rosário
Paulo Castiglioni Lara (mediação),
Márcia Correa e Castro, Marta Kalunga,
Gregório Albuquerque
Realizado em parceria com a Fiocruz

Painel Fora do circuito: cineclubes, plataformas comunitárias e outros caminhos para o cinema que não cabe no multiplex

Local: Pátio do Rosário
Sandro de Oliveira (mediação), Ceíça Ferreira,
Francisco Lillo Biagetti, Renato Neves
Realizado em parceria com a UEG

Painel A potência das águas: mulheres no audiovisual do Centro-Oeste

Local: Pátio do Rosário
Lidiana Reis, Cris Ventura, Alessandra
Rodrigues, Thais Oliveira, Maiári Cruz
Iasi e Ceíça Ferreira (mediação)
Realizado em parceria com a UEG

18 DE JUNHO

Painel Games da Fronteira: mercado de desenvolvimento de jogos em Goiás

Local: Pátio do Rosário
Arlam Carneiro, Michelle Santos, Ariane
Magda Borges, Camila Nunes (mediação)
Realizado em parceria com o Festival
Lanterna Mágica

Encontro com realizadores

Local: Palácio Conde dos Arcos
Coordenação: Daniel Christino

Painel Audiovisual, Comunicação e Luta por Direitos Indígenas

Local: Pátio do Rosário
Juliana Amanayara Tupinambá, Edivan
Guajajara, Patrícia Yxapy, Mara Moreira
(mediação)
Realizado em Parceria com o Museu
dos Povos Indígenas

Painel Césio 137: A imagem que não ficou

Local: Pátio do Rosário
Fernando Coimbra, Luiza Odet, Telma
Camargo, Siron Franco, Benedito
Ferreira (mediação)

18 DE JUNHO

Workshop - Desafios da Preservação Audiovisual

Local: Colégio Sant'Ana
Kely Carvalho, Débora Brutsche, Eudaldo Guimarães, Gabriel Bastos, Giseli Garcia, Geórgia Cynara (mediação)
Realizado em parceria com a UEG/
Luminav

Roda de Conversa: Contando Histórias com a Rádio Novelo

Local: Pátio do Rosário
Paula Scarpin, Flora Thompson Devaux, Fabiana Assis (mediação)

19 DE JUNHO

Painel Saberes Patrimoniais, Biodiversidade e Cidadania

Local: Pátio do Rosário
Izabela Tamaso, Ema Pires, Laerte Guimarães Ferreira Júnior, Alexandre Badim (mediação)
Realizado em parceria com a Unesco

Encontro com realizadores

Local: Palácio Conde dos Arcos
Coordenação: Daniel Christino

Roda de Conversa: Caminhos para Distribuição de Filmes - Conversa com a Auwe

Local: Colégio Sant'Ana
Convidada: Valéria Paganelli

Painel Narrar a crise climática entre o alarmismo e a paralisia

Local: Pátio do Rosário
Paula Scarpin, Ray Baniwa, Italo Wolff, Marcilon Almeida (mediação)

Painel Das Águas do Cerrado ao clima do planeta

Local: Pátio do Rosário
Mariana Telles, Helga Wiederhecker, Angel Chovert, Samantha Caramori, Juliana Franzão, Laerte Guimarães Ferreira Júnior (mediação)

20 DE JUNHO

Painel Entre o Uso e o Colapso: Cenários e Pontos de Não Retorno

Local: Pátio do Rosário
Marina Hirota, Mário Barroso, Ivanilton
Oliveira (mediação)

Tira Dúvidas Edital de Arranjos Regionais

Local: Colégio Sant'Ana
Coordenação: Secult e APAN

Encontro com realizadores

Local: Palácio Conde dos Arcos
Coordenação: Daniel Christino

Painel O futuro do Cerrado e o Futuro do Brasil: Perspectivas com o Instituto Nacional do Cerrado

Local: Pátio do Rosário
Marina Hirota, Mário Barroso, Paulo Eugênio
Oliveira, Nelson Simões, Ricardo Pacheco,
Angelita Pereira de Lima, José Alexandre Felizola
Diniz, Caio Coimbra, Mercedes Bustamante
(conferência e mediação).
Realizado em parceria com o Instituto Nacional
do Cerrado

Encontro dos Saberes Patrimoniais da Cidade de Goiás

Local: Fica Compartilhado
Coordenação: Izabela Tamaso e Ema Pires
Realizado em parceria com a Unesco

Painel: Film Commissions: Conectando Audiovisual, Turismo e Desenvolvimento

Local: Pátio do Rosário
Gabriel Bastos (mediação),
Diego Marambio, Thaylane Cristina,
Júnior Ribeiro, Victor Guimarães

Conferência e Roda de Conversa: Lições de Comunicação do Mapbiomas

Local: Palácio Conde dos Arcos
Caio Coimbra
Realizada em parceria com o Mapbiomas

Painel Desafios para análises integra- das da resposta da biodiversidade à mudança climática

Local: Sala Palácio da Instrução
Mariana Moncassim Vale, Geiziane Tassarolo,
José Alexandre Felizola Diniz Filho
Realizado em parceria com o INCT EECBio



ATIVIDADES FORMATIVAS

Local: Colégio Sant'Ana

Laboratório Navegações Estéticas

Coordenação: Everlane Moraes
Realizada em parceria com a
Associação dos Profissionais do
Audiovisual Negro (APAN)

Oficina Rede de Comunicadores do Cerrado

Coordenação: Lidiana Reis, Rodrigo Antonio
Realizada em parceria com o SAPI, Mercado
Audiovisual do Centro-Oeste e o Matapi,
Mercado Audiovisual do Norte

Oficina Celumetragem - Cinema com Celular no Contexto Indígena

Coordenação: Kleber Xukuru, Mikaele Xukuru
Realizada em parceria com a Fiocruz

Oficina Uma Câmera na Mão e uma ideia na Cabeça

Coordenação: Gregório Albuquerque,
Hugo Marins, Joana Trotta
Realizada em parceria com a Fiocruz

Oficina Desenvolvimento e Elaboração de Projetos Audiovisuais

Coordenação: Camila Nunes
Realizada em parceria com a Associação dos
Profissionais do Audiovisual Negro (APAN)

Oficina de Drones

Coordenação: Manuel Eduardo Ferreira
Realizada em parceria com o LAPIG,
Laboratório de Sensoriamento Remoto e
Geoprocessamento da UFG

Cinema, comunidade e contexto: o obturador e o regime de visualidades na cena documental

Coordenação: Dalmir Rogério Pereira



**TENDA
MULTIÉTNICA**

A Tenda Multiétnica congrega povos indígenas e comunidades tradicionais para debaterem temas de seu interesse como parte da programação do Fica desde 2016. Promovida pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e com as Secretarias de Educação (SEDUC) e Desenvolvimento Social (SEDS) do Estado de Goiás, chega a sua 8ª edição durante o Fica 2026. O espaço cultural de discussão e mobilização perpassa as questões que afetam, de alguma forma, as populações tradicionais do Estado de Goiás e do Brasil (povos indígenas, quilombolas, camponeses, entre outros), buscando construir processos que signifiquem transformações na vida de tais povos.

Debates sobre educação, cultura, direitos humanos, produção de alimentos, saúde, questões sobre território e as ameaças que essas populações sofrem são pautas de debate na Tenda Multiétnica. Ao longo do evento, há apresentações culturais e exposições de arte desses povos, além de oficinas, mesas de debate e rodas de diálogos com representantes de comunidades indígenas, camponesas e quilombolas que buscam trazer à tona as questões relacionadas aos direitos dessas populações e promover o diálogo entre diferentes grupos sociais.

Entre as atividades permanentes está a Feira Multiétnica, que reúne produtos, troca de saberes e diálogos de povos e populações tradicionais em mais uma oportunidade para conhecer e valorizar a diversidade cultural do nosso país.



**5° ENCONTRO DAS ESCOLAS
DE CINEMA E AUDIOVISUAL
DO BRASIL CENTRAL**

(20 de junho de 2026)

Promovido pelo curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e pelo CriaLab|UEG, o 5º Encontro das Escolas de Cinema deste ano traz o tema **Cinema Líquido**. A proposta dialoga diretamente com a temática central do FICA 2026 — “Água e clima no Brasil das nascentes” — ao traçar um paralelo com o conceito de “modernidade líquida” de Zygmunt Bauman.

O Encontro conta com o lançamento da terceira temporada da série documental “Ekobé: vida que vem da terra”, cooperação de sete TVs universitárias brasileiras, e a 3ª Mostra de Cinema Universitário Visões de Futuro. Já o tradicional IFIDEVIDULA - Festival de Videoclipes chega a sua oitava edição e anima o último dia do evento.

O evento conta com a realização da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e da Secretaria de Estado da Cultura de Goiás (Secult-GO) e com a correalização da Universidade Federal de Goiás (UFG) e da Fundação RTVE.

FICHA TÉCNICA

GOVERNO DE GOIÁS

Governador do Estado de Goiás
Daniel Vilela

Coordenadora do Gabinete de Políticas Sociais
Iara Netto Vilela

SECULT

Secretária de Estado da Cultura
Yara Nunes

Chefe de Gabinete
Leticya Fernandes Rezende

Gerente da Secretaria-Geral
Luciene Fernandes Matos

Procuradora da Procuradoria Setorial
Valeska de Oliveira Frazão

Chefe de Comunicação Setorial
Thais de Melo Lobo

Chefe do Escritório de Projetos Setorial
Juliana Rodrigues Gomes Muniz

Superintendente de Gestão Integrada
Cleiton de Oliveira Soares

Superintendente de Fomento e Gestão Cultural
Raissa Coutinho David

Gerente de Fomento ao Audiovisual e Salas de Cinema
Gabriel Dutra Bastos

Gerente de Festivais, Eventos Culturais e Artísticos
Claudia Fernandes de Souza

Gerente de Planejamento e Monitoramento de Projetos Culturais e Artísticos
Rosana Caetano Ramos Brenner

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Reitora
Sandramara Matias Chaves

Vice-Reitora
Camila Cardoso Caixeta

Pró-Reitora de Graduação
Lueli Nogueira Duarte e Silva

Pró-Reitora de Pós-Graduação
Laura Vilela Rodrigues Rezende

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Wendell Karlos Tomazelli Coltro

Pró-Reitora de Extensão e Cultura
Luana Cássia Miranda Ribeiro

Pró-Reitor de Administração e Finanças
Vicente da Rocha Soares Ferreira

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas
Maria Tereza Tomé de Godoy

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis
Maísa Miralva da Silva

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Reitor
Antonio Cruvinel Borges Neto

Pró-Reitor de Graduação
Raoni Ribeiro Guedes Fonseca Costa

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
Cláudio Roberto Stacheira

Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Estudantis
Sandra Máscimo da Costa e Silva

Diretora de Gestão Integrada
Neusa Maria Ravaroto

Coordenador da Unidade Universitária de Goiânia-Laranjeiras
Lucas Henrique Ferreira Sampaio

Coordenadora do curso de Cinema e Audiovisual
Thais Rodrigues Oliveira

Coordenador do CriaLab|UEG
Laboratório de Pesquisas Criativas e Inovação em Audiovisual
Marcelo Costa

TENDA MULTIÉTNICA

Universidade Estadual de Goiás (UEG)
Janete Rêgo Silva
Murilo Mendonça Oliveira de Souza
Robson de Sousa Moraes
Uelinton Barbosa Rodrigues

Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/Goiás)
Valéria Cavalcante da Silva Souza
Rupert Nickerson Sobrinho

Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social (SEDS/Goiás)

Sinvaldo Oliveira Saraiva
Rosi Guimarães

Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

Guilherme Franco Netto
Lorena Covem Rosa Franco Netto

Coordenação de Comunicação

Dagmar Olmo Talga

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ

Presidente

Mário Moreira

Vice-Presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde

Valcler Rangel Fernandes

Coordenação de Saúde e Ambiente

Guilherme Franco Netto

Projeto Fiocruz Cerrados

Bernardo Ferreira Câmara
Débora Nascimento Gomes da Silva
Isabella Covem Martins
Lorena Covem Rosa Franco Netto
Miller Caldas Barradas
Pedro Novaes
Suzane da Fonseca Durães
Tawana Reis Vilhena Roig Cavalcane

Canal Saúde

Márcia Correa e Castro
Nicole Fajardo Leão

**ENCONTRO DE ESCOLAS DE CINEMA
E AUDIOVISUAL DO BRASIL CENTRAL**

Coordenação Geral

Marcelo Costa

Comissão Organizadora

Ana Paula Silva Ladeira Costa - UEG
Andréa Ferraz Fernandez - UFMT
Cristiane Moreira Ventura - IFG
Denise Moraes Cavalcante - UnB
Jarleo Barbosa Valverde de Oliveira - UEG
José Eduardo Ribeiro Macedo - UEG
Maria dos Reis Soares de Brito Martins - UEG
Moacir Francisco de Sant'Ana Barros - UFMT
Régis Orlando Rasia - UFMS
Sandro de Oliveira - UEG

Equipe de Produção

Alex Frões
André Lucas
Barbara Valerim
Clara Idioriê
Eduardo Dantas
Ely Medeiros
Emanuel Monteiro
Fernanda Pereira
Fernando Côrtes
Hítallo Torquato
Iago Mendonça
Isabela Fleury
José Eduardo Umbelino
Josi Monteiro
Júlia Mariano
Laércio Alves
Océane ADAGBE
Pollyanna Marques Vaz
Ravi Dourado
Sidi Leite

FUNDAÇÃO RTVE

Diretora Executiva

Silvana Coleta Santos Pereira

Diretora da TV UFG

Vanessa Bandeira

Diretor Administrativo Financeiro

Michael Patarello

Gerente de Projetos

Thiago Guimarães

Gerente Gestão de Pessoas

Leonardo Resende Gomes

Gerente de Engenharia e Operações

Thiago Moreira Guimaraes

Gerente de Produção

Kitia Rubia

Gestora de Projeto

Priscila Rodrigues da Mata

FICHA TÉCNICA

EXECULT

Coordenadora-geral
Luana Cássia Miranda Ribeiro

Coordenador de Festivais
Francisco Guilherme de Oliveira Junior

Coordenador de Comunicação
Leandro Pinho Rodrigues

Coordenadora Administrativa
Nathália Rodrigues de Oliveira Souza Domingues

Equipe ExeCult (Projeto Gestão de Políticas Culturais do Estado de Goiás da UFG)

Anne Karoliny Rocha dos Santos

Éryka Geanne Clodes Ribeiro

Isadora de Souza Neiva

Lucas de Sousa Lopes

Mateus Felipe da Costa Silva

Marco Túlio Rodrigues de Oliveira

Matheus da Silva Pereira

Thamara Ferreira Aquino

Tamara Silva Oliveira

Victória Miranda de Souza

Wesley Alves Lopes da Silva

PREFEITURA DA CIDADE DE GOIÁS

Prefeito
Aderson Liberato Gouvea

Vice-prefeita
Zilda Assis Lobo

Secretária de Cultura
Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo

Secretária de Educação
Flávia de Jesus da Silva e Souza Santos

Secretário de Meio Ambiente
Lucas Clementino dos Santos

Secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico
Rosimeire Barroso Rodrigues

Assessoria de Comunicação
Lázaro Ribeiro (Diretor)
Equipe ASCOM:
Juliana Chaves
Taciano Feitosa

EQUIPE FICA

Direção de Programação
Pedro Novaes

Consultoria de Cinema
Fabiana Assis

Consultoria de Meio Ambiente
Laerte Guimarães Ferreira

Produção das Mostras de Cinema
Jordana Oliveira

Produção dos Fóruns e das Atividades Formativas
Mariah Mundim

Coordenação Local de Produção
Maurício Antônio Cruz

Assistentes de Produção
Luciana Carneiro
Tiara Mundim

Assistente de Júris
Bárbara Kaxuyana

Coordenação de Tráfego
Luis Fernando de Sousa

Assistente de Tráfego
Ana Beatriz Sá

Coordenação do Encontro com Realizadores
Daniel Christino

Assessoria de Comunicação e Gestão de Redes:
Alessandra Sousa Ferreira
Celina Joaquina de Sousa
Giovana Andrade de Almeida
Matheus de Oliveira Moreira
Thaís Lobo

Tradução e legendagem:
Galápagos Produções
Caius César de Castro Brandão
Diogo Diniz Garcia Gomes
Fernando Batista Safadi

Cópias DCP e Projeção:
Fabrício Cordeiro e Nuno Aymar

Edição do catálogo:
Luísa Guimarães

Projeto gráfico e diagramação do catálogo:
Natã Carvalho



FICA 2026

27º FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA E VÍDEO AMBIENTAL

Cooperação:



Imprensa Oficial:



Parceria Estratégica:



Correalização:



Realização:

